

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**ARQUIVO PESSOAL JOAQUIM
VERÍSSIMO SERRÃO: ESTUDO
BIOGRÁFICO E PROPOSTA DE QUADRO DE
CLASSIFICAÇÃO**

JOÃO ZAMBUJO DE OLIVEIRA

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Carlos Guardado da
Silva e pelo Prof. Doutor Gonçalo Sampaio e Mello,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Documentação e Informação

2023

Dentro desta óptica, torna-se basilar tentar descobrir a influência de um pensador noutra pensador, de um historiador noutra historiador. Só que as influências a ter em conta nem sempre são influxos positivos, benéficos. Por vezes, o discípulo herda precisamente do mestre os defeitos. Por vezes, retirando dele o mais positivo, sobrevaloriza, hipertrofia, dá à sua lição tal valor de exclusividade que termina resvalando em falta grave. De quando em quando, a influência processa-se não por recepção, mas por reação. Não raro ainda, é dupla – adopta-se e rejeita-se ou procura-se superar.

Martim de Albuquerque, *Estudos de Cultura Portuguesa*

Resumo

A Organização e Representação da Informação é condição para a promoção do acesso à Informação. A dissertação ora apresentada dá um contributo para a organização e representação da informação do arquivo pessoal do historiador Joaquim Veríssimo Serrão. Tem como objetivo estudar a organização do Arquivo Pessoal Joaquim Veríssimo Serrão, propondo um quadro de classificação para a representação da informação. O processo de investigação foi concretizado através do método de investigação documental e do método biográfico. Procura-se averiguar o aparato teórico que diz respeito a arquivos pessoais, abordando e introduzindo o tema de arquivos pessoais de historiadores, apurando se neles existem algumas especificidades que os distingam dos restantes. Apresenta-se, de seguida, um estudo biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão de modo a percorrer a sua vida multifacetada. Por conseguinte, o estudo biográfico permite compreender uma vida preenchida por diversos papéis e funções, que correspondem, por vezes, a períodos cronológicos distintos, mas encadeados, da vida do produtor do arquivo. É através dessa subdivisão e do seu cruzamento com um inventário de natureza patrimonial, elaborado quando do seu legado à Câmara Municipal de Santarém, que se elabora uma proposta de macroestrutura para um quadro de classificação facetado que permita organizar e representar a informação do arquivo, quando completado com a análise das unidades de informação. Deste modo, para completar a presente abordagem *top-down*, será necessária outra abordagem *bottom-up*, que parta da informação acumulada para os papéis, funções e atividades desenvolvidos por Joaquim Veríssimo Serrão.

Palavras-chave

Arquivo Pessoal; Classificação; Joaquim Veríssimo Serrão; Método Biográfico.

Abstract

The Organization and Representation of Information is a condition for promoting access to Information. The dissertation here presented provides a contribution to the organization and representation of the information in the personal archives of the historian Joaquim Veríssimo Serrão. It aims to study the organization of the Joaquim Veríssimo Serrão Personal Archives, proposing a classification framework for the representation of information. The research process was carried out through the documentary research method and the biographical method. It seeks to ascertain the theoretical apparatus regarding personal archives, approaching and introducing the theme of personal archives of historians and ascertaining whether there are any specificities in them that distinguish them from the others. Next, a biographical study of Joaquim Veríssimo Serrão is presented to cover his multifaceted life. Therefore, the biographical study allows us to understand a life filled with different roles and functions which sometimes correspond to different chronological periods but linked in the life of the archives creator. It is through this subdivision and its crossing with an inventory of an heritage nature, prepared at the time of his legacy to the Municipality of Santarém, that a macrostructure proposal is elaborated for a faceted classification framework, that allows to organize and represent the archive information when completed with the analysis of the information assets. Thus, to complete this top-down approach another bottom-up approach will be needed, starting from the accumulated information for the roles, functions and activities developed by Joaquim Veríssimo Serrão.

Keywords

Personal archives; Classification; Joaquim Verissimo Serrão; Biographical Method.

A meus pais.

Agradecimentos

O processo de elaboração desta dissertação de mestrado mostrou-se longo e complexo. Não teria sido concretizado sem a mão orientadora de dois mestres, com os quais o convívio se revelou preponderante para a conclusão deste trabalho.

Ao Professor Doutor Carlos Guardado da Silva, cujos méritos intelectuais e académicos muito influenciaram este trabalho, agradeço todo o apoio, orientação e amizade, que se revelaram verdadeiramente fundamentais. Mas também por me ter mostrado os benefícios e a grandeza da Ciência da Informação que, aliada à História, a pode nutrir de forma significativa. Agradeço igualmente ao Professor Doutor Gonçalo Sampaio e Mello, não só pelo apoio orientador na feitura deste trabalho, mas também por me ter possibilitado a elaboração de uma investigação na respetiva unidade curricular, já sobre um muito interessante aspeto biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão.

Se sob o magistério intelectual de Joaquim Veríssimo Serrão se trilhou este estudo, cumpre naturalmente começar por agradecer a todos quantos no seu decurso houveram por bem partilhar uma saudosa recordação de convívio com o historiador de quem o arquivo é agora argumento. Por isso, uma palavra de agradecimento a três personalidades que tiveram a delicadeza e elegância de partilhar com o autor destas linhas a sua experiência de convívio com Joaquim Veríssimo Serrão. Um sincero obrigado ao Rev. Frei Henrique Pinto Rema, OFM; ao Frei D. António Montes Moreira, OFM, franciscano e bispo emérito da Diocese de Bragança-Miranda; e ao Dr. Ludgero Mendes, ilustre etnógrafo, antropólogo e folclorista escalabitano.

Ao Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, na pessoa do seu diretor, o Professor Doutor Martinho Vicente Rodrigues, agradeço todo o apoio demonstrado à investigação desde a primeira hora. Agradeço ainda o acesso ao inventário de tipo patrimonial, instrumento de trabalho importante, uma vez que não foi possível o acesso às fontes de informação encerradas no arquivo pessoal do Professor Joaquim Veríssimo Serrão. Estendo o agradecimento à técnica superior deste Centro, responsável pelo arquivo, a Dra. Susana Duarte, a quem muito penhorado estou por todas as informações que ao longo do tempo me disponibilizou.

À Academia Portuguesa da História, na pessoa da sua Presidente, a Professora Doutora Manuela Mendonça, quero também agradecer pela possível consulta da ficha de académico do Professor Joaquim Veríssimo Serrão.

Agradeço ainda ao Dr. Gonçalo Vidal Palmeira e ao Dr. Tomás Pinto Bravo que, para além dos profundos laços de amizade que nos unem, muitas foram as partilhas efetuadas, muitos foram os momentos em que a sua ajuda se tornou preponderante.

E como a família é um dos pilares que sustentam o meu espírito, um agradecimento cimeiro deve ser feito a meus pais, não só por me proporcionarem um percurso académico digno, mas também por tudo quanto fazem por mim no dia-a-dia da minha existência; estendo, naturalmente, o agradecimento a minha irmã e a meus avós.

Sumário

Introdução.....	p. 8
1. Arquivos Pessoais.....	p. 15
1.1 Definições e Conceitos.....	p. 15
1.2 Arquivos Pessoais de Historiadores.....	p. 33
2. Metodologia.....	p. 40
2.1 Método de Investigação Documental.....	p. 42
2.2 Método Biográfico.....	p. 50
3. Joaquim Veríssimo Serrão: um olhar sobre o percurso da sua vida.....	p. 61
4. Organização e Representação da Informação – Macroestrutura para um Quadro de Classificação.....	p. 109
Conclusão.....	p. 125
Referências Bibliográficas.....	p. 131

Introdução

A História está sempre ligada ao humano e às marcas que este deixou na sua evolução. Mas de um «humano» que se integra no «social» e que o dirige ou dele recebe impulsos para manifestar a sua presença no tempo.¹

Dentro da investigação em Ciência da Informação e, mais especificamente da arquivística, os arquivos pessoais têm vindo a ser, cada vez mais, palco de crescente e inovada investigação. Esta tipologia de arquivos é, com efeito, um caso único dentro do grande leque de áreas que compõem a Ciência da Informação. Certo é que ainda surgem discussões sobre o seu verdadeiro significado, mas, ainda assim, são inegáveis certas características que os compõem. Dentro dessas particularidades surge com grande interesse a relação da ciência com o homem, o seu estudo, a sua conjugação. Os arquivos pessoais são reflexo disso, não só por serem fruto da vivência de um determinado indivíduo num certo tempo, mas também por permitirem, a quem sobre eles se debruça, vislumbrar no arquivo o reflexo do seu produtor, tal como a possibilidade de, através dele, reconstruir a sua vida.

Sendo crescente o reconhecimento do estudo biográfico como método essencial para investigação histórica, também os arquivos pessoais têm definido o seu papel como importante veículo para a construção do conhecimento. O estudo biográfico e os arquivos pessoais interagem entre si de duas maneiras distintas. Se por um lado os arquivos pessoais desempenham um papel crucial para a utilização do método biográfico, ou biografias, no cenário da investigação documental; também o estudo biográfico se revela um método essencial para a organização, ou estruturação, se assim lhe quisermos chamar, dos arquivos pessoais – culminando no resultado de uma estrutura para a sua organização e representação. Existe, depois, um outro aspeto que é comum quer ao método quer a esta tipologia de arquivos – o grau de subjetividade que lhe está inerente, que se pretende minorar com o uso daquele. Nos arquivos pessoais, porque as fontes de informação neles contidas foram construídas, desenhadas, num contexto próprio, emotivo e influenciado

¹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História e Conhecimento Histórico*. 2.^a ed. Santarém: Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, 2022, p. 23.

socialmente num tempo e num contexto próprio, contemporâneo ao seu produtor. O método biográfico revela-se também subjetivo porque, para além de trabalhar as ditas fontes anteriormente referidas que integram os arquivos pessoais, é constituído por um agente externo – o investigador – que faz escalar essa carga de subjetividade. Essa subjetividade faz-se notar pela dimensão humana que a relação entre o investigador e o objeto de estudo acarreta. Um investigador, ao estudar um outro homem, muitas das vezes com o qual se identifica - quer por motivos profissionais, quer pelo espírito que os congrega - embrenha-se na vida do biografado como se, a dada altura, fizesse parte dela.

Ora, tomando conhecimento do arquivo pessoal do reputado historiador escalabitano Joaquim Veríssimo Serrão, que se encontra virgem do ponto de vista do tratamento arquivístico, desde a sua doação pelo próprio à Câmara Municipal de Santarém, decidimos então fazer dele nosso objeto de estudo. Sendo muito significativa a dimensão da informação que compõe este arquivo pessoal, e sabendo nós da completa e complexa vida de Joaquim Veríssimo Serrão, depressa verificámos que muito se adaptava este caso aos aspetos acima mencionados. Seguindo, portanto, uma abordagem sistémica onde se conciliam estes aspetos e não só, esta dissertação pretende estudar a organização e representação do Arquivo Pessoal Joaquim Veríssimo Serrão, propondo uma macroestrutura para um quadro de classificação para a representação eficaz da informação. Para seguir então esta abordagem, foi essencial conjugar alguns aspetos, nomeadamente uma revisão da literatura que pretende contextualizar a dimensão teórica dos arquivos pessoais, uma vez que o objeto de estudo é, efetivamente, um arquivo pessoal; um estudo biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão, que tem como resultado a identificação das distintas facetas, bem como das funções e atividades do historiador, para posterior elaboração de uma proposta de macroestrutura para um Quadro de Classificação. A conjugação destes três aspetos pretende então dar resposta à nossa questão de partida: *a partir do percurso de vida de Joaquim Veríssimo Serrão, como poderá ser representada e organizada a informação que compõe o seu arquivo pessoal?*

Ambicionando responder a esta questão de partida, impusemos à investigação, para além do objetivo geral já acima enunciado, alguns objetivos específicos, que vão resultar, com efeito, nos capítulos que compõem esta dissertação. Primeiro que tudo, urge expor em jeito de revisão da literatura aquilo que a comunidade científica da Ciência da Informação tem vindo a dizer a propósito dos arquivos pessoais. Procuramos, portanto, explorar epistemologicamente o conceito de arquivos pessoais, de maneira a perceber,

realmente, através das várias perspetivas, a sua essência. Todavia, sendo o nosso objeto de estudo o arquivo pessoal de alguém que dedicou toda a sua vida ao ofício de historiador, procuramos também aferir, através de alguma literatura disponível, quer a expressividade que os arquivos pessoais de historiadores têm no cenário global dos arquivos pessoais, quer também perceber algumas especificidades que possam ter, e que os possam também, embora de forma ténue, distinguir dos outros. Esta categorização, se assim lhe pudermos chamar, de arquivos pessoais de historiadores, que tem por base uma representação profissional, é algo sobre o qual a comunidade científica ainda não se debruçou, pelo que o que fazemos nada mais é do que uma breve introdução ao assunto. Desta questão resultou o capítulo 1 “Os Arquivos Pessoais”, que se subdivide em “1.1. Definições e Conceitos; e “1.2. Arquivos Pessoais de Historiadores”.

Como não podia deixar de ser, é necessário discutir a metodologia da investigação, que deve ser devidamente explicada e teorizada, de maneira a justificar a sua utilização. Esta questão vem explanada no capítulo 2 “Metodologia”. Porque foram dois os métodos escolhidos para tentar levar a bom porto esta investigação, para cada um deles elaborámos um subcapítulo. O primeiro dedica-se ao método de investigação documental, método que se revelou essencial na plenitude da investigação, que diz respeito, com efeito, àqueles dois conceitos utilizados desde há muito – a heurística e a hermenêutica, que se traduzem na pesquisa e análise das fontes de informação, e depois na interpretação do seu conteúdo, respetivamente. Já o segundo subcapítulo diz respeito ao método biográfico que, não ao acaso, não pode ser praticado sem o método de investigação documental – são, com efeito, dois métodos que, na perspetiva do método biográfico, se complementam. Como o próprio nome do método indica, este é crucial para formularmos um estudo biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão. A sua teorização auxilia-nos, e muito, a entender, primeiro que tudo, a característica subjetividade do método em si, porque envolve o investigador e o biografado, aproximando-os. Mas também porque nos ajuda a entender a subjetividade inerente à vida de um indivíduo que estudou, trabalhou e participou ativamente no contexto social que o rodeava, que pensou, escreveu e, que, por fim, deixou um legado enorme – quer material, quer espiritual.

A Metodologia leva-nos, por conseguinte, ao próximo capítulo que diz respeito ao estudo biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão, o qual denominámos, pela sua natureza metódica e relativamente sucinta, de “Joaquim Veríssimo Serrão: um olhar sobre o percurso da sua vida”.

Foram várias as personalidades que, durante o século XX, se destacaram nos vários ramos que compunham a sociedade portuguesa. Vários foram aqueles que deram a sua vida à Cultura, à Educação, à Ciência, à História, à Literatura e a muitos outros ramos intelectuais e científicos. Joaquim Veríssimo Serrão foi, com efeito, um desses homens. Desde 1944 que se entregou de corpo e alma à cultura e à história, entrega essa que ficou perpetuada no vasto legado constituído pela sua obra historiográfica. Ao longo da sua vida, dedicou-se a várias atividades, a várias instituições, todavia sempre com o mesmo ideal – servir a cultura e o seu País. Todo este dinamismo em que empenhou a sua vida fez com que o historiador escalabitano possa ser considerado um homem de diversos predicados. Ao longo da sua carreira, cruzou o seu caminho com grandes nomes ilustres do seu tempo, quer em Portugal, quer no estrangeiro. E desempenhou cargos institucionais cruciais da vida portuguesa, que farão com que se perceba, depois de tudo, a complexidade intelectual que o caracterizava. Neste estudo biográfico, embora a lâmina imperfeita possa não fazer jus à figura que narra, procuraremos enumerar, quanto mais não seja, alguns momentos essenciais da vida do historiador. Subdividimos este estudo, no entanto, em vários tópicos. São eles: *Origens; Estudante na Lusa Atenas; Um Estrangeirado; Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; O Regresso a França; Ao Serviço de um Ideal; Um Golpe na Universidade; ‘Um Voltar de Página’; A Escola Veríssimo Serrão; Uma Obra. Um Legado; e Epítome de um Historiador.*

Para elaborar este estudo biográfico, uma vez que não puderam ser utilizadas as fontes de informação encerradas no seu arquivo pessoal, nem tampouco os seus processos individuais na Faculdade de Letras e na Reitoria da Universidade de Lisboa, utilizámos, para o efeito, outro tipo de fontes de informação. É o caso de alguns escritos autobiográficos, correspondência publicada, fontes de informação audiovisuais (ex. entrevistas e discursos) dos Arquivos da RTP, bem como o recurso a arquivos, como é exemplo o arquivo pessoal do Frei Henrique Pinto Rema, OFM², e a diversa bibliografia. Neste seguimento, é preciso ressaltar que a figura de Marcello Caetano assume, neste trabalho, uma posição de destaque. Isso é justificável, não só pela influência marcante que desempenhou na vida de Joaquim Veríssimo Serrão, mas também porque existem fontes publicadas que dizem respeito aos dois personagens. É o caso de *Marcello Caetano. Confidências no Exílio* (1985), que para além de esmiuçar o convívio que o

² O Arquivo Pessoal do Frei Henrique Pinto Rema encontra-se à guarda do Arquivo da Província Portuguesa da Ordem dos Franciscanos, sito no Convento de Nossa Senhora da Conceição, Largo da Luz.

historiador manteve com o mestre de Direito, não deixa de ser também um registo autobiográfico de Joaquim Veríssimo Serrão; e também a publicação do trato epistolar que mantiveram desde o 25 de Abril até à morte de Marcello Caetano, que foi dada à estampa, na íntegra, pelo historiador escalabitano – *Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980)*. São duas publicações que se assumem neste trabalho como fonte de informação essencial e preponderante. A propósito desta questão, foi publicado um trabalho por nós formulado, intitulado “Joaquim Veríssimo Serrão e Marcello Caetano: uma relação de Amizade e Lealdade”³. Ainda não foi consagrado a Joaquim Veríssimo Serrão, com efeito, um estudo biográfico mais profundo. No entanto, a bibliografia por nós utilizada, para além dos registos autobiográficos do próprio, diz respeito a, principalmente, alguns artigos de jornal, entradas de livros e dicionários⁴, e artigos científicos consagrados por alguns colegas, admiradores e discípulos ao estudo da figura do mestre⁵. Joaquim Veríssimo Serrão foi um homem singular da história recente de

³ OLIVEIRA, João Zambujo de – Joaquim Veríssimo Serrão e Marcello Caetano: uma relação de Amizade e Lealdade. *Mátria XXI*. n.º 11 (2022), p. 515–562.

⁴ TELO, António José – SEERÃO, Joaquim Veríssimo. Em *Dicionário de História do Estado Novo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996. Vol. II; VEIGA, Carlos Margaça – SERRÃO, Joaquim Veríssimo. Em *Dicionário de Historiadores Portugueses: Da Academia Real das Ciências ao Final do Estado Novo* [acedido em <URL file:///C:/Users/Jo%C3%A3o%20Z.%20Oliveira/Zotero/storage/TXPU2CFP/historiadores_verissimo_serrao.html>

⁵ São *exempla*: REIS, Maria de Fátima – Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão na História de Santarém. A minha homenagem no 95.º Aniversário. *Mátria XXI*. Número Especial Evocativo em Memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Herança Cultural e Património Científico (2021), p. 39–42; FERRÃO, Nuno Sotto Mayor – O percurso vivencial e a obra historiográfica de Joaquim Veríssimo Serrão. *Mátria XXI*. Número Especial Evocativo em Memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Herança Cultural e Património Científico (2021), p. 142–165; MACEDO, Jorge Borges de – Joaquim Veríssimo Serrão. Em *Joaquim Veríssimo Serrão. Uma Presença, Uma Obra, Um Historiador*. Lisboa: Edições Colibri, 1995, p. 7-16; BARATA, Maria do Rosário Themudo; FARINHA, António Dias; MENDONÇA, Manuela; et al. – Introdução Biográfica. Em *Amar, Sentir e Viver a História: Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*. Lisboa: Edições Colibri, 1995. Vol. I, p. XVI-XIX.; MENDONÇA, Manuela – D. Joaquim Veríssimo Serrão. *IACOBVS - Revista de Estudos Jacobeos y Medievales*. n.º 23–24 (2008); BRAVO, Tomás Pinto – Joaquim Veríssimo Serrão (1925–2020): Evocação de Uma Vida e de Uma Obra. *Brotéria*. Vol. 191–4, (2020), p. 288-295; MORÁN MARTÍN, Remedios – España y Portugal. Vivencias históricas. Crónica y ecos de Joaquim Veríssimo Serrão en Asturias. *Mátria XXI*. n.º Número Especial Evocativo em Memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão. Herança Cultural e Património Científico. (2021), p. 44–67; WEHLING, Arno – Joaquim Veríssimo Serrão e a História luso-Brasileira. *Mátria XXI*. Número Especial Evocativo em Memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Herança Cultural e Património Científico (2021), p. 103–111; PROTÁSIO, Daniel Estudante – Dois mestres da historiografia portuguesa: o visconde de Santarém (1791-1856) e Joaquim Veríssimo Serrão (1925-2020). *Mátria XXI*. Número Especial Evocativo em Memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Herança Cultural e Património Científico (2021), p. 113–120; MOREIRA, Teresa Lopes – A colaboração de Joaquim Veríssimo Serrão na imprensa regional ribatejana. *Mátria XXI*. Número Especial Evocativo em Memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Herança Cultural e Património Científico (2021), p. 121–139; MOREIRA, Teresa Lopes – O estudante universitário Joaquim Veríssimo Serrão. *Correio do Ribatejo*. 2020. [acedido 9 fevereiro 2023] em <URL <https://correiodoribatejo.pt/o-estudante-universitario-joaquim-verissimo-serrao/>>; MENDES, Ludgero – Parabéns Professor Joaquim Veríssimo Serrão! *Correio do Ribatejo*. 2020. [acedido 9 fevereiro 2023] em <URL <https://correiodoribatejo.pt/parabens-professor-joaquim-verissimo-serrao/>>; MENDES, Ludgero –

Portugal, verdadeiramente um *homo nobilis*. Deixou um legado muito significativo, particularmente pela sua vasta produção historiográfica, mas também pela marca intelectual e de mestria que deixou numa geração que se revia e revê nos seus ideais, na sua maneira de conceber e escrever a história – a Escola Veríssimo Serrão⁶. Contestado por uns, admirado por outros, foi um homem do seu tempo, que se dedicou a causas, embora seguindo sempre os valores do espírito que compunham a sua essência. O seu arquivo pessoal documenta toda essa vida dinâmica que reflete o homem, mas também um certo tempo com que interagiu e participou.

Conhecido o aparato teórico e elaborado o estudo biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão, é tempo de elaborar uma macroestrutura para um quadro de classificação, que uma vez completado permita representar a informação contida no arquivo pessoal de Joaquim Veríssimo Serrão. É o estudo biográfico que, depois cruzado com o inventário de natureza patrimonial disponibilizado pela entidade tuteladora do arquivo, vai ditar a estruturação macro desse quadro. É de ressaltar, no entanto, que uma vez que não nos foi possível aceder ao seu arquivo pessoal, e pela sua quantidade exceder o aceitável para uma dissertação de mestrado, o quadro de classificação é elaborado, somente, ao nível macro, ou seja, espelha os níveis de topo, que não são poucos, em que devem ser organizadas, representadas e agrupadas as várias fontes de informação. O quadro de classificação reflete, teoricamente, a organicidade presente no arquivo pessoal de Joaquim Veríssimo Serrão, devendo também servir de base ao futuro tratamento arquivístico da documentação no mesmo existente.

A dissertação de mestrado que aqui se apresenta pretende, portanto, dar o seu contributo para este campo ainda por desbravar que é o estudo dos arquivos pessoais, nomeadamente, os arquivos pessoais de historiadores. Nada mais pretende do que dar a sua colaboração para valorizar um arquivo pessoal de alguém que teve a preocupação e o intuito de o legar aos vindouros, para que viessem a trabalhá-lo. Traduz-se no estudo do arquivo de alguém que desempenhou um papel ativo no seu tempo, e que deixou uma marca indelével na historiografia contemporânea – nomeadamente pelo labor

Prof. Veríssimo Serrão – O Príncipe dos Afectos! *Correio do Ribatejo*. 2020. [acedido 14 fevereiro 2023] em <URL <https://correiodoribatejo.pt/prof-verissimo-serrao-o-principe-dos-afectos/>>; VEIGA, Carlos Margaça – Joaquim Veríssimo Serrão, Sexto Presidente da Academia Portuguesa da História (1975-2006). Em *Os Presidentes da Academia Portuguesa da História (1937-2006)*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2021, p. 171–192.

⁶ RODRIGUES, Martinho Vicente – Editorial. Em *Mátria XXI - Revista do Centro de Investigação Prof. Doutor Veríssimo Serrão*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém, 2012, p. 8.

investigativo que realizou enquanto historiador. Joaquim Veríssimo Serrão pode ser hoje considerado, com efeito, um vulto maior da história do século XX português. Personificação de um tempo próprio que ajudou a construir e com o qual interagiu – é Joaquim Veríssimo Serrão exemplo paradigmático de uma estirpe de homens do século XX, como outrora se autointitulou – um não vencido-da-vida⁷.

⁷ DIABO, Jornal O. – Será sempre lembrado pelos portugueses. Em *Jornal O DIABO*. 2020 [acedido 24 janeiro 2023] em <URL <https://jornaldiabo.com/destaque/sera-sempre-lebrado-pelos-portugueses/>>. Artigo publicado a propósito da morte de Joaquim Veríssimo Serrão, da autoria de Pedro Soares Martínez, seu amigo de longa data.

1. Os Arquivos Pessoais

1.1 Definições e Conceitos

Para levar a cabo qualquer investigação, seja ela de que âmbito for, e por mais restrita que seja, é imperativo situar, ou enquadrar cientificamente o objeto dessa investigação. Quando nos referimos a enquadrar queremos dizer situá-la, localizá-la ou contextualizá-la no panorama global da ciência. Com isso, poder-se-á verificar a base, o aparato, ou se quisermos, a raiz da investigação de maneira a torná-la una, linear e bem perceptível. No que respeita aos arquivos pessoais, categoria conceptual onde se situa o nosso objeto de estudo, esta contextualização é deveras essencial. Essencial porque não nos podemos debruçar cientificamente sobre os arquivos pessoais, sem perceber, quanto mais não seja, o próprio conceito. Sendo este tema bastante atual, a que alguns investigadores da ciência da informação têm dedicado as suas linhas, parece-nos bastante importante delinear as várias características que se relacionam, ou se têm relacionado, com este conceito. Um conceito que serve para denominar um tipo tão específico de arquivos e cuja importância tem vindo a revelar-se cada vez mais preponderante, quer na teoria arquivística, quer por ser considerado um sistema de informação essencial para os investigadores e para a história, enquanto disciplina.

Com isto, tratando-se o tema desta dissertação de um arquivo pessoal, é de salutar importância perceber o significado epistemológico deste conceito. Para esse efeito, procurámos, através da literatura científica mais atual e pertinente, ou até, pode dizer-se, mais marcante, averiguar o que se tem dito e analisado em torno desta temática. Procuramos perceber, de uma forma não muito exaustiva, a evolução do conceito, a sua amplitude e os seus limites, interiorizando e comparando algumas das muitas definições que lhe têm vindo a ser atribuídas ao longo do tempo. Propomo-nos, neste seguimento, a dividir esta abordagem em duas partes. Num primeiro momento cingimo-nos, somente, aos arquivos pessoais de uma forma genérica e global, procurando identificar as várias perspetivas que sobre eles existem, bem como a identificação de alguns problemas ao nível dos conceitos; num segundo momento procuramos especificar a abordagem, concentrando-nos em arquivos pessoais cujos produtores foram historiadores, pois o caso de estudo concreto que levamos adiante tem por objeto um arquivo pessoal de historiador. Esta segunda abordagem não procura analisar epistemologicamente estes arquivos

particulares, pois as suas definições inserem-se nas primeiras. Procuramos, sim, averiguar o panorama de arquivos pessoais de historiadores em Portugal, a sua expressão em território nacional, ou algumas especificidades que os possam destacar dos outros, através da literatura disponível para esse efeito.

De várias maneiras se tem, ao longo do tempo, procurado definir os arquivos pessoais, “sendo prolixas as designações para denominar os conjuntos de documentos produzidos, recebidos e mantidos pelos indivíduos, ao longo da sua vida, na esfera das suas atividades e funções sociais.”⁸. Ainda assim, com o evoluir dos tempos e do conseqüente progresso da investigação em torno deste tema, as definições de arquivos pessoais têm sido discutidas, questionadas ou até mesmo refutadas. Epistemologicamente, este conceito é complexo porque se divide em dois, ou seja, existe o conceito «arquivo», ele próprio teoricamente passível de várias interpretações, e depois o conceito «pessoal», que identifica o arquivo e o direciona a alguém específico; depois a união deste adjetivo à palavra arquivo, bem como a exploração das suas características – de averiguar o que é, de facto, ou não pessoal⁹. Há, portanto, uma grande complexidade em torno desta definição, o que levou à necessidade de enquadrar este tipo de arquivos na teoria da arquivística, que por si só também tem uma panóplia de *Escolas* de pensamento que sobre ela se debruçam e detêm opiniões distintas. Sofia Carvalho ressalva que existem bastantes entraves à inserção dos arquivos pessoais na teoria arquivística, e que estes “são por vezes percecionados como um objeto fora do campo de estudo e trabalho da disciplina da arquivística, e, conseqüentemente, fora da área de atuação da Ciência da Informação”¹⁰.

No que respeita ao caso lusófono, Zélia Pereira começa por referir, baseada na definição de «arquivo» em conformidade com a NP 4041, que a origem dos documentos dita ela própria um arquivo independente. Esta questão é colocada em prática a um princípio teórico da arquivística designado “princípio do respeito dos fundos”¹¹, que defende que cada arquivo se deve manter em torno da sua entidade produtora, bem como “a ideia de que os documentos ligados a um mesmo produtor devem permanecer

⁸ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal: identificação e valorização*. Universidade de Évora, 2018. doctoralThesis, p. 36.

⁹ IDEM - *Ibidem*, p. 36.

¹⁰ CARVALHO, Sofia Alexandre Costa de – *O Arquivo Pessoal como construção auto/biográfica: a (re)construção da narrativa de vida do Arquivo pessoal Godofredo Ferreira Sofia Alexandre Costa de Carvalho*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2018, p. 15.

¹¹ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 39.

juntos”¹², não se misturando com outros de origem distinta. Para denominar esse aglomerado de documentação, que é completo e cujos documentos mantêm uma relação de inerência entre si, utiliza-se os termos «fundo» ou «sistema de informação». Zélia Pereira deixa ainda a ressalva que a Norma NP 4041 considera o termo fundo similar ao de arquivo, embora utilizado para casos de arquivos definitivos. Ainda assim, é de crucial importância destacar que o termo fundo se revela ambíguo, utilizado também para denominar uma coleção de uma biblioteca, por exemplo. No que respeita ainda às definições mais globais de arquivo, a mesma autora faz menção à definição proposta no *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (DBTA)*, que designa um arquivo como um “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte”¹³, cuja definição remete ainda para fundo, mostrando ainda as suas semelhanças.

No que respeita agora mais concretamente a arquivo pessoal, o mesmo Dicionário anteriormente citado apresenta uma definição algo redutora. Caracteriza um arquivo pessoal como “arquivo de pessoa física”¹⁴. Zélia Pereira refere que esta definição “circunscreve o pessoal em função da existência corporizada do indivíduo, num sentido correlativo a uma entidade biológica”¹⁵, e que apresenta uma distinção no que respeita à definição de «arquivo de família», que o DBTA considera como “arquivo privado de uma família ou de seus membros, relativo às suas atividades públicas e privadas, inclusive à administração de seus bens”¹⁶ – a distinção destes dois termos é crucial para o universo dos arquivos pessoais e para se não confundirem arquivos pessoais com arquivos de família, confusão essa que tende a ser praticada muitas vezes. No que respeita a esta confusão, é de salientar que um arquivo de família pode ser composto por vários arquivos pessoais, quando os seus produtores “reúnem informação predominantemente referente a um indivíduo constituinte da família”¹⁷. Zélia Pereira identifica ainda outra definição

¹² IDEM - *Ibidem*.

¹³ ARQUIVO NACIONAL (BRAZIL) (ed.) – *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Casa Civil, Presidência da República, Arquivo Nacional, 2005, p. 27

¹⁴ IDEM - *Ibidem*, p. 34.

¹⁵ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 40.

¹⁶ ARQUIVO NACIONAL (BRAZIL) (ed.) – *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*, p. 29

¹⁷ CARVALHO, Sofia Alexandre Costa de – *O Arquivo Pessoal como construção auto/biográfica: a (re)construção da narrativa de vida do Arquivo pessoal Godofredo Ferreira Sofia Alexandre Costa de Carvalho*, p. 20.

extraída de Heloísa Bellotto¹⁸, que considera o arquivo pessoal como “o conjunto de informação, seja qual for o seu suporte, resultante da vida e da obra ou atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas, ou outros, enfim, de pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possam ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram as suas atividades”¹⁹. Arquivos esses com informações inéditas e relevantes para a comunidade científica. Este aspeto costuma ser mais ou menos constante em todas as teorizações sobre este tema. Sofia Carvalho, por seu turno, refere que “a informação contida nos arquivos pessoais, não só decorre, como espelha também os papéis sociais desempenhados em vida pelo produtor do arquivo pessoal”²⁰. Ainda assim, Maria del Carmo Mastropierro²¹ menciona que não basta existirem documentos pessoais para estes serem considerados arquivos pessoais. Ou seja, para que assim sejam considerados, os documentos pessoais devem ser submetidos a uma crítica documental, ou se quisermos, a uma análise de conteúdo prévia. Segundo Carmo Mastropierro existe uma tripla função dessa crítica documental – “recolher, conservar e servir”²², ou seja, esses documentos podem ser considerados o embrião de um futuro arquivo pessoal, se de facto existirem condições necessárias para tal. Definições como estas fazem com que o estatuto do arquivo esteja dependente da sua essência – os documentos pessoais.

No cenário da investigação científica de língua castelhana, que cremos ser de significativa importância mencionar, María del Rosario Díaz Rodríguez insere os arquivos pessoais dentro da categoria dos arquivos privados. Esta autora defende que quando “el fondo custodia documentos en cualquier soporte y tipo generados por actividades y necesidades de un individuo a largo de su vida o durante un período de ella se considera un fondo personal que, una vez organizado, será un archivo personal”²³. Portanto, de acordo com esta teoria, só existe arquivo pessoal quando o fundo documental de determinado individuo é organizado – transparece, embora indiretamente, e à

¹⁸ Vide BELLOTO, Heloísa Liberalli – *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1991.

¹⁹ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 41.

²⁰ CARVALHO, Sofia Alexandre Costa de – *O Arquivo Pessoal como construção auto/biográfica: a (re)construção da narrativa de vida do Arquivo pessoal Godofredo Ferreira Sofia Alexandre Costa de Carvalho*, p. 16

²¹ Vide MASTROPIERRO, Maria del Carmen – *Los Archivos Privados: Análisis y Gestión*. Buenos Aires: Alfagrama Ediciones, 2006, p. 15

²² PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 41.

²³ DÍAZ RODRÍGUEZ, María del Rosario – Entre bibliotecas y archivos: Los transgresores archivos personales. *Bibliotecas. Anales de investigación*. Vol. 4, n.º 0 (2021), p. 7

semelhança de outros autores, a necessária organicidade dos arquivos. Díaz Rodríguez defende que um arquivo pessoal permite a qualquer um embarcar numa viagem pelo “pensamiento de una persona y a la razón de ser de sus acciones y actitudes que pertenecen por lo general a la esfera privada”²⁴. Para esta autora um arquivo pessoal possui particularidades muito próprias, pois a documentação do produtor é produzida num contexto próprio, ao longo da sua vida “y de acuerdo com sus necesidades e intereses vitales y profesionales”²⁵. Acrescenta ainda que a própria natureza destes documentos pessoais vem colocar em causa a criação de documentos arquivísticos, pela carga subjetiva que detêm, e é essa a razão, segundo Díaz Rodríguez, pela qual este tipo de arquivos foi por tanto tempo ignorado, nomeadamente pelas entidades encarregadas da sua gestão, como é o caso das bibliotecas. No que respeita à tipologia de documentos, por exemplo, Gloria Celia Carreño Alvarado, refere que “no hay tipos documentales o temáticas que guardan los archivos de organizaciones políticas”²⁶. São os arquivos pessoais, portanto, compostos por uma massa documental bastante “heterogénea y poco ortodoxa”²⁷, característica que não se encontra espelhada nos tradicionais arquivos históricos. No entender desta investigadora, esta diversificada tipologia de documentação é resultado das relações sociais, profissionais ou de qualquer outro tipo a que um determinado indivíduo está sujeito ao longo da sua vida, e que “reflejan claramente el vínculo del individuo com el espacio circundante y com el tiempo que le tóco vivir”²⁸. A mesma autora refere, de maneira a terminar o seu raciocínio, que os arquivos pessoais são compostos por uma estrutura específica e flexível, aspeto que também os diferencia dos outros arquivos. O produtor do arquivo, como lhe chama, é na generalidade uma personalidade que desempenhou um papel ativo na vida pública e foram os seus interesses pessoais e/ou profissionais que geraram a informação aglomerada no seu arquivo. A autora refere, porém, um aspeto bastante atual e pertinente, que “a partir de sus documentos se puede reconstruir la época en que el formador hizo su obra, las circunstancias históricas y sociales que primaron durante su vida personal y profesional”²⁹.

²⁴ IDEM - *Ibidem*, p. 8.

²⁵ IDEM - *Ibidem*.

²⁶ CARREÑO ALVARADO, Gloria Celia – *Los archivos privados como fuente de información para la historia*. México: Universidad Nacional Autónoma de México Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación, 2021, p. 84.

²⁷ DÍAZ RODRÍGUEZ, María del Rosario – *Entre bibliotecas y archivos*, p. 9.

²⁸ IDEM - *Ibidem*.

²⁹ IDEM - *Ibidem*, p. 10.

Carlos Guardado da Silva, em “O lugar dos ‘Arquivos Pessoais’ na Arquivística Internacional”, apresenta o panorama da investigação científica no que respeita à arquivística enquanto disciplina, mais concretamente os arquivos pessoais no panorama internacional. Este autor considera um arquivo pessoal como “a informação produzida, acumulada e gerida por um indivíduo, ao longo da sua vida, no decurso das suas funções e papéis sociais”³⁰. Neste seguimento, o arquivo pessoal é representativo do papel social do seu produtor, quer a nível pessoal quer profissional, tal como aquilo que possa ter produzido, fruto do seu intelecto. Em Portugal, refere o autor, o estudo de arquivos pessoais tem-se cada vez mais verificado, sobretudo, através de trabalhos finais de mestrado no âmbito da Ciência da Informação. Pelo que estas dissertações têm contribuído “para um recenseamento deste tipo de arquivos em diversas instituições, ou sobre um arquivo pessoal particular, procurando sobretudo estudar o seu produtor e o contexto de produção da informação acumulada, para nessa sequência se proceder à elaboração de um quadro de classificação, desejavelmente facetado, de modo a melhor poder organizá-lo e representá-lo”³¹. Este tipo de estudos dita, em muito, aquilo que é a essência dos arquivos pessoais – o produtor/indivíduo e o meio que o envolve e, nesse seguimento, como se envolve nesse meio – são essas as suas facetas.

Problematizando esta temática dos arquivos pessoais, Carlos Guardado da Silva refere que se poderá olhar para este tipo de arquivos como uma construção autobiográfica, na sequência de que existem arquivos “que crescem à faceta profissional aspetos de vida pessoal e familiar, quando não íntima”³², tendo em conta uma perspetiva global de sistema de informação. No que respeita a esta perspectiva, adiante dar-lhe-emos mais protagonismo. Não obstante, o autor considera os arquivos, como não podia deixar de ser, um lugar de memória, que é resultado da constante organização da informação nele contida, que detém, por inerência, uma enorme carga de subjetividade, pela dinâmica pessoal que o rege. São os arquivos pessoais cada vez mais fundamentais para a investigação da emergente história do quotidiano, o que se relaciona com o olhar evolutivo que tem repensado a investigação histórica, com o reposicionamento do indivíduo e do seu papel no cenário social. A informação depositada no arquivo pessoal não se deve somente à atividade de experimentação exclusiva do seu produtor, mas

³⁰ SILVA, Carlos Guardado da – O lugar dos ‘Arquivos Pessoais’ na Arquivística Internacional. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Vol. 33, n.º 2 (2020), p. 98.

³¹ IDEM - *Ibidem*, p. 103.

³² IDEM - *Ibidem*, p. 104.

também “das suas escolhas ou de terceiros realizadas ‘em seu nome’, e que estas têm naturalmente um significado e uma interpretação”³³.

No que respeita à literatura de língua inglesa, o autor americano Richard Pearce-Moses, em *A Glossary of Archival and Records Terminology*, define arquivos como:

“materials created or received by a person, family, or organization, public or private, in the conduct of their affairs and preserved because of the enduring value contained in the information they contain or as evidence of the functions and responsibilities of their creator, especially those materials maintained using the principles of provenance, original order, and collective control; permanent records”³⁴.

É, portanto, uma definição onde se inserem os arquivos pessoais. O mesmo autor, por sua vez, não apresenta uma entrada para arquivos pessoais, ou *personal archives*, como seria de esperar. Apresenta, em contrapartida, uma definição para *personal papers*, que também denomina por *personal records* e *private papers*. Para Pearce-Moses, *personal papers* são “documents created, acquired, or received by an individual in the course of his or her affairs and preserved in their original order (if such order exists). Nonofficial documents kept by an individual at a place of work”³⁵. Neste seguimento, Zélia Pereira analisa a definição deste autor, referindo que o mesmo se baseia num princípio no qual, aquando do tratamento arquivístico, se deve respeitar a preservação da estrutura original do arquivo feita anteriormente pelo seu produtor “em função das suas atividades”³⁶. A mesma autora refere ainda que as definições propostas por Pearce-Moses são influenciadas por uma *Escola* do pensamento originária dos países anglo-saxónicos que assenta “sobre as características reputadas essenciais para que um determinado conjunto de documentos possa ser considerado como um arquivo, entre as quais a sua natureza dita «orgânica», no sentido de considerar que o arquivo é o produto natural da atividade de uma organização, e os documentos a manifestação material dessas atividades e das relações estabelecidas no seu decurso”³⁷. Outra autora, Sofia Carvalho, debruça-se também sobre esta definição, referindo que através da sua análise verifica que “o arquivo pessoal surge no contexto de uma pessoa física (em oposição à pessoa coletiva, associada aos arquivos administrativos, isto é, aos arquivos desenvolvidos a partir de pessoas

³³ IDEM - *Ibidem*, p. 106.

³⁴ PEARCE-MOSES, Richard – *A glossary of archival and records terminology*. Chicago: Society of American Archivists, 2005, p. 30.

³⁵ IDEM - *Ibidem*, p. 292.

³⁶ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 42.

³⁷ IDEM - *Ibidem*, p. 44.

coletivas de natureza pública ou privada)”³⁸, identificando assim a pessoa física como o produtor/criador do arquivo pessoal. Ainda assim, ressalva, servindo-se de Armando Malheiro da Silva, que “não é por um conjunto informacional ter sido produzido, e sua informação gerida por uma pessoa física, que esta corresponde automaticamente a um arquivo pessoal”³⁹. Neste contexto, é de salientar que esta *Escola*⁴⁰ menospreza a natureza dos arquivos pessoais e de família, considerando-os “meras coleções de curiosidades”⁴¹.

Ainda no que toca a autores de língua inglesa, Catherine Hobbs considera que os “personal fonds contain the documentation of individual lives and human personality”⁴², e que esses fundos, como lhe começa por chamar, refletem na documentação as funções que o seu criador assumiu a determinada altura. Ora, como não podia deixar de ser, este tipo de arquivos “also contain traces of the individual character of the record’s creator”⁴³, refletindo também as interações sociais que deteve em outro tempo. Certo é, diz-nos esta autora, que existe um aspeto importante caracterizador dos arquivos pessoais que deve ser bem vincado. Os arquivos pessoais não transmitem, ou guardam, apenas a documentação, ou os aspetos que dizem respeito à envolvimento do produtor do arquivo com o meio social circundante, mas relata também os aspetos pessoais, os aspetos idiossincráticos da pessoa, o cunho pessoal que colocavam em cada uma das coisas que faziam, contendo assim, pode dizer-se, uma visão pessoal da sua vida. Acrescentando, Hobbs refere que os “personal archives, then, are not only about transactions of «official» personal business and formal activity, but are also a most prevalent source of commentary on daily and personal life and relationships, almost by their very nature”⁴⁴.

O arquivo pessoal é um tipo de arquivo bastante complexo, pela natureza da documentação que o compõe – interessante é o facto de esta autora, apesar de referir-se sempre ao arquivo como “personal archive”, referir-se à documentação como “personal

³⁸ CARVALHO, Sofia Alexandre Costa de – *O Arquivo Pessoal como construção auto/biográfica: a (re)construção da narrativa de vida do Arquivo pessoal Godofredo Ferreira* Sofia Alexandre Costa de Carvalho, p. 13.

³⁹ IDEM - *Ibidem*, p. 19.

⁴⁰ Em *O universo dos arquivos pessoais em Portugal: identificação e valorização*, Zélia Pereira cita o *Manual dos Arquivistas Holandeses*, obra do século XIX, de autoria de Samuel Müller, Joseph Feith e Robert Fruin, que defende esta conservação da estrutura original do arquivo. Veja-se PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal: identificação e valorização*, pp. 42-44.

⁴¹ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 44.

⁴² HOBBS, Catherine – The Character of Personal Archives: Reflections on the Value of Records of Individuals. *Archivaria*. (2001), p. 126.

⁴³ IDEM - *Ibidem*.

⁴⁴ IDEM - *Ibidem*, p. 127.

papers”, pois é também elucidativo, quiçá, da evolução do pensamento anglo-saxónico no que a esta temática diz respeito. Mas por se tratarem de arquivos complexos, a autora refere também que requerem um tratamento diferente, mais atento, por parte do arquivista. A documentação destes arquivos não tem um padrão, “are acquired from individuals, not corporate entities”⁴⁵. Os arquivos pessoais não só refletem a história factual da vida do seu produtor, mas também aspetos psicológicos, “how they envision and experience their lives”⁴⁶. Catherine Hobbs faz ainda menção ao seu carácter subjetivo, referindo que “in many ways, personal documents may be seen to eclipse both evidential and informational value by their narrative value: they are in many senses creations of the self and participate in a process of storytelling and the fact autobiography – of the self presenting or representing the self”⁴⁷.

No que toca à teoria da dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais, e regressando a ela, Sofia Carvalho consagra-lhe bastantes linhas do seu estudo. Esta proposta pretende encontrar uma conciliação entre a teoria arquivística e a teoria da autobiografia – referem-se ao arquivo pessoal, com efeito, como um projeto autobiográfico. Pois, como acima foi referido, existe uma complexidade inerente à documentação destes arquivos. Por um lado, existe informação que reflete a vida profissional e social do produtor, e, por outro, reflete, ou transmite, aspetos do foro privado e íntimo do mesmo⁴⁸. Importa, contudo, fazer uma ressalva: que a este projeto autobiográfico, segundo a caracterização dos arquivos pessoais por este tipo de autores, não corresponde a totalidade da sua documentação. A este grupo apenas pertence a documentação com “informação de natureza autorreferencial”⁴⁹, ou seja, apenas a documentação que diz respeito ao foro íntimo e privado do produtor. Deste aspeto surge-nos, talvez, um outro importante e até diferenciador – a disparidade e a importância entre a biografia e a autobiografia em arquivos pessoais. A biografia, enquanto método de investigação, como processo contruído pelo investigador a partir da informação factual, direta ou indireta, que diverge da autobiografia que, de certa maneira, é aquilo que o

⁴⁵ IDEM - *Ibidem*, p. 128.

⁴⁶ IDEM - *Ibidem*.

⁴⁷ IDEM - *Ibidem*, p. 131.

⁴⁸ CARVALHO, Sofia Alexandre Costa de – *O Arquivo Pessoal como construção auto/biográfica: a (re)construção da narrativa de vida do Arquivo pessoal Godofredo Ferreira Sofia Alexandre Costa de Carvalho*, p. 68.

⁴⁹ IDEM - *Ibidem*.

produtor constrói de si mesmo, aspeto que deve ser tido em conta pelo investigador – todavia um aspeto interessante sobre o qual não nos cabe explicar.

Neste contexto, baseando-se também em outros autores, Sofia Carvalho considera que “qualquer dado informacional que faça parte de um arquivo pessoal corresponde a um documento de vida, uma vez que, enquadrado num arquivo pessoal, qualquer dado informacional reporta para a experiência do indivíduo produtor do arquivo pessoal”⁵⁰. A autora pretende transmitir que é através do ‘todo documental’, ou seja, de toda a documentação do arquivo, que se constrói uma narrativa de vida do produtor, ressaltando que não considera que todos os documentos sejam dados informacionais, ou documentos de vida. A autora propõe então que os “arquivos pessoais encerrem uma história de vida auto-referencial, que, por esse motivo, corresponde a uma narrativa autobiográfica do seu produtor”⁵¹. Com isto, o que a autora pretende transmitir é que, uma vez que o arquivo pessoal diz respeito à ‘pessoa física’, também a informação nele contida tem por inerência um carácter de grande subjetividade e a informação dos arquivos pessoais, sendo subjetiva, assume um cunho autobiográfico, dando-lhe “um conjunto informacional que é, na sua essência, construído”⁵².

Regressando a Zélia Pereira, e ao seu longo Estado da Arte em *O Universo dos Arquivos Pessoais em Portugal: identificação e valorização*, a autora faz ainda referência ao autor britânico Hilary Jenkinson e à sua obra *Manual of Archive Administration* (1922) – fazemos-lhe menção por ser cimeira e ainda inspiradora para muitos teóricos. Este autor refere que algumas das tipologias documentais integrantes de arquivos pessoais (correspondência, apontamentos, memórias, entre outras) não eram dotadas de “imparcialidade, autenticidade e fidedignidade, inerentes aos que as organizações produziam, em resposta a funções específicas enquadradas na sua orgânica institucional”⁵³. Considerava também que a documentação deste tipo de arquivo era formada por “critérios subjectivos e artificiais, e não estavam vinculados organicamente a funções determinadas”⁵⁴. A este conjunto de documentação o autor não lhe reconhecia o carácter de arquivo. Ainda é referido o facto de estes documentos, por motivos de herança e posse por outros, estarem suscetíveis a dispersarem-se, originando a

⁵⁰ IDEM - *Ibidem*, p. 71.

⁵¹ IDEM - *Ibidem*, p. 73.

⁵² IDEM - *Ibidem*, p. 77.

⁵³ IDEM - *Ibidem*, p.45.

⁵⁴ IDEM - *Ibidem*, p. 45.

desagregação da plenitude da documentação. A integridade da documentação por parte do seu produtor era, com efeito, condição fundamental para este autor. Zélia Pereira salienta que, tal como Jenkinson, vários foram os autores que desde aí seguiram esta linha deixando os documentos pessoais fora do conceito de arquivo. Refere, por conseguinte, que este tipo de definições acima enunciadas pecam por duas razões. Por um lado, são demasiado genéricas e não definem especificamente arquivos pessoais, ou, por outro lado, não consideram documentos pessoais ou de família arquivos por si só, como é o caso de alguns autores de língua inglesa que remetem esta documentação para *papers* ou até *manuscripts*, não sendo identificado ao invés destes termos, por exemplo, o termo *Personal Archives*. Ainda assim, no que diz respeito ao caso do Reino Unido e da França, Carlos Guardado da Silva refere que o termo ‘arquivo pessoal’ aparece já como *personal archives* e *archives personnelles*, respetivamente⁵⁵, países que deram há muito significativa importância a esta tipologia de arquivos, remontando já ao século XIX⁵⁶.

Isabel Oliveira, por seu turno, apresenta os arquivos pessoais numa perspetiva histórica de lugar de memória, ideia que isolada parece um pouco romântica, mas que não deixa de ser um especto que, em nosso ver, se encontra bem vincado nos arquivos pessoais. Esta autora sublinha o “inegável fascínio que os arquivos pessoais, enquanto fonte de pesquisa, exercem sobre o cientista social, dentre eles, o historiador”⁵⁷, que se encontra diante de um espaço muito significativo no que respeita às hipóteses de interpretações e reflexões. Faz menção ao documento como “registo e o instrumento de realizações de uma ação”⁵⁸, daí considerar um arquivo como um espaço onde existe um conjunto de acontecimentos da vida do seu produtor, revelando-se ele próprio uma narrativa da sua história de vida. Isabel Oliveira diz compreender o arquivo pessoal como um fruto de diferentes variáveis, mas que todas tem em comum o seu ponto de confluência – o indivíduo. A criação e a organização das fontes de informação, o seu armazenamento como prova, lembrança ou recordação de determinado acontecimento podem constituir, muitas das vezes, essas variáveis que levam à criação de um arquivo pessoal. Isabel Oliveira considera o arquivo pessoal como um reflexo do seu produtor, “uma

⁵⁵ SILVA, Carlos Guardado da – O lugar dos ‘Arquivos Pessoais’ na Arquivística Internacional. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Vol. 33, n.º 2 (2020), p. 98.

⁵⁶ IDEM - *Ibidem*, p. 99.

⁵⁷ OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges de – *Arquivos pessoais, arquivos de memória e o processo de indexação* (2009), p. 19.

⁵⁸ IDEM - *Ibidem*, p. 19.

manifestação desse indivíduo enquanto ser construído da sociedade moderna”⁵⁹. Essa representação reflete-se mais diretamente e intimamente nas fontes de informação como diários e registos autobiográficos. Depois, é através das outras fontes de informação, como é o caso da correspondência, que se percebe de que maneira o produtor interagiu “nos seus diferentes papéis e espaços sociais”⁶⁰. Isabel Oliveira considera o arquivo pessoal como um «lugar de memória», abordando-o na perspectiva, essa redutora, do arquivo como objeto da história.

Contudo, Zélia Pereira salvaguarda que nas obras de arquivística que não aquelas influenciadas por Jenkinson, a definição de arquivo pessoal se insere nos significados dados ao termo arquivo. Ainda assim, evidencia que “só por via da respectiva adaptação se pode interpretar o arquivo pessoal como correspondendo ao conjunto orgânico dos documentos, independentemente da sua data, forma e suporte material, produzidos ou recebidos por uma pessoa singular, no exercício da sua actividade e conservados a título de prova ou informação, definição sintetizada a partir de algumas das definições de arquivo, devidamente expurgada das palavras que nela não se enquadram por dizerem respeito a outro tipo de produtores”⁶¹. Zélia Pereira apresenta-nos esta definição de arquivo pessoal, onde a tal ordem original feita pelo produtor não tem que ser mantida, onde a documentação é adaptada consoante fizer mais sentido de acordo com a definição de arquivo. A comunidade científica é, no entanto, confrontada atualmente com outros termos para definir arquivo pessoal, como é o caso de «espólio» ou «acervo», este último noutra perspectiva em que existe um conjunto de documentos custodiados por um arquivo, como é referido no *Dicionário de Terminologia Arquivística*⁶². Há que destacar, ainda assim, o termo espólio, que assume uma expressão quase única na tradição arquivística portuguesa, não sendo comumente utilizada noutros países. É um termo utilizado em paralelo com o de arquivo, identificado por muitos autores quase como um sinónimo de arquivo, “com ampla repercussão entre os profissionais que, em Portugal, lidam com arquivos, o que justifica um melhor exame dos problemas de ambiguidade associados à sua utilização”⁶³. Termo este que, para Sofia Carvalho “se encontra

⁵⁹ IDEM - *Ibidem*, p. 35.

⁶⁰ IDEM - *Ibidem*, p. 38.

⁶¹ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 49.

⁶² RAMOS, Margarida Maria Ortigão; GARCIA, Maria Madalena; PEREIRA, Maria Olinda Alves; et al. – *Dicionário de terminologia arquivística*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993.

⁶³ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 51.

desajustado à realidade dos arquivos pessoais”⁶⁴. Zélia Pereira evoca a Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) como o exemplo mais expressivo desta utilização. A autora faz referência a Braz de Oliveira que equipara espólios a arquivos literários, definindo-os como um conjunto documental orgânico que é o resultado da actividade literária do seu produtor, e esse conjunto documental é composto, essencialmente, pela obra manuscrita desse produtor, ou ainda outros documentos enviados ou recolhidos pelo seu autor, como é o caso da correspondência, por exemplo. É neste sentido que a BNP recorre ao termo espólio para designar arquivos pessoais de figuras ligadas à cultura e à literatura, definindo-os assim como “arquivos que correspondem ao conjunto de documentos, manuscritos e similares, produzidos e colecionados por um autor. (...) unidades orgânicas compostas por uma ou mais versões dos seus manuscritos, pelos documentos que lhe foram enviados (...) e pelos que o próprio colecionou.”⁶⁵. Esta perspectiva é também seguida por bastantes investigadores, pois, muitas das vezes, acontece que embora estejamos diante de arquivos pessoais, não há menção a esse termo, mas sim a espólios pessoais, sejam eles de dimensões mais ou menos significativas. O termo espólio, embora interpretado como sinónimo de arquivo, foca-se somente na vertente literária do seu produtor, sendo esta uma questão paradigmática na BNP. Zélia Pereira refere que este assunto levanta “um problema de inadequação, se transposto para outros arquivos pessoais, aos quais falta essa vertente fundamentalmente literária, como é o caso de músicos e compositores que se encontram na secção de Música da BNP, igualmente designados por “espólios” ou por “coleções”, embora sem clarificação do uso de um e outro termo, ou outros arquivos também tutelados pela mesma instituição”⁶⁶. É, portanto, o espólio um termo redutor, se assim lhe pudermos chamar, uma vez que exclui todo um outro manancial de “objetos extragráficos que acompanham o processo de escrita criativa (óculos, caneta, papel, máquina de escrever), e a biblioteca de que se rodeia o autor”⁶⁷. Basta averiguar a origem da palavra espólio, que vem da palavra latina *spolium*, que significa despojo, saque. Assumindo, é certo, contornos mais modernos, não deixa de ser, portanto, uma palavra ‘incompleta’, ou redutora, para definir um aglomerado de

⁶⁴ CARVALHO, Sofia Alexandre Costa de – *O Arquivo Pessoal como construção auto/biográfica: a (re)construção da narrativa de vida do Arquivo pessoal Godofredo Ferreira Sofia Alexandre Costa de Carvalho*, p. 18.

⁶⁵ BNP - Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea - Espólios. [acedido 3 novembro 2022] em <URL <https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolios.html>>.

⁶⁶ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 56.

⁶⁷ IDEM - *Ibidem*.

documentação, orgânico, estruturado e organizado, com lógica como são os arquivos pessoais.

Zeny dos Santos, em *Arranjo e Descrição do Espólio de Godofredo Filho: Estudo Arquivístico e Catálogo Informatizado*, explicita a escolha do termo espólio para denominar o conjunto documental pertencente a Godofredo Filho. Começa por identificar que o termo espólio patenteia melhor toda a documentação acumulada, uma vez que o acervo era constituído por documentação e outro tipo de objetos cronologicamente identificados como sendo anteriores ao seu nascimento, tal qual como documentos produzidos por terceiros que lhe foram confiados. Ainda assim, a autora adverte que não pretende definir um conceito que represente a documentação, mas sim de “um princípio operacional de trabalho”⁶⁸. Não existe nesta obra de Zeny dos Santos qualquer menção ao termo arquivo pessoal, pelo que a autora indica apenas a diferença entre arquivos públicos e privados. Tratando-se, efetivamente, do caso de estudo de um arquivo privado, a definição do termo, no entender da autora, não “ofereceu a conotação necessária ao que transparece no acervo acumulado pelo escritor-poeta”⁶⁹, apesar de o acervo possuir “características de uma documentação pessoal decorrente das atividades desenvolvidas por uma pessoa física. É, quando nada, rede textual que configura relação sociopolítico-cultural entre intelectuais, políticos e artistas.”⁷⁰. Neste contexto, dando ao termo espólio uma conotação mais abrangente, Zeny dos Santos caracteriza-o “como um composto de documentos produzidos e/ou recebidos por um homem possuidor de um universo único e singular que decidiu acumular documentos e materiais com variedade tipológica, de espécie e de suporte”⁷¹. Portanto, esta autora dá a entender que o termo arquivo privado não englobava a documentação total do acervo, pelo contrário, neste caso, no seu entender, existe um arquivo privado dentro do espólio de Godofredo Filho⁷². Zélia Pereira analisa também o caso de Zeny dos Santos, onde refere que “associar o conceito de espólio ao que fica de um indivíduo após a sua morte desvaloriza uma possível utilização do conceito de «arquivo pessoal» enquanto designação mais abrangente, que pode incluir informação em diferentes suportes, e que não cessa de existir no momento em que alguém desaparece. Pensar de outro modo, levaria à necessidade de alternar entre conceitos de

⁶⁸ MIRANDA, Zeny Duarte de – Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho: estudo arquivístico e catálogo informatizado(2000), p. 102.

⁶⁹ IDEM - *Ibidem*.

⁷⁰ IDEM - *Ibidem*, p. 103.

⁷¹ IDEM - *Ibidem*, p. 103.

⁷² IDEM - *Ibidem*, p. 103-150.

arquivo e de espólio, conforme a pessoa que cria e acumula os documentos esteja ainda viva, ou tenha já desaparecido”⁷³. Distingue, neste seguimento, o arquivo pessoal como um conceito mais abrangente e intemporal, integrando-o perfeitamente na dinâmica da arquivística.

Nesta perspetiva, existem também outros termos utilizados para fazer referência a documentação produzida e acumulada por um determinado indivíduo durante a sua vida, que importa mencionar, como é o caso de «coleção» e «fundo». Ainda assim, não é nosso propósito explicar intensamente cada um destes termos. Apenas fica o apontamento de que são importantes para se perceber as discrepâncias que existem em redor dos acervos de documentação que temos vindo a tratar. Todavia, por estarem mais diretamente relacionadas com o assunto que nos prende, Zélia Pereira alerta para o estudo de Renato Janine Ribeiro⁷⁴, que considera “o ato de colecionar como inerente à natureza humana” e “aborda os arquivos pessoais na perspetiva da construção da memória, e foca o aspeto da guarda voluntária de pequenos objetos do quotidiano”⁷⁵, levantando, nesse contexto, a possibilidade de as coleções poderem ser vistas como “efetivos «arquivos pessoais»”⁷⁶, debruçando-se e tendo em conta aquilo que um determinado indivíduo vai colecionando ao longo da sua vida. Essas coleções que determinado indivíduo gosta de reunir vão refletindo a edificação de uma identidade pessoal, a qual se pretende manter a longo-prazo. É por isso que um autor na mesma linha de pensamento, Bezerra de Menezes⁷⁷, sugere que as coleções sejam entendidas numa perspetiva autobiográfica do produtor/coleccionador tanto no sentido do “eu”, que é individualista, como no sentido do “outro”, onde a coleção exprime também as relações com o meio social de um determinado tempo, “uma identidade social”⁷⁸ – representam a informação de um tempo, enquadram o indivíduo num tempo social e histórico, e ditam aspetos da sua psique, da sua personalidade. Assim se vê que os termos «coleção» e «espólio» são abstratos e passíveis de várias adaptações. Armando Malheiro da Silva⁷⁹ alerta, por exemplo, para o facto de o produtor do arquivo poder não ter tido contacto com as coleções, ou seja, um

⁷³ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 57.

⁷⁴ RIBEIRO, Renato Janine – Memórias de Si, ou... *Estudos Históricos*. Vol. 11, n.º 21 (1998), p. 35–42.

⁷⁵ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 59.

⁷⁶ IDEM - *Ibidem*.

⁷⁷ MENEZES, Ulpiano Bezerra de – Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público. *Estudos Históricos*. Vol. 11, n.º 21 (1998), p. 89-103.

⁷⁸ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 59.

⁷⁹ SILVA, Armando Barreiros Malheiro da – Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*. Vol. III, (2004), p. 55–84

“coleccionador passivo” o que leva a aferir uma “falta de organicidade e a não existência de funcionalidade”⁸⁰. Neste seguimento, este autor considera o termo coleção e espólio como “difusos e equívocos”⁸¹.

No que respeita ao termo ‘fundo’, a investigação científica em Portugal tem refletido sobre este conceito, procurando dar-lhe outra abordagem, procurando enquadrá-lo “na teoria arquivística do pensamento sistémico, inspirado na *Teoria Geral dos Sistemas*, de Ludwig von Bertalanffy”⁸², olhando assim para um arquivo como um sistema de informação, onde os documentos se relacionam uns com os outros. Armando Malheiro da Silva vê nos arquivos pessoais, pela sua especificidade, “o exemplo ilustrativo para propor uma nova abordagem científica aos arquivos, no âmbito da Ciência da Informação”⁸³. Zélia Pereira refere que, para este autor, a relevância científica inserida na arquivística não deve ser dada ao fundo nem aos documentos, mas sim à informação social neles contida, que é compreendida contextualizando-se “desde a produção, emissão e receção”⁸⁴. O mesmo autor faz referência às contradições que existem nas várias definições de «fundo», defendendo que é necessária uma perspetiva mais abrangente, que permita, por exemplo, integrar uma biblioteca, se for esse o caso, naquilo que supostamente é o seu fundo. Há, portanto, que ultrapassar aquilo que, na perspetiva do autor, tem vindo a ser uma prática de “coisificação e patrimonialização dos documentos”⁸⁵. Propõem ainda a substituição do termo «fundo», pelo termo «sistema de informação», considerando o arquivo um sistema “dinâmico e interativo”⁸⁶.

Armando Malheiro da Silva define arquivo como “sistema organizado ou operatório de informação em todos os casos em que há um produtor/recetor individual ou institucional dotado de organicidade; sistema não organizado ou combinatório de informação em situações de busca e recuperação de conteúdos como seja um serviço de biblioteca, centro de documentação, arquivo público, e outros”⁸⁷. O autor considera, com efeito, os arquivos familiares e pessoais sistemas de informação (SI) organizados ou operatórios. Desta feita, importa distinguir também arquivos pessoais de arquivos de

⁸⁰ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal*, p. 60.

⁸¹ IDEM - *Ibidem*.

⁸² IDEM - *Ibidem*, p. 61.

⁸³ IDEM - *Ibidem*, p. 61.

⁸⁴ IDEM - *Ibidem*, p. 61.

⁸⁵ IDEM - *Ibidem*, p. 62.

⁸⁶ IDEM - *Ibidem*.

⁸⁷ IDEM - *Ibidem*.

família – confusão ainda bastante presente hoje-em-dia. Malheiro da Silva procura atribuir a arquivo pessoal o termo sistema de informação pessoal, que pode ser ativo ou permanente. Distinguindo assim os dois tipos de sistemas de informação, o autor refere que “ninguém nasce de geração espontânea e, portanto, as pessoas trazem sempre consigo, em tese, vínculos familiares, mas este facto não impede que haja órfãos solteiros que percorrem a sua vida toda produzindo/acumulando S. I.’s, estritamente pessoais”⁸⁸. Um sistema de informação pessoal tem, com efeito, uma organicidade específica que surge, muitas das vezes refletida em etapas da vida do seu produtor, ou se quisermos, facetas da vida do seu produtor, que vão do seu nascimento à sua morte. Ainda assim, alerta o autor para um aspeto bastante significativo e central desta temática, que é o de ser difícil existir “uma matriz orgânica estável”⁸⁹, dado que cada indivíduo tem as suas especificidades próprias – que o próprio diz ser a maior crítica à adaptação deste modelo sistémico e interativo aos indivíduos. No entanto, há um ponto que para o autor é essencial, “que qualquer ser humano nascido e criado (...) age para sobreviver e fixa objectivos legitimadores e estimuladores da acção, de acordo com os seus ciclos existenciais”⁹⁰, o que quer dizer que a informação que é produzida ou recebida por um indivíduo está sempre condicionada quer pelas suas condições psicológicas, quer pelo ambiente social que o envolve – este aspeto é fundamental, pois condiciona toda a dinâmica, ou se quisermos utilizar a expressão do autor, a organicidade do arquivo, bem como a forma de como a informação que o compõe será representada. Para o autor torna-se redutora a divisão tradicional de dois patamares – vida pessoal e actividade pública – pois torna-se “incapaz de traduzir a complexidade da existência humana refletida na informação a cada dia feita, a cada dia coligida”⁹¹. Para este autor, para “aproximar a informação da organicidade subjacente”⁹², o mais certo a fazer é encaixar a informação do produtor numa determinada fase da vida a que ela corresponde, ou ainda numa divisão cronológica da vida do indivíduo, ou seja, a idade em que ele produziu ou adquiriu esses documentos. Para isso, é necessário, para o caso de arquivos pessoais, um quadro/plano

⁸⁸ SILVA, Armando Barreiros Malheiro da – Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo. http://aleph.lettras.up.pt/F?func=find-b&find_code=SYS&request=000189760. (2004), p. 77 (consultado a 3 de nov).

⁸⁹ IDEM - *Ibidem*, p. 78

⁹⁰ IDEM - *Ibidem*, p. 78.

⁹¹ IDEM - *Ibidem*, p. 79.

⁹² IDEM - *Ibidem*.

de classificação. Com efeito, Malheiro da Silva insere, ou adapta, os arquivos pessoais à Ciência da Informação, transformando-os em sistemas de informação pessoais.

Analisando a proposta de Lúcia Oliveira, que identifica os arquivos pessoais como “conjunto de documentos produzidos, ou recebidos, e mantidos por uma pessoa física ao longo de sua vida e em decorrência de suas actividades e função social”⁹³, a autora Sofia Carvalho insere, neste contexto, o arquivo pessoal nos sistemas de informação. Refere que o produtor não só está envolvido no processo de entrada de documentos, o que denomina de *inputs*, mas também na total gestão da informação presente no seu arquivo – inserindo, neste caso, a gestão da informação, que tem que ver com todo o processo por que passa a informação presente no arquivo. A autora refere que “ao aplicarmos o conceito de gestão de informação ao arquivo pessoal, e o papel de gestor de informação ao seu produtor, encontramos-nos a afirmar que cabe ao produtor as ações de criar, adquirir e receber informação (*inputs*), mas também a todas as ações que impliquem uma alteração do estado da informação contida no arquivo pessoal, nomeadamente, alterar, acrescentar, ou eliminar informação, alterar a organização ou o acondicionamento da informação (tratamento)”⁹⁴. Acabando por referir que o produtor está implicado na maneira em como a informação é difundida ou tornada acessível, a que ela denomina *outputs*. Ainda assim, Sofia Carvalho faz uma ressalva, assaz pertinente, que a gestão da informação não se limita apenas ao produtor, pois quando deixa de ser o seu proprietário (por motivos de morte ou doação), a informação do arquivo passa a ser gerida por outra pessoa, ou entidade. Neste seguimento, Sofia Carvalho propõe uma definição de arquivos pessoais, considerando-os um sistema de informação “produzido por pessoa física, cuja informação, fixa em qualquer suporte, espelha os papéis sociais desempenhados em vida pelo seu produtor”⁹⁵, ficando o produtor responsável por gerir a informação que acumula.

Depois de lançadas as bases para se perceberem os arquivos pessoais, resta retirar, em jeito de suma, um aspeto que para nós sobressai diante de todos os outros: que o arquivo pessoal contém o resultado das variadas atividades e facetas que determinado indivíduo desempenhou num contexto social específico. Para nós, quando se mencionam arquivos pessoais deve ter-se sempre em conta o papel que o ambiente social desempenha

⁹³ Apud CARVALHO, Sofia Alexandre Costa de – *O Arquivo Pessoal como construção auto/biográfica: a (re)construção da narrativa de vida do Arquivo pessoal Godofredo Ferreira Sofia Alexandre Costa de Carvalho*, p. 14.

⁹⁴ IDEM - *Ibidem*, p. 15.

⁹⁵ IDEM - *Ibidem*, p. 16–17.

na vida do produtor do arquivo, e essa interação espelha-se, quer na organicidade, quer nas fontes de informação encerradas no arquivo. O que acima viemos a explicar é uma pequena amostra daquilo que tem sido a investigação respeitante a arquivos pessoais. Contudo, cremos ter demonstrado a base teórica necessária deste tema, de maneira a lançar um olhar sobre este tipo de arquivos, sobre o qual incide o nosso objeto de estudo, que é um arquivo pessoal de um historiador.

1.2 Arquivos Pessoais de Historiadores

Dentro da tipologia de arquivos pessoais cujos produtores foram historiadores poderão ter especificidades que não se verificam em outros arquivos pessoais. A crescente importância que lhes é atribuída é motivada pelo facto de os arquivos pessoais de historiadores assumirem um crescente “peso (...) no imaginário e na prática da comunidade historiadora”⁹⁶. Pensemos da seguinte forma: quem se serve dos arquivos, por motivos profissionais de investigação, são os historiadores. São os historiadores os obreiros da história, que a narram, que lhe dão sentido e, é inquestionável, que são os arquivos alfofre significativo de fontes para a construção da história. Esses arquivos assumem então para o investigador, nesta perspectiva histórica e de memória, uma significativa fonte de informação para “produzir uma história intelectual do campo e também investigar a produção historiográfica de determinado grupo ou sujeito”⁹⁷. São, portanto, estas novas propostas metodológicas de fazer história que têm vindo a ganhar crescente protagonismo, como é o caso da história das ideias e o método biográfico que “naturalizaram o laço entre o uso de arquivos pessoais e a história dos intelectuais”⁹⁸. É de destacar, todavia, que apesar da importância crescente que tem vindo a ser atribuída a este tipo de arquivos, os investigadores ainda não se dedicaram ao seu estudo do ponto de vista da Ciência da Informação, enquanto uma tipologia de arquivos pessoais.

Não é nosso propósito, ainda assim, averiguar a importância dos arquivos pessoais de historiadores para a historiografia, nem analisar o protagonismo que possam ter no palco da história. Todavia, é de alguma relevância levantar os motivos que possam ter

⁹⁶ ROUCHOU, JoËlle Rache; TRAVANCAS, Isabel Siqueira; HEYMANN, Luciana Quillet – *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Editora FGV, 2014, p. 106.

⁹⁷ SCHÜTZ, Karla Simone Willemann – Mais que trajetórias: formas renovadas de pensar os arquivos pessoais.. *Escrita da História*. (2015), p. 242.

⁹⁸ ROUCHOU, JoËlle Rache et al. – *Arquivos pessoais*, p. 103.

consciencializado alguns historiadores a depositar os seus próprios arquivos em instituições de memória. Quais foram as suas razões? Embora não seja nosso propósito estudar profundamente esta temática, urge quanto antes um olhar mais atento do ponto de vista da arquivística. Estudo esse que só poderia ser consumado através de um estudo comparativo entre vários arquivos pessoais cujos produtores foram historiadores. O cruzamento do estudo individual de cada arquivo é que daria com propriedade algum tipo de essência epistemológica e caracterizadora que possam ter. O caso por nós abordado é apenas o do arquivo pessoal de Joaquim Veríssimo Serrão, e as considerações por nós tecidas são motivadas pelo seu exemplo concreto. Em nossa opinião, não fora apenas o gosto materialista de acumular que motivara esses historiadores, mas sim uma certa consciência da importância que os seus arquivos poderiam vir a ter no futuro – a perspectiva de que um dia seriam objetos, ou agentes da história.

Joaquim Veríssimo Serrão, que é o produtor do arquivo pessoal do nosso estudo, não deixou aos descendentes um conjunto desorganizado de documentos. Neste caso, o historiador teve o impulso de a dada altura organizar o seu arquivo e, aliás, doá-lo a uma instituição pública, motivando a criação de um centro de investigação. Foram várias as ocasiões em que o próprio se mostrou consciencializado sobre esta questão. Importa dizer, também, que o produtor deste arquivo foi um homem singular, com uma consciência e uma maneira de olhar o mundo e a história muito própria. Veríssimo Serrão interpretava, ou tentava interpretar, a construção da história como um fenómeno cíclico, ou seja, na perspectiva de que o ‘hoje’ amanhã será ‘passado, de que o presente que vivia um dia seria história. Essa mentalidade, se assim lhe quisermos chamar, levava-o a exprimir essa ideia, quer por escrito, quer oralmente. Referiu um dia, por exemplo, que: “porque também um dia nós seremos passado e a História será implacável no julgamento dos nossos actos”⁹⁹. Existia em Joaquim Veríssimo Serrão a ideia de que as ações diárias de um indivíduo têm sempre as suas consequências. Terá sido uma destas razões o motivo pelo qual o historiador produziu o seu arquivo? Não sabemos. Certo é que, sendo ele um homem bastante peculiar, com a consciência de que viveu períodos únicos, importantes, difíceis da história do nosso país, era importante a salvaguarda das fontes que nesses tempos produziu, para que um dia a história se encarregasse, nas suas palavras, do julgamento dos seus atos. Ou seja, a consciência do papel social que desempenhou, em diversos

⁹⁹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Portugal: Um Destino Histórico. Em *A Essência e o Destino de Portugal*. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1992, p. 14.

níveis, e a consciência de deixar as fontes de informação para um dia esses tempos e o seu papel neles serem estudados. É redutor, bem sabemos, diminuir a esta opinião os motivos que levam um historiador à construção do seu próprio arquivo, mas serão certamente estas motivações consciencializadas pela sua profissão, de pensar o mundo como um espaço rotativo, com a crença de que um dia estarão no lugar daqueles que, à data, dedicam a sua vida a estudar. Será Joaquim Veríssimo Serrão um caso isolado? Certamente que não.

Não nos dedicando a questões de carácter epistemológico de arquivos pessoais de historiadores, interessa-nos averiguar como se traduz a sua expressão dentro do panorama nacional de arquivos pessoais, definir, com efeito, a sua expressão. Se há uma averiguação geral, ou se quisermos, um inventário, devemos-lo a Zélia Pereira, que dedica o segundo volume da sua tese de doutoramento já acima citada, a recolher e inventariar o panorama nacional de arquivos pessoais – investigação, por conseguinte, bastante exhaustiva. Neste contexto, concentrar-nos-emos nesta questão utilizando, sobretudo, o Anexo II deste documento, “Anexo II – Pessoas singulares e informação relacionada”¹⁰⁰. O documento serve como fonte de informação para percebermos de que maneira a autora identificou arquivos pessoais de historiadores, e qual a sua expressão dentro do grande rol de arquivos pessoais, cujos produtores desempenharam papéis diferentes na sua vida. Ainda assim, devemos, *a priori*, fazer uma ressalva – não nos vamos debruçar exhaustivamente sobre esta questão, dado os arquivos pessoais por Zélia Pereira identificados serem muitos – cerca de 4200.

Interessando-nos, portanto, procurar dentro deste complexo rol de arquivos pessoais, os arquivos pessoais de historiadores. Pelo que, neste contexto, é de extrema importância definir aquilo que entendemos por historiador, e que áreas pode abranger esta designação. No entanto, não é nossa intenção teorizar o conceito de historiador – trata-se de uma categorização prática inserida no nosso estudo. Neste seguimento, vamos ter em conta não apenas o tradicional historiador que estuda a história, mas todos os arquivos cujos produtores se dedicaram, não só à investigação da historiografia tradicional, mas também os pré-historiadores, arqueólogos, historiadores de arte, historiadores do direito, historiadores da música, da medicina, entre outros que se insiram nesta categoria de estudarem campos de atividades diversos, por vezes sem formação específica, mas que

¹⁰⁰ PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal: identificação e valorização*. Universidade de Évora, 2018, vol. II, p. 216-705.

se relacionam com a história enquanto disciplina. Pelo motivo de todas as problematizações conceptuais de arquivos pessoais apontarem para a documentação como resultado das atividades que o seu produtor desempenhara em vida, bem como resultado da interação que manteve com o meio social que o rodeava, é bastante pertinente que se crie, ou utilize, este tipo de categorias mais agregadoras se assim lhes quisermos chamar, que caracterizem, ou identifiquem, os produtores dos arquivos. Pois, essa categoria muito há de transmitir, à primeira vista, sobre o conteúdo e a própria organização do arquivo.

No que diz respeito ao documento acima enunciado de autoria de Zélia Pereira, explorando-o, verificamos que são apenas cinco os arquivos pessoais cujo produtor vem diretamente identificado como historiador – são eles Mário Tavares Chicó (1905-1906); José Francisco David Ferreira (1929-2012); João Gomes de Oliveira Guimarães, abade de Tagilde (1853-1912); Christine Messiant (1947-2006); e Reynaldo dos Santos (1880-1970). Importa ressaltar que a autora não teve a intenção de fazer esta categorização através das profissões dos produtores dos arquivos. Por isso, o que fazemos aqui não se trata de uma correção, ambição que nunca tivemos, mas sim um acrescento, ou mesmo, somente, utilizar o documento como fonte de informação.

A autora não identifica diretamente, com uma linha de tabela, a profissão ou atividade do produtor, mas cria uma linha com o parâmetro «sumário», onde explicita, muito brevemente, os traços gerais do arquivo, bem como a profissão/atividade do produtor. Com isto, procurámos pelo arquivo pessoal de Joaquim Veríssimo Serrão e o mesmo vem, de facto, referido na listagem nacional de arquivos pessoais - certo é que não vem identificado como historiador, mas sim como investigador em história¹⁰¹ - expressão hoje semelhante apesar de aquela se encontrar mais consolidada, pois trata-se efetivamente de um historiador reconhecido cientificamente tanto pela comunidade nacional, como internacional - alguém que deixou uma marca profunda na historiografia portuguesa. Por conseguinte, decidimos elaborar uma pesquisa no documento, tentando verificar quantos produtores de arquivos pessoais viriam identificados como investigadores. O resultado apurado foi de dezoito investigadores, dos quais apenas catorze correspondem à área de humanidades/ciências sociais, relacionadas com a

¹⁰¹ Citando: “Para além da biblioteca particular, inclui manuscritos e documentação da atividade de investigador em História, correspondência, diversos documentos pessoais do professor, bem como alguns objetos (quadros, condecorações, moedas)”, IDEM - *Ibidem*, p. 638.

investigação histórica. São eles: Eugénio de Almeida e Castro (1869-1944); Manuel Monteiro Velho Arruda (1873-1950); Manuel de Paiva Boléo (1904-1992); José do Canto (1820-1898); Octávio Lixa Filgueiras (1922-1996); Luís Maria Pedrosa dos Santos Graça (1948-); Manuel Joaquim (1894-1986); António Gomes da Rocha Madahil (1893-1969); Augusto Mota (1936-); Pe. António Maria Mourinho (1917-1996); Hélder Pacheco (1937-); José Manuel de Freitas Sainz-Trueva (1947-); Fernando António Piteira Santos (1918-1992); e Joaquim Veríssimo Serrão (1925-2021). A procura que se fez no documento apontou, na realidade, para dezoito resultados de arquivos pessoais cujos produtores eram, de facto, investigadores. Apenas contabilizámos catorze, porque os restantes são de áreas de estudo distintas, pelo que não se inserem na nossa análise. Certo é que, dentro destes catorze identificados como arquivos pessoais “de investigadores”, tudo convida a crer que seis deles não são arquivos pessoais, mas sim arquivos de família. Chegamos a esse veredicto porque, para além da documentação ter datas extremas iniciais muito recuadas para além da data do nascimento do produtor, a própria autora, em todos eles, faz menção à presença de documentação familiar ou genealógica¹⁰².

Neste seguimento, querendo nós apurar a expressão que a categoria profissional “historiador” teria para a criação de arquivos pessoais, depressa percebemos que neste inventário existem muitos mais do que aqueles que foram identificados como historiadores, ou até mesmo como investigadores. Essa perspetiva levou-nos à ambição de querer confirmar, na realidade, se existiriam no inventário mais arquivos pessoais cujos produtores fossem historiadores. Para isso, dado que mais nenhum vinha identificado como tal, decidimos ir ver caso a caso, selecionando uma pequena amostra¹⁰³. Essa amostra foi selecionada de maneira aleatória, começando por averiguar a lista de apelidos a partir do apelido ‘Silva’, embora não percorrêssemos a lista toda, pois, para além de ser uma lista muito extensa, os arquivos pessoais referentes a historiadores começaram a revelar-se numa quantidade bastante exemplificativa e elucidativa para o que pretendíamos. Depois disso, procurámos por um apelido por nós conhecido, e que

¹⁰² Destes catorze são apenas, *de facto*, arquivos pessoais os de Eugénio de Almeida e Castro, Manuel de Paiva Boléo, Octávio Lixa Filgueiras, Luís Maria Pedrosa dos Santos Graça, Manuel Joaquim, Pe. António Maria Mourinho, Hélder Pacheco e Joaquim Veríssimo Serrão. Os restantes classificamo-los como arquivos de família. Quando acima enumeramos os arquivos pessoais identificados como de historiadores, o arquivo de José Francisco David Ferreira também revela documentação muito anterior à data do seu nascimento. Poderá ser documentação adquirida na sua função de investigador, não existe referência a documentação familiar, mais ainda assim fica a dúvida.

¹⁰³ Dado o volume de arquivos pessoais existentes em Portugal, não nos foi possível ver a totalidade dos casos.

sabíamos produtor de um arquivo pessoal. Neste seguimento, começámos a averiguar que existem muitos mais arquivos pessoais de historiadores do que aqueles que a autora identifica. A título de exemplo deixamos alguns nomes: Jorge de Alarcão e Silva (pré-historiador e arqueólogo), Jorge Henrique Pais da Silva (historiador da arte), José Custódio Vieira da Silva (historiador), Luís Augusto Rebelo da Silva (historiador), Manuel Fernando Aires Guedes da Silva (Fernando Guedes, editor, historiador da cultura), Rui Alexandre Carita Silvestre (historiador); João Miguel dos Santos Simões (historiador da arte), Manuel Caetano de Sousa (historiador), Tinop (João Pinto Ribeiro de Carvalho, historiador, olisipógrafo), Manoel Agostinho Madeira Torres (historiador/história local de Torres Vedras); Carolina Michaelis Vasconcellos (filóloga e historiadora da cultura), Leite de Vasconcellos (etnógrafo e arqueólogo), Jorge Pulido Valente (historiador), Alberto Sampaio (historiador), Ana Vicente (historiadora), António Pedro Vicente (historiador), Sousa Viterbo (arqueólogo, historiador), Guilherme Braga da Cruz (historiador do direito), Virgílio Arruda (historiador, história local de Santarém), Alexandre Herculano (historiador), Anselmo Braamcamp Freire (historiador), Manuel Lopes de Almeida (historiador), Francisco Manuel Alves (abade de Baçal, historiador), Marcello Caetano (jurista) e Manuel Heleno (arqueólogo). Certo é que quantos mais procurássemos, mais nomes encontraríamos, o que prova o peso de ser historiador na formação de arquivos pessoais.

Porém, para além destes arquivos que estão à guarda de instituições públicas, existirão certamente muitos mais que permanecem encerrados, ou com os descendentes dos produtores, ou em instituições privadas. De maneira a ilustrar aquilo que temos dito, podemos ver um caso particular, muito ilustrativo deste fenómeno, que é o Arquivo da Província Portuguesa da Ordem dos Franciscanos. Este arquivo, para não falar na quantidade de arquivos pessoais que possui, detém pelo menos quatro arquivos pessoais de historiadores, como é o caso do Frei Henrique Pinto Rema (1926-), Frei António Domingues de Sousa Costa (1926-2002), Frei Fernando Félix Lopes (1902-1990) e Frei António Joaquim Dias Dinis (1903-1980), todos eles bem conhecidos da nossa historiografia contemporânea. O caso dos arquivos religiosos em Portugal, nomeadamente dos conventos, será, certamente, paradigmático nesta questão. O contexto religioso, por todas as condicionantes que o circundavam, foi alfobre de grandes intelectuais e historiadores, muitos deles também desconhecidos pelo carácter privado que assumem estes arquivos, embora sejam quase sempre acessíveis.

Respeitante aos arquivos pessoais de historiadores, como acima evidenciámos, a comunidade científica ainda não se debruçou sobre este tema. Assim sendo, resta-nos aferir que o ser historiador não é apenas uma função ou profissão nestes casos. Ser historiador, para aqueles homens que criaram os seus arquivos, é algo transversal a tudo o resto que desempenharam, é quase como que um reconhecimento pelo seu labor, quer muitas vezes ao serviço da docência universitária, ou em outros cargos que a sociedade lhes impôs – pelo menos no caso de Joaquim Veríssimo Serrão. É nossa convicção, quiçá redutora, que o ofício de historiador acarreta uma sensibilidade própria no que respeita à documentação e à importância da preservação da memória, sejam elas de que tipo for, pelo que essa vertente da consciência histórica será muito influenciadora. O mesmo se poderá dizer, também, quanto mais não seja, que motivações de cariz patrimonial, de ver um arquivo como lugar de memória também influenciarão a criação de arquivos pessoais, embora este aspeto se relacione com o anterior. Será tempo, com efeito, de categorizar os arquivos pessoais, e daí comparar a sua organicidade com as grandes facetas dos seus produtores, nomeadamente às quais dedicaram a plenitude da sua vida, como é o caso da maior parte dos historiadores. Enfim, muito haverá a dizer sobre isto, uma área vasta que muito contributo trará à Ciência da Informação. Não era nosso propósito, como referido, aprofundar esta problemática, fica, quanto mais não seja uma reflexão, um contributo com vista à sensibilização para a importância desta subcategoria profissional de arquivos pessoais, quer para a arquivística, quer para a própria investigação histórica.

2. Metodologia

Sendo o Professor Joaquim Veríssimo Serrão uma das grandes personalidades académicas da segunda metade do século XX e primeiras décadas do século XXI, é tempo de começar a retirar do silêncio a memória e o legado deste professor universitário e historiador. O estudo a que nos propomos surgiu dessa mesma ideia. Tendo o próprio doado o seu arquivo e a sua biblioteca ao Município de Santarém, que, com ele, criara o Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão (CIJVS), urge dignificar esse mesmo património, organizando-o e representando a sua informação de maneira a recuperá-la e promover o seu acesso. Não nos referimos só a estudos de carácter individual, uma vez que essas fontes de informação são elas próprias de índole biográfica por corresponderem diretamente à ‘pessoa’. No entanto, “diz um provérbio árabe que «os homens são mais filhos do seu tempo do que dos seus próprios pais»”¹⁰⁴, e por essa razão, também os arquivos pessoais contemplam fontes de informação essenciais para se perceber todo o contexto temporal em que se inseriu o produtor deste arquivo. Com efeito, o estudo biográfico “tem por objeto o homem como pessoa no contexto da época e do meio em que lhe foi dado viver”¹⁰⁵. É, pois, o estudo de um indivíduo, que não descarta “aspectos de análise psicológica, intimista, específica, mas não ignorando também a moldura social que o revestiu ou enquadrou”¹⁰⁶. São, portanto, estes e outros aspectos que temos em consideração para a elaboração da presente investigação nas suas diversas fases – sendo uma delas o traço biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão. No que respeita aos métodos para atingir este propósito, debruçamo-nos sobre eles mais adiante.

Com isto, tendo o professor Joaquim Veríssimo Serrão uma vida longa e dinâmica, propomo-nos a elaborar uma macroestrutura para um quadro de classificação de maneira a melhor organizar e, sobretudo, representar, o seu arquivo pessoal, que fora primordialmente organizado por si em 327 caixas, integrando todo o tipo de documentação. Pretendemos fazê-lo através da sua vida e obra, percebendo a sua dinâmica intelectual, política e social. Há, no entanto, um aspeto crucial, que deve ser salvaguardado, que é o facto de Joaquim Veríssimo Serrão ser não só o produtor do

¹⁰⁴ SILVA, Carlos Guardado da – O lugar dos ‘Arquivos Pessoais’ na Arquivística Internacional. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Vol. 33, n.º 2 (2020), p. 96.

¹⁰⁵ MELLO, Gonçalo Sampaio e – *Guilherme Braga da Cruz: Introdução ao estudo da sua biografia*. Lisboa: AAFDL Editora, 2018, p. 14.

¹⁰⁶ IDEM - *Ibidem*.

arquivo, mas o seu próprio impulsionador e cultor. Produtor, não no sentido literal de ser o autor das fontes, mas de ser ele a criar, a fazer nascer o seu arquivo, de registrar aqueles que foram muitos aspetos da sua vida, e essa dinâmica deve também ser explorada, enquanto organismo vivo que também o é. Um historiador que sempre se dedicara a estudar e a dar a conhecer a história dos nossos ancestrais, mas que tinha a noção de que também ele, um dia, seria história, e que a sua figura seria importante para se compreender o seu tempo. Pode não ser esta a razão da criação de todos os arquivos pessoais, mas cremos ter sido esta a razão que levou Joaquim Veríssimo Serrão a preocupar-se com a preservação da sua própria memória.

Neste seguimento, surge a questão orientadora desta dissertação de mestrado: *a partir do percurso de vida de Joaquim Veríssimo Serrão, como poderá ser organizado e representado o seu arquivo pessoal?*

Esta questão de partida leva-nos ao objetivo principal desta investigação, que é o de, seguindo uma abordagem sistémica, estudar a organização do arquivo pessoal Joaquim Veríssimo Serrão, propondo uma macroestrutura para um quadro de classificação para a representação eficaz da informação. Especificando, para chegar a este objetivo é obrigatório, por exemplo, fazer um estudo biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão, de maneira a ‘dividir’ a sua vida em vários patamares, ou seja, perceber as várias dinâmicas da sua vida, se assim lhe quisermos chamar. Estes patamares a que nos referimos vão ser a pedra angular dessa estrutura de classificação, servindo para etiquetar a informação por essas mesmas categorias analíticas. Para levar isto por diante, também será necessário explorar o arquivo, sendo necessário elaborar um inventário da documentação ou, se este já existir, perceber como está organizado. É ainda essencial elaborar uma revisão de literatura, que diga respeito ao conceito de arquivo pessoal, procurando observar eventuais especificidades em arquivos de historiadores para, através do que fora escrito sobre o tema, podermos compreender melhor a complexidade que envolve o arquivo pessoal e o seu primeiro titular. Importa, porém, ressaltar que não nos revemos na abordagem temática dos arquivos pessoais, de que são *exempla* os arquivos literários, pelo que analisamos este arquivo pelo prisma de arquivos de historiadores ou, num sentido mais largado, arquivos de ciência.

No que respeita à metodologia seguida para levar a bom porto esta investigação, servir-nos-emos, essencialmente, de dois métodos - a investigação documental e o método biográfico.

2.1 Método de Investigação Documental

O método de investigação documental é, em nosso ver, essencial no sentido em que corresponde à “recolha ou análise das informações, destinado a testar hipóteses de investigação”¹⁰⁷, um método específico que envolve “a identificação, a seleção, a recolha e a verificação de dados (heurística da investigação), recorrendo (...) à interpretação da informação recolhida em fontes distintas, escritas ou não, em suporte tradicional ou digital, de forma a dar-lhes sentido (hermenêutica da investigação)”¹⁰⁸, culminando-se este processo com a criação de conhecimento empírico. A investigação documental é ainda definida “como método de «pesquisa, objetiva e sistemática, de avaliação da evidência, sintetizando-a de modo a estabelecer factos e a desenvolver conclusões acerca dos acontecimentos»”¹⁰⁹. A hermenêutica tem neste método um papel fundamental, que se traduz na interpretação das fontes de informação. É de destacar, que por se tratar de interpretação, lhe está inerente uma carga mais ou menos subjetiva, consoante o investigador e o objeto de estudo. Esta questão traduz-se, também, em retirar conclusões partindo da parte para o todo, o que leva o investigador através da leitura da fonte, muitas das vezes, a cair em generalizações. Com efeito, é essencial um olhar superior à fonte, para que se possa fazer uma avaliação mais correta do seu conteúdo. Para isso contribuem alguns aspetos, nomeadamente, o contexto de produção da fonte de informação e até mesmo as próprias convicções e contextos sociais, institucionais e culturais em que se insere o autor.

Assim sendo, o método de investigação documental consagra em si vários propósitos essenciais para o trabalho de investigação que pretendemos. O método destaca-se, por exemplo, na análise de fenómenos macrossociais; mudanças sociais e desenvolvimento histórico dos fenómenos sociais; mudanças organizacionais; ideologias, sistemas de valor e da cultura¹¹⁰. Com isto, o método de investigação documental assume relevância pela multiplicidade de abordagens. Pois, segundo Bowen¹¹¹, as

¹⁰⁷ QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 3ª ed. Lisboa: Gradiva, 2003, p. 187.

¹⁰⁸ SILVA, Carlos Guardado – *Investigação Documental*. Em *Manual de Investigação Qualitativa: conceção, análise e aplicações*. Lisboa: PACTOR, 2021, p. 105.

¹⁰⁹ IDEM - *Ibidem*.

¹¹⁰ QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*.

¹¹¹ BOWEN, Glenn – *Document Analysis as a Qualitative Research Method*. *Qualitative Research Journal*. Vol. 9, (2009), p. 27–40.

fontes/documentos utilizados na investigação podem servir para diversos fins, como fornecer dados auxiliares da investigação, bem como inquirir mutações e avaliar o desenvolvimento de acontecimentos, permitindo fortalecer determinadas evidências ou confirmar resultados¹¹². Assentando este método, como já deixámos expresso, em várias interpelações, para uns segue, na sua essência, um método histórico, firmando-se, principalmente pela seleção e análise de documentos históricos – talvez seja o mais comum. No entanto, é-nos feita referência, que esta abordagem pode também ser conciliada com relatos de pessoas vivas, ainda assim, sempre em concordância com “documentos primários, documentos secundários e artefactos culturais e físicos”¹¹³, que deverão ser privilegiados. Refere Carlos Guardado da Silva que é esta a principal característica que distingue este método histórico do estudo de caso¹¹⁴. No entanto, sublinha o mesmo autor, um aspeto importante no que à evolução do conceito de documento diz respeito – que o movimento da *Escola dos Annales* influenciou a investigação histórica, como também as restantes áreas do saber das ciências sociais e humanas. A questão das transformações resultantes deste movimento é muito pertinente, uma vez que o produtor do nosso ‘objeto de estudo’ – Joaquim Veríssimo Serrão – assistiu a todo esse processo, influenciando, também, o seu percurso.

Se, com efeito, este método de investigação documental é relevante na nossa investigação, também o é, certamente, o documento que é a fonte de informação. Uma vez que se vai estudar o arquivo pessoal de Joaquim Veríssimo Serrão e este, como é sabido, é composto por documentação, interessa, portanto, entender o conceito de documento, bem como os seus limites e interligações. As fontes assumem, principalmente em métodos qualitativos e mistos, uma posição de elevado valor. E na investigação histórica assume um papel cimeiro, ou de maneira isolada, ou com a “triangulação de métodos e de dados”¹¹⁵. Depois, no que diz respeito ao conceito de documento, este evoluiu também, com o desenvolvimento social e natural evolução da Documentação para a Ciência da Informação, alterando-se, nesta medida, o foco do suporte para o seu conteúdo – a informação. A diversidade de fontes de informação é bastante acentuada, pelo que a caracterização da fonte de informação depende da sua substância ou tipologia.

¹¹² SILVA, Carlos Guardado – *Investigação Documental*, p. 106.

¹¹³ YIN, Robert K. – *Estudos de caso : planeamento e métodos*. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005, p. 32.

¹¹⁴ SILVA, Carlos Guardado – *Investigação Documental*, p. 106.

¹¹⁵ IDEM - *Ibidem*, p. 107.

Tal como se encontram grandes disparidades no que ao seu formato diz respeito, “podem ser escritos (manuscritos ou impressos), audiovisuais (fílmicos ou digitais), públicos ou privados, institucionais ou pessoais”¹¹⁶. Faria e Pericão consideram ‘fonte de informação’ um “documento original, crónica, testemunho, a partir dos quais são tratados os elementos para determinados estudos e investigações”¹¹⁷, bem como ‘ponto de acesso’ a informação que se pretende consultar. Interessa-nos, também, por causa do acervo documental do arquivo, perceber a diversidade de tipologias de “fontes de informação científicas”¹¹⁸, que podem ser primárias, secundárias e terciárias. As fontes primárias correspondem a fontes de informação original, sobre determinado assunto que é expresso pela primeira vez. Segundo Howell e Provenier, estas estão divididas em três grupos¹¹⁹: narrativas (crónicas, ensaios, ego-documentos, que são diários, memórias e entre outros); depois as diplomáticas (que dizem respeito à correspondência (cartas), os “documentos por excelência”¹²⁰, diplomas legais, entre outros); e os documentos sociais (que são “produtos da criação e da conservação de documentos produzidos e geridos pelas diversas organizações públicas e privadas, com informação de natureza diversa”¹²¹). Para Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão, fontes primárias definem-se por “fonte, como livros, publicações em série, relatórios científicos e técnicos, atas de congressos, programas de investigação, teses”¹²², entre outros. Ou seja, é produção intelectual original, partilhada em primeira instância. Fontes secundárias são, por sua vez, segundo Murilo Cunha, documentos que “contêm informações sobre documentos primários e são arranjados segundo um plano definitivo; são, na verdade, os organizadores dos documentos primários”¹²³, são por exemplo, catálogos de bibliotecas, bibliografias, entre outros. Já uma fonte terciária é, por exemplo, uma “obra especializada que cobre um conjunto de conhecimentos ou explicações concisas relacionadas com temas, autores,

¹¹⁶ IDEM - *Ibidem*.

¹¹⁷ FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça – *Dicionário do Livro: Da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Almedina, 2008, p. 564.

¹¹⁸ SILVA, Carlos Guardado – *Investigação Documental*, p. 107.

¹¹⁹ HOWELL, Martha C.; PREVENIER, Walter – *From reliable sources: an introduction to historical methods*. Ithaca, N.Y: Cornell University Press, 2001.

¹²⁰ SILVA, Carlos Guardado – *Investigação Documental*, p. 114.

¹²¹ IDEM - *Ibidem*.

¹²² FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça – *Dicionário do Livro: Da escrita ao livro electrónico*., p. 565.

¹²³ CUNHA, Murilo Bastos da – *Para saber mais : fontes de informação em ciência e tecnologia*. Brasília: Briquet de Lemos/ Livros, 2001, p. IX.

trabalhos, associações, recursos.”¹²⁴ No entanto, é-nos dito também, que as fontes terciárias “têm como função principal ajudar o leitor na pesquisa de fontes primárias e secundárias, sendo que, na maioria, não trazem nenhum conhecimento ou assunto como um todo (...), são sinalizadores de localização sobre os documentos primários ou secundários, além de informação factual.”¹²⁵. São exemplos deste tipo de fonte: monografias, enciclopédias, repertórios, dicionários, bibliografias de bibliografias, catálogos de catálogos, entre outros.

No que respeita a esta perspectiva do documento, importa dizer que o método de investigação documental, neste caso, é essencial para elaborar uma revisão da literatura que abordará o tema de ‘arquivos pessoais’, tendo por foco os arquivos pessoais de historiadores. Neste âmbito, este procedimento leva a que esta revisão de literatura seja bem fundamentada e credível do ponto de vista científico. Assim, recorrendo-se ao método de investigação documental para elaborar a revisão da literatura, podemos assimilar conhecimento científico através de trabalhos existentes e acessíveis *a priori*. Permite-nos também compreender o tema em estudo, no âmbito da investigação já existente, identificando “questões cruciais e lacunas existentes no atual estado do conhecimento”¹²⁶; ajuda-nos a dar, também, um rumo à investigação, identificando os focos principais a serem abordados, no objeto em estudo.

No que respeita à revisão da literatura, que consiste “na identificação, localização e análise de documentos que contêm informação relacionada com o tema de uma investigação específica”¹²⁷, ela é um importante “vínculo entre o conhecimento existente sobre o tema (...) e o problema que se pretende investigar”¹²⁸. É de referir, ainda, que muitas das vezes a própria revisão de literatura sugere o(s) método(s) para a futura investigação empírica. Diz-nos Clara Pereira Coutinho, que o estado da arte é histórico por condição, e que aquilo que é indagado nas investigações faz parte de um determinado contexto social e cultural, de uma própria comunidade de investigação¹²⁹ – veja-se que

¹²⁴ FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça – *Dicionário do Livro: Da escrita ao livro electrónico.*, p. 565.

¹²⁵ CUNHA, Murilo Bastos da – *Para saber mais*, p. IX.

¹²⁶ SILVA, Carlos Guardado – *Investigação Documental*, p. 108.

¹²⁷ COUTINHO, Clara Pereira – *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. 2ª ed. Coimbra: Edições Almedina, 2020, p. 59.

¹²⁸ IDEM - *Ibidem*.

¹²⁹ IDEM - *Ibidem*, p. 61.

não é por acaso que existem as várias *Escolas* académicas. Num primeiro momento, a revisão de literatura é iniciada com base em fontes de informação secundárias, pois fornece ao investigador uma visão global da temática, servindo de mote, depois, para a busca de fontes primárias. Sendo o objetivo final da revisão da literatura a busca pelas fontes de informação primárias¹³⁰, essas são investigações originais, empíricas por natureza, que transmitem aos leitores todas as fases de investigação, desde os métodos utilizados até aos resultados e conclusões.

Este método de investigação, pela ambiguidade que lhe está inerente, permite a cada investigador desenvolver o percurso de investigação da maneira que considerar melhor. Guardado da Silva indica, no entanto, algumas regras fundamentais que facilitam esse percurso. É, por isso, necessário identificar o problema de investigação, bem como formular as suas hipóteses. Depois, definir objetivos, tanto gerais, como específicos e confrontar e escolher os métodos e técnicas que melhor se identificam e que melhor se revejam na investigação que se pretende, uma vez que não se pode “avançar sem um método, isto é, ferramentas que lhe permitem alcançar resultados científicos satisfatórios”¹³¹. É essencial planificar toda a investigação, com todas as suas etapas e a calendarização das mesmas.

O método de investigação documental implica, desde logo, a seleção “do tipo e natureza das fontes de informação”¹³². Sendo que cada fonte de informação tem a sua própria origem e localização, tudo depende da temática e dos problemas de pesquisa, bem como do seu formato físico. Todavia, para se proceder à seleção de fontes, importa conhecer, em primeira instância, os vários tipos de documentos. Neste seguimento, implica também localizar as fontes, quer seja em arquivos, quer seja em bibliotecas, entre outras instituições de memória e conhecimento científico. Todo este procedimento é importante, pois possibilita premeditar as potencialidades da investigação que pretendemos levar para diante. Depois, importa selecionar as fontes que nos pareçam fundamentais e aquelas que não têm interesse para a investigação, bem como “da sua possibilidade de análise, por questões de exequibilidade, ou de acesso à informação, por questões de confidencialidade, salvaguardadas pelo *Regulamento Geral de Protecção de*

¹³⁰ IDEM - *Ibidem*, p. 63.

¹³¹ SILVA, Carlos Guardado – *Investigação Documental*, p. 110.

¹³² IDEM - *Ibidem*.

Dados (RGPD)”¹³³. No entanto, como refere o mesmo autor, por várias razões, não é possível ao investigador descurar o acesso à informação pela via digital. Quer por motivos de digitalização de algumas fontes essenciais, quer porque muitos dos estudos científicos que por ora se laboram, são publicados somente em meios digitais em detrimento dos meios analógicos. Para esta pesquisa, como é sabido, é crucial adotar alguns critérios para a seleção das fontes, seja a data de publicação, seja a acessibilidade, a coerência, entre muitos outros que poderão ser opção. É de salientar, ainda, que, no decurso da investigação, o investigador deve registar todos os critérios que vai utilizando. A organização das fontes “permite equacionar o desenvolvimento temporal da temática ao longo do tempo”¹³⁴.

No que respeita à identificação e seleção de documentos, existem alguns aspetos que devemos também ter em consideração, principalmente no que respeita à temática, ao objeto de estudo, e ao tempo que de que dispomos para a investigação e, principalmente para a feitura desta fase¹³⁵. Deverá evitar-se, segundo Quivy e Campenhoudt, a “bulimia livresca”¹³⁶. Portanto, há que seleccionar, delimitar e restringir. É necessária uma escolha equilibrada, que concilie quantidade e qualidade, que integre em si a “natureza das fontes, procurando, quando pertinente, o equilíbrio de perspectiva, porque o projecto ideal é, por regra, o realizável”¹³⁷. Claro está, que tudo isto depende sempre da riqueza e natureza das fontes.

O procedimento metodológico de investigação documental, por ser tão amplo, como anteriormente evidenciámos, comporta em si uma outra técnica de investigação que é denominada por análise de conteúdo. Esta operação de análise de conteúdo pretende encontrar, dentro das fontes de informação em análise, aqueles aspetos centrais, pertinentes, que focam a temática de investigação e o seu contexto. A análise de conteúdo “permite analisar de forma sistemática um corpo de material textual, por forma a desvendar e quantificar a ocorrência palavras/frases/temas «chave» que possibilitem uma

¹³³ IDEM - *Ibidem*.

¹³⁴ COUTINHO, Clara Pereira – *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*, p. 67.

¹³⁵ QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*

¹³⁶ IDEM - *Ibidem*, p. 51.

¹³⁷ SILVA, Carlos Guardado – *Investigação Documental*, p. 111–112.

comparação posterior”¹³⁸. Esta técnica já não implica só aspetos quantitativos das investigações, como contagens, foca-se noutros aspetos que vão muito para além disso – implica a “integração e compreensão”¹³⁹ das fontes, no contexto que as pretendemos inserir. Nesta sequência, importa reter que, quando delimitamos e restringimos o número de fontes documentais, é possível analisá-las na sua plenitude. Ainda assim, quando a quantidade de fontes de informação excede a quantidade que pretendíamos, é imperativo, nesse caso, seleccionar uma amostra. Segundo Clara Pereira Coutinho, esta técnica expande-se em três fases: a pré-análise (escolha das fontes de informação), a exploração do material (processo longo e fatigante, onde se escolhem tópicos em detrimento de outros, onde se filtra a informação que se quer retirar) e o tratamento dos resultados (inferência e interpretação dos dados recolhidos e tomadas de decisões)¹⁴⁰.

A análise de conteúdo implica que a informação contida nas fontes de informação seja alvo de uma rigorosa crítica do seu conteúdo informacional. Este processo é, muitas das vezes, e até tradicionalmente designado por “crítica histórica”¹⁴¹. Esta questão influenciara, em muitos, as ciências sociais e, principalmente a história enquanto área de investigação. Cabe, com efeito, a esta técnica, extrair a verdadeira essência dos documentos, de maneira a comprovar, realmente, se os documentos são aquilo que dizem ser¹⁴². A crítica que acima fizemos menção divide-se em crítica interna e crítica externa. Esta técnica específica de investigação, através da crítica interna, procura responder a determinados aspetos fundamentais que têm de ser extraídos – “tipo, conteúdo, autor (e qual a sua representação), intencionalidade (pois não há documentos inocentes!), destinatário, data tópica e cronológica, contexto (condições de produção do documento, etc.”¹⁴³ – é a crítica interna, com efeito, uma parte da análise de conteúdo. No entanto, segundo Shefer¹⁴⁴, quando um investigador pretende criticar internamente as fontes de

¹³⁸ COUTINHO, Clara Pereira – *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*, p. 217.

¹³⁹ SILVA, Carlos Guardado – *Investigação Documental*, p. 112.

¹⁴⁰ COUTINHO, Clara Pereira – *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*, p. 218.

¹⁴¹ SILVA, Carlos Guardado – *Investigação Documental*, p. 113. *Vide* os autores citados por Carlos Guardado da Silva que se referem, de forma tradicional, a esta técnica crítica de fontes de informação como “crítica histórica”.

¹⁴² SAINT-GEORGES, Pierre – *Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económicos, social e político*. Em *Práticas e Métodos de Investigação*. Lisboa: Gradiva, p. 15–47.

¹⁴³ SILVA, Carlos Guardado – *Investigação Documental*, p. 114.

¹⁴⁴ *Apud, Ibidem*.

informação, deve ter em conta diversas questões: os significados reais e literais das palavras que podem diferir; a maneira como o autor observou os objetos que narra; se existem contradições; a veracidade de algumas informações; se os dados factuais estão de acordo com os trabalhos científicos de referência; e a concordância dos documentos. Por vezes, quando são observadas ausências de documentos que sabemos que existem, mas que não encontramos, esses também devem ser tidos em conta na investigação e na narrativa, bem como devidamente explicados. Vários acontecimentos podem levar ao desaparecimento de documentação, tais como a censura, a destruição propositada de evidências, por exemplo¹⁴⁵. O que também se deve ter sempre em conta são os documentos falsos, que tem a sua importância, embora que contextualizada, pois permitem compreender a sua intencionalidade, o motivo por que foram forjados. Guardado da Silva refere que esta etapa da crítica das fontes está dividida em três partes, que se sobrepõem cronologicamente: são elas a fase documental; a explicação e compreensão (interpretação); e a escrita. Ainda assim, para alguns autores, nomeadamente Alvesson e Sköldbberg¹⁴⁶, existem algumas regras essenciais a ter em conta para a crítica das fontes, como por exemplo: que uma fonte que pareça não ser autêntica não tem valor científico; nunca se deve aceitar apenas uma fonte para a veracidade de um acontecimento; as fontes primárias têm mais valor do que as secundárias; uma fonte posterior aos acontecimentos é sempre menos verosímil do que uma contemporânea; e que quando existem dúvidas quanto à dependência de uma fonte, existem razões para a rejeitar.

Com isto, a crítica das fontes de informação é essencial para a investigação científica que adote este método. Através de vários critérios e regras específicos, as fontes de informação têm de ser submetidas a um exame rigoroso, de modo a poder analisar-se o seu conteúdo. É importante seguir a narrativa que a fonte/documento nos apresenta, não para nos guiarmos por ela *ipsis verbis*, mas para podermos confrontar essa narrativa com a intenção que levou à sua elaboração¹⁴⁷. Importa, com efeito, investigar atentamente todos os aspetos que estão inerentes à fonte, perceber silêncios, intencionais ou não, que poderão alterar o sentido ou objetivo da informação nela contida - conciliando sempre estas variantes com a natureza da fonte. Cabe depois ao investigador dar sentido à

¹⁴⁵ IDEM - *Ibidem*, p. 115

¹⁴⁶ *Apud* IDEM - *Ibidem*.

¹⁴⁷ HOWELL, Martha C.; PREVENIER, Walter – *From reliable sources*.

informação, construindo a sua própria narrativa, sempre com rigor científico, referindo a origem das informações (autoria), validando a exposição construída pelo investigador, bem como desmitificar e esclarecer algumas questões referentes à informação. Tem-se revelado, porém, uma dilatação da essência das fontes de informação – sendo o objeto deste estudo as fontes de informação de construção biográfica, que é o caso do arquivo pessoal de Joaquim Veríssimo Serrão.

Ainda no que respeita à organização das fontes de informação das quais nos serviremos, utilizaremos um *software* de gestão de referências bibliográficas, neste caso o *Zotero*. Este gestor permite-nos organizar todas as fontes de informação utilizadas nesta investigação, bem como identificar logo as fontes de informação citadas no texto. Neste *software* é-nos possibilitada a hipótese da inserção de vários dados bibliográficos, que permite a plataforma fazer uma organização automática de maneira a organizar uma bibliografia, bem como, no caso de fontes disponibilizadas *online*, guardar o próprio texto através de uma ligação.

Como dissemos anteriormente, quase toda a investigação tem de se servir do método de investigação documental. Importa também referir que este método pode ser utilizado de forma integral, ou parcial cruzando-o com outro(s) método(s). Depois de uma abordagem epistemológica deste método, de maneira a percebermos as suas várias perspectivas, para as podermos seguir, importa cruzá-lo com outro essencial à nossa investigação: o método biográfico.

2.2 Método Biográfico

Uma vez que o nosso objeto de estudo se foca na figura de um indivíduo e da construção, pelo mesmo, do seu arquivo pessoal, é essencial, com efeito, focar parte da investigação de maneira a traçar um perfil biográfico, mais ou menos completo, de Joaquim Veríssimo Serrão. Para o fazer, o método essencial é o da investigação documental, por todas as razões que anteriormente explicitámos. No entanto, como se trata de um indivíduo, que viveu, construiu, sentiu, desempenhou papéis ativos na sociedade do seu tempo (sociais, políticos e culturais), vulto maior da historiografia portuguesa, figura eminente da academia, é por todas estas razões e pela carga subjetiva

que lhe está inerente que nos teremos de focar também no método biográfico e em toda a sua epistemologia que nos ajuda a perceber e a desmitificar e até, pode dizer-se, contornar estas questões. No entanto, é preciso reconhecer que este método biográfico é suportado, também ele, principalmente na investigação documental, todavia com as suas próprias regras e problemas.

No que respeita ao método biográfico, este realiza-se no âmbito das ciências sociais, área de investigação relativamente recente em Portugal¹⁴⁸, ainda assim com “trabajos y tentativas de institucionalización en las humanidades, principalmente en la historia y en los estudios literarios, disciplinas que están en los currículos universitarios portugueses desde hace mucho tiempo”¹⁴⁹. Nos últimos anos, têm crescido imenso os “trabalhos com (auto) biografias, histórias de vida, memórias, biografias, narrativas de formação, depoimentos orais e escritos, entre outros)”¹⁵⁰, no que respeita a trabalhos científicos e académicos. É sabido que este método se concentra no indivíduo, e, por ser essa a sua natureza, transforma-se também no seu maior problema¹⁵¹, pelo que “dado o seu carácter dinâmico e evolutivo”¹⁵², se depara com uma série de contradições, tensões, e reflexões no seio da comunidade académica, que faz brotar várias posições teórico-metodológicas que podem ser consensuais, mas também conflituosas. Deste modo, na vária literatura que aborda teoricamente este método, encontramos, quase sempre, caminhos díspares, com diferentes visões e análises – havendo por vezes autores e teorias que questionam “whether or not auto/biography can ever be of use as a tool of social research, be it in the humanities or the social science”¹⁵³. Esta questão é colocada, segundo Evans, porque há quem considere o “eu” individual como uma mistura entre o pessoal e

¹⁴⁸ LECHNER, Elsa; ABRANTES, Pedro – La investigación (auto)biográfica en Portugal: un mapeo y dos estudios. Em *Revista Mexicana de Investigación Educativa*. Consejo Mexicano de Investigación Educativa, 2014. Vol. 19, p. 860 [acedido 28 dezembro 2021] em <URL <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/33258>>

¹⁴⁹ IDEM - *Ibidem*, p. 860-861.

¹⁵⁰ MEDEIROS, Emerson Augusto de; AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira – O método (auto) biográfico e de histórias de vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da pesquisa em educação. *Revista Tempos e Espaços em Educação*. Vol. 11, n.º 27 (2018), p. 151.

¹⁵¹ EVANS, Mary – Auto/biography as a Research Method. Em *Research Methods for English Studies*. Edimburgh: Edimburgh University Press, 2005, p. 33.

¹⁵² MEDEIROS, Emerson Augusto de; AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira – O método (auto) biográfico e de histórias de vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da pesquisa em educação, p. 151.

¹⁵³ EVANS, Mary – Auto/biography as a Research Method, p. 33.

o público. No entanto, mais adiante, exploraremos com mais pormenor os problemas deste método de pesquisa.

Ao longo do tempo, a investigação científica viu os seus métodos de pesquisa alterados por investigadores que iam preferindo uns em detrimento de outros. E, nesse seguimento, a academia de corrente positivista, principalmente, contribuiu “para alimentar o desenvolvimento de metodologia e métodos investigativos não ligados à pauta exclusiva da racionalidade na produção da ciência”¹⁵⁴. Neste seguimento, o método biográfico tem vindo a desenhar, em termos metodológicos, novos cenários de investigação. Medeiros e Aguiar mencionam que Franco Ferrarotti¹⁵⁵, um dos mais afamados autores neste método, “enfatizou a exigência de uma forma de produzir conhecimento científico (...) não arraigada na centralidade da perspectiva experimental, fechada em círculos selectos e reservados, porém, aberta para as questões que dão sentido ao conhecimento produzido pela/para a sociedade”¹⁵⁶. Ferrarotti refere que o método biográfico “implica ultrapassar o trabalho lógico-formal e o modelo mecanicista que caracteriza a epistemologia científica estabelecida”¹⁵⁷. O investigador que se serve deste método, e que tenha intenção de “fazer uso do potencial heurístico da biografia”, sem se afastar das suas principais características que são a sua subjetividade e historicidade, deve lançar-se para além do quadro epistemológico tradicional. A base epistemológica do método biográfico deve ser, assim, encontrada noutra panorama, “na razão dialética capaz de compreender a práxis sintética e recíproca que governa a interação entre o indivíduo e o sistema social”¹⁵⁸. Acrescenta o mesmo autor que esta “razão dialética” é, por definição, uma razão histórica, abstrata, que transforma essa subjetividade no concreto. É esta razão dialética que “autoriza a interpretar a objetividade de um fragmento da história social, na base da subjetividade presente de uma história individual”¹⁵⁹, dá acesso ao global, ao geral, ao plural, que é a sociedade, todavia, iniciando o processo pelo indivíduo, que é singular. É, com efeito, um método que possibilita entrar numa relação dialética com a

¹⁵⁴ MEDEIROS, Emerson Augusto de; AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira – O método (auto) biográfico e de histórias de vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da pesquisa em educação, p. 152.

¹⁵⁵ FERRAROTTI, Franco – Sobre a autonomia do método biográfico (Dossier «Biografia e Património»). (1991),

¹⁵⁶ MEDEIROS, Emerson Augusto de; AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira – O método (auto) biográfico e de histórias de vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da pesquisa em educação, p. 156.

¹⁵⁷ FERRAROTTI, Franco – Sobre a autonomia do método biográfico (Dossier «Biografia e Património»), p. 172.

¹⁵⁸ IDEM - *Ibidem*.

¹⁵⁹ IDEM - *Ibidem*.

empírica”¹⁶⁰. Por ser um método, pela sua génese, social, encontramos-lo também ligado à metodologia no campo da sociologia – instrumentos indispensáveis, mas colocados à margem relativamente ao foco central do método, que procura recuperar “a unidade sintética do sistema social com implicação recíproca e ativa entre sociedade e *praxis* individual no seu ponto embrionário”¹⁶¹ – É, com efeito, uma abordagem metodológica não analítica.

O método biográfico possibilita um género literário mais individual do que todos os outros. A sua grande particularidade é mostrar que das generalidades surgem diferenças. Tem como grande premissa a crença na “particularity of the individual”¹⁶². Um indivíduo não engloba em si uma sociedade inteira, “totaliza-a por meio do seu contexto social imediato”¹⁶³, ou seja, os grupos sociais em que se insere. Nestes grupos sociais, o indivíduo desempenha um papel de agente social que patenteia o seu contexto. Por outro lado, a mesma sociedade onde se insere o sujeito, faz por ele a mesma coisa – “totaliza cada individualidade específica por meio das instituições mediadoras que focalizam esta sociedade no indivíduo com crescente especificidade”¹⁶⁴. O método biográfico é, como anteriormente evidenciámos, dirigido ao indivíduo. O indivíduo, esse ser complexo que integra o social e é, com efeito, uma consequência desse meio coletivo. O conceito de socialização é muito importante neste método, uma vez que é um conceito que descreve a maneira de como “participamos no mundo social e, em simultâneo, incorporamos linguagens, disposições e valores que favorecem essa participação”¹⁶⁵. Este procedimento metodológico “diz” menos sobre o indivíduo e mais sobre as relações que estabelece com a sua comunidade. Compete discernir mais sobre como o indivíduo pode ser compreendido e avaliado nas ações a que procede na sua comunidade, do que sobre a sua parte mais pessoal¹⁶⁶. A epistemologia e o processo do método biográfico tiveram desenvolvimentos consideráveis nas últimas quatro décadas, nomeadamente em

¹⁶⁰ CONDE, Idalina – Problemas e virtudes na defesa da biografia. (1993), p. 53.

¹⁶¹ FERRAROTTI, Franco – Sobre a autonomia do método biográfico (Dossier «Biografia e Património»), p. 173.

¹⁶² EVANS, Mary – Auto/biography as a Research Method, p. 34.

¹⁶³ FERRAROTTI, Franco – Sobre a autonomia do método biográfico (Dossier «Biografia e Património»), p. 174.

¹⁶⁴ IDEM - *Ibidem*, p. 174.

¹⁶⁵ ABRANTES, Pedro – De como escrevemos a vida e a vida se inscreve em nós: um estudo da socialização através da análise de autobiografias. *Educação & Sociedade*. Vol. 35, n.º 126 (2014), p. 112.

¹⁶⁶ EVANS, Mary – Auto/biography as a Research Method, p. 36.

Portugal¹⁶⁷. Ainda assim, pretende mostrar a maneira pela qual os indivíduos são compreendidos e julgados tanto no seio da sua comunidade, como fora dela. E com isto, é essencial perceber o papel que a experiência e a cultura coletiva desempenham na vida de cada indivíduo, elementos que tem vindo a faltar em muitas das biografias elaboradas. A cultura de cada grupo social leva determinado sujeito a minimizar as suas experiências conjuntas, levando a uma reflexão de que essas vivências transformam cada indivíduo num produto de determinadas circunstâncias específicas, ou seja, a vida pessoal de cada um acaba por se imiscuir na vida social da comunidade de que o indivíduo faz parte. Defende ainda Evans que “when individuals write autobiographies, they often locate themselves as people who have had a battle against a particular culture”¹⁶⁸. Se analisarmos diferentes biografias do mesmo sujeito, reparamos que revelam uma certa “instability of cultural judgements, as well as bringing into sharp relief those certainties of the nineteenth century which modernism made a determined effort to disturb”¹⁶⁹.

A biografia é, regra geral, sobre o indivíduo, podendo ser escrita por esse mesmo indivíduo (como nos casos das memórias ou das autobiografias), ou por outro que de si está distanciado, que é o recorrente na biografia. Contudo, a biografia pode também ser sobre um sujeito coletivo. Este tipo de biografia coletiva foca-se mais em analisar o resultado da experiência partilhada por várias pessoas, não focando tanto aspetos de cariz psicológico individual. Por exemplo, a autobiografia feita através de diários, pode ser mais tarde utilizada como fonte de informação. No entanto, esses escritos autobiográficos, aos olhos do comum investigador, não têm tanto valor como, por exemplo, opiniões alheias – é uma perceção que tende a alterar-se. Mary Evans explicita que, muitas das vezes, o investigador quando desenvolve esta metodologia, analisa e materializa as ações de vida do indivíduo que estuda com sentimentos de intensidade e altruísmo, que derivam da sua segurança intelectual. No entanto, também existem, por vezes, sentimentos de amor e de afeto.

Este processo apresenta-se para dar resposta a determinadas questões, nomeadamente as ações humanas que necessitam de reflexão, no campo de vista social e subjetivo dos indivíduos. Este método documenta o progresso dos indivíduos na sociedade em que se inserem – analisamos, pois, a ação humana em movimento. Através

¹⁶⁷ Vide LECHNER, Elsa; ABRANTES, Pedro – La investigación (auto)biográfica en Portugal.

¹⁶⁸ EVANS, Mary – Auto/biography as a Research Method, p. 38.

¹⁶⁹ IDEM - *Ibidem*, p. 37.

desta reflexão, ficamos na posse dos meios para conhecer a dinâmica das escolhas que movimentam as pessoas. Já Mary Evans adverte que este é o método que necessita de mais interpretação por parte do investigador, e que “faced with a culture that assumes there are no necessary secrets or private spaces within a life, the researcher is increasingly under pressure to interpret the life, quite as much as to document it”¹⁷⁰. A mesma autora sugere ainda que a vida do biografado ganha outra dimensão depois de ser interpretada. Apesar de se mostrar um método eficaz e frutífero para o conhecimento histórico, este não deixa de ter os seus problemas, que se prendem, na sua maioria, com o investigador que o segue. Um dos problemas que surge na biografia como método de pesquisa reside no facto de o investigador não reconhecer as suas emoções, impregnando-as, muitas vezes, nos resultados das suas investigações, podendo essas emoções estar ligadas quer com o tema de pesquisa, quer por um apego emocional que o investigador possui sobre o sujeito que biografa. O que motiva, muitas vezes as biografias, são as próprias emoções, que se podem revelar de maneira diferente¹⁷¹. As emoções conferem também a certos acontecimentos “uma importância capital na formação de identidades”¹⁷².

Este método, apesar de todas as suas grandes vantagens, tem alguns problemas no que ao seu uso diz respeito. Um desses problemas é uma certa tendência para se focar em pormenores, particularidades, num assunto em que a sua importância é mais geral. No entanto, uma das maiores particularidades deste método é que este atua “against the over-socialized account of human beings”¹⁷³. A tendência é que se considere os indivíduos como membros de classes, de raças, ou mesmo géneros e, com isso, o investigador omite, muitas das vezes, a dinâmica da sua vida social. Se, de facto, a definição de indivíduo fosse reduzida a isso, a essa identificação apenas individual, e se o mesmo indivíduo não interagisse socialmente, e não participasse nessa dinâmica constante de interação e actividade conjunta, então seria difícil a existência da vida cultural como a concebemos, e, até mesmo, a vida e a produção intelectual, que se faz sempre com um dinamismo completo de interações a todos os níveis. Portanto, neste método, é essencial reconhecer a interferência e a dinâmica do mundo social no indivíduo, embora o mesmo tenha como foco central a vida do indivíduo alvo de estudo¹⁷⁴. Com efeito, esta é uma das críticas que

¹⁷⁰ IDEM - *Ibidem*, p. 32.

¹⁷¹ IDEM - *Ibidem*, p. 34.

¹⁷² ABRANTES, Pedro – De como escrevemos a vida e a vida se inscreve em nós, p. 117.

¹⁷³ EVANS, Mary – *Auto/biography as a Research Method*, p. 38.

¹⁷⁴ IDEM - *Ibidem*, p. 38-39.

devem ser apontadas a este método até ao dia de hoje, que é o fraco reconhecimento da sociabilização do indivíduo, que está muitas vezes relacionado com a maneira de como a pesquisa é feita – tem de existir uma interação e a conjugação de dados pessoais com dados sociais.

No que respeita ao autor, ou biógrafo, devemos ter vários aspetos em consideração. Um deles, e talvez dos mais importantes segundo Evans, é a necessidade de estabelecer relações entre o autor/biógrafo com o sujeito/biografado e a cultura em si, o ambiente social que o sujeito vivera. Esta relação é parte de uma autoconsciência que envolve o investigador. Um dos grandes desafios deste método prende-se com isto mesmo: o biógrafo, ao narrar a vida de outro indivíduo, vê-se ao espelho, e acaba por narrar também a sua, ou aquilo que gostaria que ela fosse, “projecta algo das suas emoções, dos seus próprios valores e necessidades”¹⁷⁵. Cada ato de escrita tem sempre algo de autobiográfico, mesmo a escrita científica, bem como as opções que fazemos. O investigador não é apenas um simples observador, investigador ou analista da sua sociedade, ou até mesmo apenas “collectors of information about another person”¹⁷⁶, é herdeiro de um determinado sistema social que descende, muitas vezes, do mesmo sistema do qual o sujeito em estudo fazia parte. Também o investigador possui ideias e valores da cultura com que se identifica e habita. Refere Evans que, quando o investigador/biógrafo reconhece e se identifica com o aspeto anteriormente enunciado, acaba por se tornar um “hidden subject”¹⁷⁷ – um sujeito oculto – do estudo que elabora. Deve reconhecer-se, com efeito, que lidamos aqui com um aspeto muito controverso e bastante comum na investigação, relacionado com os investigadores na área das ciências sociais e humanas – a questão da parcialidade. Com isto, é preciso reconhecer que há investigadores mais imparciais, ou transparentes, do que outros – uns que se deixam envolver como sujeitos ocultos, outros que fazem os possíveis para se distanciar para tal não acontecer. Cabe, contudo, ao investigador refletir sobre as fronteiras que deve impor no que à objetividade e subjetividade dizem respeito – até mesmo para respeitar a identidade do sujeito que estuda. Por todas estas razões, o biógrafo deve explicitar no seu trabalho as razões da escolha do biografado, tal qual como os objetivos da biografia, as técnicas utilizadas dentro deste método, bem como as fontes de informação que utiliza.

¹⁷⁵ AVELAR, Alexandre de Sá – A biografia como escrita da História: possibilidades, limites, tensões. *Dimensões*. n.º 24 (2010), p. 166.

¹⁷⁶ EVANS, Mary – Auto/biography as a Research Method, p. 42.

¹⁷⁷ IDEM - *Ibidem*.

Avelar defende que “o discurso que sustenta a erudição do biógrafo tende a ocultar a sua inevitável parcialidade e os fundamentos ideológicos do seu projecto”¹⁷⁸, que não escreve uma biografia ao acaso. Por outro lado, o investigador idealiza, muitas vezes uma visão global do seu personagem, que por vezes não consegue alcançar por razões de lacunas documentais – recorrendo ao psicológico e à imaginação ficcional.

É preciso ainda ter em atenção um aspeto que atinge muitos investigadores, principalmente aqueles que escrevem sobre grandes personalidades e vultos. Como anteriormente já evidenciámos, o biógrafo que, por descender da mesma cultura e sociedade que o biografado, considera-se, de certa maneira, seu herdeiro “no espírito”, tende a assumir uma posição não de relação direta com o sujeito, mas sim de subserviência, de inferioridade, elevando o biografado a um patamar muito superior ao seu, em termos intelectuais e culturais, entre outros aspetos. No entanto, a assumirem, despropositadamente, essa posição condescendente relativamente ao sujeito, estão a ocultar elementos, que são cruciais da vida da pessoa que estão a descrever. Obscurecem aspetos essenciais sobre a relação do sujeito com a sua cultura e com o seu tempo, inserindo também o sujeito na cultura que não foi a sua, mas que é aquela que vive o investigador. Veja-se, a título de exemplo, em Portugal, quando se tratam individualidades que viveram no século XX e que, por ventura, estiveram ligadas ao regime do Estado Novo, tende-se a negativizar e a julgar essa conotação que o sujeito tivera com o seu meio envolvente. Essa conotação negativa, que na atualidade se conserva, tende a esquecer outros aspetos cruciais da vida dessa personalidade. Esta situação leva-nos a afirmar que, por mais difícil que seja, até impossível, o esforço de imparcialidade é muito importante neste método de investigação, tal como uma visão global da vida da pessoa. Todos os aspetos ligados com a sua vida, sendo revelações, são essenciais para um trabalho biográfico, têm de ser desmitificados os ‘assuntos ocultos’, como lhes chama a autora. Ainda assim, há que reconhecer as balizas da investigação – “the question of the many ‘silences’ within auto/biography is raised here: what is not said, what cannot be said, and what we can ever know”¹⁷⁹. Portanto, existem aspetos que ficam por dizer, muitas das vezes por culpa da própria investigação; o que não pode ser dito prende-se com aspetos da esfera privada, confidencial; o que nunca podemos saber prende-se, quase sempre, por ausência, ou desaparecimento, propositado ou não, das

¹⁷⁸ AVELAR, Alexandre de Sá – A biografia como escrita da História, p. 167.

¹⁷⁹ EVANS, Mary – Auto/biography as a Research Method, p. 43.

fontes de informação. O investigador procura sempre um discurso, se não de verdade absoluta, muito próxima dela, que pode ser apreendida, desde logo, pela investigação documental que se consolida na escrita textual. Com isto, o biógrafo está propenso a contar uma história com base na observação da análise das fontes de informação. Controla assim o curso da vida da personagem, molda-a à sua maneira, dá forma ao texto biográfico. No entanto, poder-se-á deparar “com lacunas documentais e perguntas sem resposta”¹⁸⁰. Estas questões em volta do método biográfico são surpreendentes, e mostram como é fácil o investigador emitir juízos de valor relativamente ao biografado, transformando-o, muitas vezes, em vilão ou herói. Muitas das vezes, estes juízos de valor já se encontram pré-definidos antes do autor começar a investigar, pelo que é difícil distanciar-se deles, acabando por influenciá-lo nos resultados da sua investigação. Esta caracterização, que é feita do indivíduo, levanta outras questões que se prendem com a tirania dos factos¹⁸¹, e uma necessidade interna, por parte dos autores, de produzirem as suas próprias evidências. Com isto, o investigador deve, e a história ensina-o, ser cético e duvidar dos factos. Tende-se a assumir uma atitude simplista reduzindo a investigação à pura e cega análise de factos. Os factos servem para tudo, mas o que fica esquecido são as dinâmicas e contextos que dão origem a esses factos de que o investigador aprecia. Não pretendemos descurar, porém, a importância desses factos, mas é preciso ir mais além deles.

Quando a vida e a obra do sujeito não é admirada pelo investigador, diz-nos Evans, a dedicação, a determinação ou a concentração que emprega à investigação poderá tornar-se numa obsessão. Esta questão materializa-se de diferentes maneiras, de que é exemplo o caso dos historiadores: um historiador mais conservador criticará, *a priori*, um historiador mais radical que está a ser alvo deste processo biográfico, embora não sejam da mesma geração, e vice-versa. O mesmo acontece com Escolas académicas, ou com políticos. O indivíduo que se estuda pode ter tanto admiradores como críticos severos à sua vida e obra. Importa reter, contudo, que é absolutamente crucial reconhecer as fronteiras entre os factos e a ficção. Uma pessoa é um indivíduo num sentido factual, mas, por vezes, um indivíduo que cultiva o seu espírito, construindo-se a si próprio, ou que tem uma certa reputação, tem de ser avaliado para não se cair imaginário, ou seja, não se fugir da verdade – o investigador deve fazer um jogo psicológico com o seu biografado,

¹⁸⁰ AVELAR, Alexandre de Sá – A biografia como escrita da História, p. 161.

¹⁸¹ EVANS, Mary – Auto/biography as a Research Method, p. 43..

perceber o seu pensamento, a sua maneira de ser e de estar com os outros, a sua personalidade. Estes são também alguns aspetos a ter em conta.

No que toca ao método biográfico, importa reter, em nosso ver, que se torna bastante revelador pela sua “inteligibilidade singular, capaz de produtivamente desafiar a segurança afinal frágil e abusiva de muitas generalizações teóricas”¹⁸². Avelar refere que a biografia reserva um papel restrito e singular ao estudo de um caminho individual, que após “um exame macroestrutural da sociedade e dos quadros explicativos subjacentes, procede-se ao detalhamento biográfico com fins de ilustração da realidade mais ampla abordada”¹⁸³. O personagem em estudo revela e ilustra uma dinâmica complexa superior a si – que é o contexto histórico em que vive. O sujeito biografado é, com efeito, um exemplo. Esta perspectiva tradicional de estudo isolado que se colava à biografia, deu lugar a um “mosaico biográfico”¹⁸⁴, que enriquece uma visão coletiva, quer dos indivíduos, dos grupos ou das instituições, quer nas relações que todos estabelecem uns com os outros. Serve para abrir a porta tanto a uma perspectiva de “fase exploratória para perscrutar e levantar hipóteses a verificar”¹⁸⁵ como forma particular, *sui generis*, de penetrar em modos de vida particulares e individuais e desmitificar todos as suas condicionantes, ou então para o “relançamento de hipóteses já validadas”¹⁸⁶, mas que procuram uma maior base de apoio e robustez, como por exemplo, quando uma investigação se encontra num impasse. Neste seguimento o método biográfico pode ajudar a explorar domínios ainda não analisados no cerne da questão que orienta o estudo. Atribui, por vezes, outra dimensão às problemáticas em análise, deixando para trás uma perspectiva isolada do ser humano, em detrimento de toda uma dinâmica e convívio com o seu grupo social e com o contexto histórico da época que lhe foi dada a viver. Este método obriga a um confronto entre o indivíduo e a sua cultura, experimenta o mundo social como influenciador dos seus agentes, que requer desafio e criatividade¹⁸⁷. É um método que revaloriza os atores sociais, abrindo novos horizontes ao conhecimento

¹⁸² CONDE, Idalina – Problemas e virtudes na defesa da biografia, p. 52.

¹⁸³ AVELAR, Alexandre de Sá – A biografia como escrita da História, p. 160.

¹⁸⁴ CONDE, Idalina – Problemas e virtudes na defesa da biografia, p. 51.

¹⁸⁵ IDEM - *Ibidem*, p. 51.

¹⁸⁶ IDEM - *Ibidem*.

¹⁸⁷ EVANS, Mary – Auto/biography as a Research Method, p. 45.

histórico, transformando-o, não numa unidade isolada, mas num “campo de conflitos e de construção de projetos de vida”¹⁸⁸.

Após a abordagem ao método de investigação documental e ao método biográfico, estes mostram-se, em nosso ver, capazes de responder aos desafios que temos projetados para a presente investigação. Por um lado, a investigação documental que será a pedra angular de todo o trabalho, e que nos irá permitir alcançar cada etapa com o rigor científico essencial. Por outro lado, o método biográfico, que imiscuído com o método de investigação documental, permitirá uma abordagem completa e complexa à figura de Joaquim Veríssimo Serrão. Esta conjugação possibilitará uma compreensão detalhada da vida deste personagem, com toda a dinâmica do seu percurso biográfico que está, embora de forma indireta, materializado no seu arquivo, uma vez que são as fontes de informação nele contido que nos dão as “certezas” e incertezas da sua caminhada terrestre. A nosso ver, a teorização feita do método biográfico direciona-se à figura de Joaquim Veríssimo Serrão. Pois, sabemos, em primeira instância, que é filho do seu tempo, e que “cada período tem um modelo ou paradigma que o representa”¹⁸⁹. Representativo do seu tempo será, certamente, Joaquim Veríssimo Serrão, quer pela complexidade e finura exorbitante e assaz complexa com que viveu a sua vida, quer pela obra que deixou eternizada.

¹⁸⁸ AVELAR, Alexandre de Sá – A biografia como escrita da História, p. 170.

¹⁸⁹ MELLO, Gonçalo Sampaio e – *Vultos & Perfis*. Silveira: Bookbuilders, 2019, p. 115.

3. Joaquim Veríssimo Serrão: um olhar sobre o percurso da sua vida

A minha vida é o vício da leitura: assim como não posso viver sem água, não posso viver sem livros. Hoje há uma especialização levada ao exagero, embora não possa haver uma especialização assente na cultura geral, por isso não sou especialista de nada. Interesso-me por tudo, sou especialista do geral.

Joaquim Veríssimo Serrão

Origens

*Bendigo os meus pais, a quem agradeço a ternura com que me educaram*¹⁹⁰

Corria o oitavo dia do mês de julho de 1925 quando, em Santarém, na Freguesia de São Salvador¹⁹¹, nasceu Joaquim Veríssimo Serrão. Filho de Joaquim Vicente Serrão (1904-1990) e de Adriana dos Santos Veríssimo Serrão (1903-1940)¹⁹² cresceu menino numa família modesta, com sua irmã Maria Margarida. Do lado paterno, foram seus avós Joaquim Vicente e Gertrudes Pereira¹⁹³. Foi privado de uma mão materna com apenas catorze anos de idade, pois sua mãe morre de doença. A morte da sua progenitora foi um

¹⁹⁰ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida. Em *Meio Século ao Serviço da Universidade e da História (1947-2000)*. Lisboa: Edições Colibri, 2000, p. 35.

¹⁹¹ Na Ficha de Académico da Academia Portuguesa da História, vem referida “Santarém/São Salvador”, no parâmetro da naturalidade.

¹⁹² Dicionário de Historiadores Portugueses: da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo. [acedido 9 fevereiro 2023] em <URL https://dichp.bnportugal.gov.pt/historiadores/historiadores_verissimo_serrao.htm>.

¹⁹³ MOREIRA, Teresa Lopes – O estudante universitário Joaquim Veríssimo Serrão.

acontecimento que marcou bastante a sua infância, “abalando os seus estudos liceais”¹⁹⁴. Tempos esses conturbados que tiveram ainda por agravante o segundo casamento de seu pai com Aida de Jesus Carneiro, na cidade de Lisboa¹⁹⁵. Seu pai, comerciante e dono de um armazém em Santarém, foi um homem muito respeitado e admirado pelos seus conterrâneos, que inculuiu ao seu filho, desde cedo, o gosto pelas letras e a ambição de um futuro mais risonho que começaria pela formação académica¹⁹⁶. O exemplo que recebeu do seu progenitor leva-o, para sempre, a reger-se através de “normas da humildade da vida”¹⁹⁷. Frequenta o Liceu de Santarém, no último ano em que funcionou no edifício do Seminário Patriarcal de Santarém, ingressando depois no Liceu Sá da Bandeira, onde concluiu o 7º ano do Curso de Letras, a 12 de julho de 1943. Nesse mesmo ano, deixou temporariamente a cidade para se dedicar à sua formação no ensino superior, em Coimbra. Parte então para a velha Lusa Atenas¹⁹⁸, onde terá o primeiro contacto com o mundo académico que se lhe revelará apaixonante a todos os níveis e que lhe deixará, também, marcas indeléveis no espírito.

Estudante na Lusa Atenas

*Com um misto de gratidão e de saudade, não devo silenciar a dívida que nesse tempo contraí com alguns professores que deixaram marca indelével no meu espírito*¹⁹⁹

Logo após a conclusão dos seus estudos liceais, decorria ainda o ano de 1943, e por influência do seu pai que queria o primogénito advogado em Santarém, matricula-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Por variadas razões, quer a nível

¹⁹⁴ IDEM - *Ibidem*.

¹⁹⁵ IDEM - *Ibidem*.

¹⁹⁶ Declaração prestada ao autor, a 14 de dezembro de 2022, pelo Dr. Ludgero Mendes, escalabitano, etnógrafo e antropólogo, conhecido próximo de Joaquim Vicente Serrão e de Joaquim Veríssimo Serrão. Veja-se também: Entrevista a Joaquim Veríssimo Serrão a propósito da Academia Portuguesa da História, realizada por Raquel Santos. [acedido 9 fevereiro 2023] em <URL <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/academia-portuguesa-de-historia/>>

¹⁹⁷ *Dicionário de Historiadores Portugueses: da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo*.

¹⁹⁸ Assim se chamou a Coimbra durante muito tempo, porque, à semelhança da grande cidade da Grécia Antiga, foi também durante séculos o centro de cultura e conhecimento do nosso país.

¹⁹⁹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida, p. 11.

curricular, quer a nível vocacional, após um ano de curso, o jovem escalabitano percebeu que o seu caminho não passaria pela via da jurisprudência, desistindo do Curso de Direito. Ainda assim, leva da Escola de Direito a experiência e o contacto que criou com alguns mestres desse tempo, com quem irá manter laços de amizade para o resto da vida, como é o caso dos professores Guilherme Braga da Cruz (1916-1977)²⁰⁰ e Paulo Merêa (1908-1977). No ano de 1944, inscreve-se na Licenciatura de Ciências Histórico-Filosóficas que era, nas palavras do próprio, um curso da cultura geral, que abrangia várias áreas, nomeadamente a história que era já a sua paixão.

Começa nesse mesmo ano a frequentar a referida Licenciatura que fará apenas em quatro anos, coisa que ao tempo não era comum nem aconselhável sendo, por isso, o único aluno a fazê-lo. Foram várias as razões que o motivaram a trabalhar com afinco durante esse tempo; primeiro que tudo porque vinha de uma família menos abastada e não queria dar o encargo ao pai de mais um ano a estudar; depois, por motivos amorosos típicos de alguém que se encontra no alvor da juventude - queria casar-se e constituir família²⁰¹. Pode dizer-se que este curso, pela abrangência do seu *curriculum*, terá grande influência na futura abordagem historiográfica de Joaquim Veríssimo Serrão. Lembre-se também que àquele tempo, a velha Universidade de Coimbra era já “prestigiada pelo seu labor endereçado para as propostas metodológicas e críticas da Escola dos *Annales d’Histoire Economique et Social* – berço da História Nova”²⁰², tempo novo que obrigou os estudiosos a novas aprendizagens, que impôs uma mutação em todo o processo de construir o saber histórico – é o tempo em que surgem as áreas específicas da história. O jovem estudante Veríssimo Serrão teve, nesses quatro anos, um contacto e convívio salutar com os grandes mestres do seu tempo – Damião Peres (1889-1976), Joaquim de Carvalho (1892-1958), Aristides de Amorim Girão (1895-1960), Manuel Lopes de Almeida (1900-1980), Mário Brandão (1900-1995), Torquato de Sousa Soares (1903-1988), Sílvio Lima (1904-1993), Arnaldo de Miranda Barbosa (1916-1973), Maximino Correia (1893-1969), José Correia de Oliveira (1921-1976), Pierre David (1882-1955) e

²⁰⁰ Escreve Gonçalo Sampaio e Mello: “Veríssimo Serrão foi aluno de Braga da Cruz na Faculdade de Direito de Coimbra e, conquanto transferido para Letras, não mais perdeu o contacto com o antigo mestre. Foi por intermédio deste que, estando como Leitor de Português em Toulouse, arquivou no *Boletim da Faculdade de Direito* estudos de grande nível, nomeadamente acerca de António de Gouveia e da crise dinástica de 1580. (...) Existiam em Tadmim 145 cartas do seu punho” - MELLO, Gonçalo Sampaio e – *Guilherme Braga da Cruz: Introdução ao estudo da sua biografia*, p. 793.

²⁰¹ Entrevista a Joaquim Veríssimo Serrão a propósito da Academia Portuguesa da História, realizada por Raquel Santos.

²⁰² RODRIGUES, Martinho Vicente – Editorial, p. 11.

Virgílio Correia (1888-1944)²⁰³ – todos eles lentes e intelectuais de espírito modelar, que contribuíram, em muito, para a sua formação a todos os níveis.

Ao fim de quatro anos, conclui, com 16 valores, a Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas com a defesa da tese a que dá o título de *Sentido da História. Breve Introdução a um Problema*, que nunca será publicada²⁰⁴. É nestes anos passados nos Campos do Mondego que Joaquim Veríssimo Serrão vai ter o primeiro contacto com o espírito universitário - ideal de vida que sempre o acompanhará nos vários trilhos que irá percorrer.

Já a dar cartas com a sua veia intelectual, começa a sua colaboração no semanário *Correio do Ribatejo*²⁰⁵. O jornal, a partir da década de 40 do século XX, “contou com o assíduo contributo de Joaquim Veríssimo Serrão²⁰⁶. Era ainda estudante da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra quando começou a ser um dos colaboradores mais assíduos de Vergílio Arruda, filho do fundador do jornal e seu continuador durante 50 anos”²⁰⁷. Veríssimo Serrão vai sempre colaborando no jornal de maneira fervorosa, ficando a ele ligado para o resto da vida. No artigo que escreveu, supostamente o primeiro, intitulado “A História Mestra da Vida”, o ainda jovem estudante universitário deixa transparecer já o seu gosto pela história, referindo que “as Ciências Históricas continuarão a marcar entre as ciências teóricas, um lugar de incontestável relevo pelos meios que nos facultam de, penetrando no passado, podermos averiguar os factos e a projecção daquilo que representam. (...) E é isto que justifica que a História seja – a «mestra da vida»”²⁰⁸. Ficou ligado a este jornal durante toda a sua vida, assumindo, por vezes, uma atuação mais intensa nos períodos de verão, quando substituía o diretor, Dr. Virgílio Arruda, quando este ia de férias²⁰⁹.

²⁰³ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida, p. 11-13.

²⁰⁴ Encontra-se este trabalho final de licenciatura nas instalações da *Biblioteca do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão*.

²⁰⁵ Segundo Teresa Lopes Moreira, Joaquim Veríssimo Serrão publicou o seu primeiro artigo no *Correio do Ribatejo* a 9 de Março de 1946, com o título “A História Mestra da Vida”. Vide MOREIRA, Teresa Lopes – O estudante universitário Joaquim Veríssimo Serrão.

²⁰⁶ Para uma maior perceção do contributo de Joaquim Veríssimo Serrão na imprensa ribatejana veja-se: MOREIRA, Teresa Lopes – A colaboração de Joaquim Veríssimo Serrão na imprensa regional ribatejana. *Mátria XXI*. Número Especial Evocativo em Memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Herança Cultural e Património Científico (2021), p. 121–139.

²⁰⁷ MENDES, Ludgero – Parabéns Professor Joaquim Veríssimo Serrão!

²⁰⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – A História Mestra da Vida. *Correio do Ribatejo*. (1946), p. 4.

²⁰⁹ Segundo depoimento do Dr. Ludgero Mendes, também colaborador do jornal *Correio do Ribatejo* Joaquim Veríssimo Serrão, nos períodos de verão, chegava assumir as funções de diretor interino,

Relativamente ao tempo em que Joaquim Veríssimo Serrão foi estudante em Coimbra, existe, todavia, um apontamento que deve ser referido. Por várias vezes e por várias pessoas foi dito, que na sua juventude fora simpatizante da vertente política de esquerda. Essa simpatia, digamos assim, prendia-se, quiçá, pelas suas convicções liberais e republicanas, como veio a dizer mais tarde. No ano de 1948, por ocasião dos polémicos protestos académicos de Coimbra, Joaquim Veríssimo Serrão é parte integrante de um relatório da PIDE que, para além de traçar o seu perfil biográfico, indica também que a sua ideologia política é comunista²¹⁰. Vem Veríssimo Serrão nomeado no relatório por ter assinado um documento que apelava ao voto nos novos estatutos da Associação Académica, que tinha como intuito a realização de eleições livres para aquele organismo. Devido ao facto de a sua assinatura constar no documento, junto da assinatura de outros colegas vinculados ao Partido Comunista, logo o informador deduziu que o jovem escalabitano também o fosse. O informador, no perfil biográfico que traça de Joaquim Veríssimo Serrão, refere que pertencia a um “grupo que provocava desordem dentro da Academia e procurava perturbar o ambiente, por qualquer pretexto, convocando depois reuniões da AAC, sempre sob as ordens de Salgado Zenha”²¹¹, tomando grande partido do mesmo²¹² quando da sua prisão²¹³. O informador prossegue, destacando o comportamento de Joaquim Veríssimo Serrão, referindo: “propriamente dentro da Universidade e em grupos desafectos foi bastantes vezes notada a propaganda que o SERRÃO fazia, sendo muito notória a sua acção avançada”²¹⁴. Apesar de o informador da PIDE caracterizar Joaquim Veríssimo Serrão como comunista, tal não corresponde à realidade. Portanto, é um juízo de valor infundado, o que acontecia muito nestes casos. Cremos, neste seguimento, que Joaquim Veríssimo Serrão sempre tomou posições na sua vida em prol da justiça, e não militando por cores políticas. Se, de facto, se identificou com a esquerda, essas convicções duraram até à década de 60, quando em França

substituindo o seu conterrâneo e amigo, Dr. Virgílio Arruda, quando este se deslocava de Santarém no período de férias.

²¹⁰ SILVA, Paulo Marques – *A PIDE e os seus informadores. O caso de Inácio*. Coimbra: Palimage, 2019, p. 121.

²¹¹ IDEM - *Ibidem*.

²¹² Recorde-se que Francisco Salgado Zenha, no ano de 1944, foi eleito presidente da direcção da Associação Académica de Coimbra. Para além de estar ligado ao Partido Comunista Português, Salgado Zenha foi responsável por reivindicar eleições livres para a Associação Académica. Recusou-se a participar numa manifestação de apoio ao Prof. António de Oliveira Salazar, e foi fundador do Movimento de Unidade Democrática Juvenil, acabando por ser preso em 1947. Foi, com efeito, um agitador político na Universidade de Coimbra.

²¹³ MOREIRA, Teresa Lopes – O estudante universitário Joaquim Veríssimo Serrão.

²¹⁴ SILVA, Paulo Marques – *A PIDE e os seus informadores. O caso de Inácio*, p. 121.

abandona esses ideais. Disso é prova o percurso académico e profissional que teve a partir daí, tal como os diversos relatos que, mais tarde, deu a conhecer.

Regressa então à velha Escálabis em outubro de 1948, onde fica até novembro de 1950. Nesse espaço cronológico de mais de dois anos, Joaquim Veríssimo Serrão dedicarse-á ao ensino em colégios particulares, lecionando as disciplinas de História, Filosofia e Literatura, mas também instruindo em aulas noturnas no Ateneu Comercial. Para além disso, trabalhou algum tempo como investigador na Biblioteca Braamcamp Freire, hoje Biblioteca Municipal de Santarém. Sabemos ainda que, no ano de 1950, Joaquim Veríssimo Serrão concorreu ao cargo de terceiro-conservador do Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, concurso esse ao qual, deduzindo, não foi aceite²¹⁵.

Quer se queira, quer se não queira, o topónimo da cidade que lhe servira de berço vai estar sempre intrinsecamente unido ao percurso de vida deste homem. Ainda no decorrer da sua Licenciatura, não se pode deixar esquecer a sua primeira obra historiográfica publicada, *Ensaio histórico sobre o significado e valor da tomada de Santarém aos Mouros em 1147*, primeiro de muitos títulos que vão incidir sobre a história local da sua terra. É da capital ribatejana que parte para o Mundo, para a sua fascinante carreira, mas também é a esta terra que retorna, onde vai construir a sua casa e onde, passados noventa e cinco anos do seu nascimento, vai encontrar a sua sepultura.

Um Estrangeirado

*Durante o decénio da minha estadia em Toulouse, compreendi que a cultura geral (...) não deve prescindir da escolha de áreas privilegiadas do saber histórico*²¹⁶

No ano de 1950, Joaquim Veríssimo Serrão viu um seu sonho realizado. Havia concorrido para leitor através do Instituto para a Alta Cultura. Veríssimo Serrão acabara

²¹⁵ Processo respeitante ao recurso interposto pelo Dr. Joaquim Veríssimo Serrão, referente ao concurso para terceiro-conservador do Arquivo Histórico do Ministério da Finanças - Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq. [acedido 9 fevereiro 2023] em <URL <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=8098527>>.

²¹⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida, p. 14.

a licenciatura com os olhos postos na filosofia e na cultura germânica e, por essa razão, era seu desejo preencher uma vaga na Alemanha. Dizia Joaquim Veríssimo Serrão que a cultura germânica o fascinava de tal maneira, que era sua ambição estudá-la e tornar-se especialista. No entanto, esse lugar que ele tanto desejara viu-se preenchido por outro leitor e, nesse seguimento, a encruzilhada da vida deu as suas voltas, e acabou por ser admitido numa das universidades mais antigas e conceituadas de França, a Universidade de Toulouse. Aqui viverá dez anos de intensa aprendizagem, de formação do espírito e de um aprofundar, rigoroso, de métodos de trabalho.

Em Toulouse, foi seu grande Mestre o professor Léon Bourdon (1900-1992), Diretor do departamento de Estudos Portugueses²¹⁷, de quem se torna colaborador, quase como um assistente universitário. É graças à influência deste mestre francês que Joaquim Veríssimo Serrão deixará, conforme dizia, a “cultura livresca” de Coimbra²¹⁸, onde era essencial ler e saber somente os clássicos portugueses dos mais variados e conceituados autores, passando, a partir daí, a basear a sua investigação no essencial e no concreto – as fontes documentais. Num rol de tarefas que lhe são pedidas, o jovem aprendiz de historiador vai traduzir alguns clássicos portugueses para a língua francesa, como *As Viagens da Minha Terra* de Almeida Garrett, para além de lecionar outras disciplinas de cultura portuguesa. É nos arquivos da prestigiada Universidade de Toulouse que Veríssimo Serrão, para sua surpresa, vai encontrar um manancial riquíssimo de fontes inéditas sobre os mais variados estrangeirados portugueses que tinham frequentado a Universidade, bem como outras pessoas que tiveram algum tipo de contacto com Toulouse. Destacam-se, de entre todos os casos, o da Infanta D. Maria, a sempre noiva, filha de D. Manuel I; e do Doutor António de Gouveia, jurisconsulto e destacado humanista do século XVI, a quem vai consagrar também muito tempo da sua investigação. É na figura da Infanta D. Maria que este jovem aprendiz português vai basear a sua investigação para a feitura da sua tese de doutoramento, intitulando-se *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e a sua fortuna no sul de França*. Para além de todo este labor inerente às tarefas obrigatórias impostas pelo leitorado na universidade, Veríssimo Serrão vai consagrar o resto do seu tempo à investigação, publicando sobre

²¹⁷ IDEM - *Ibidem*, p. 11-13.

²¹⁸ Entrevista a Joaquim Veríssimo Serrão a propósito da Academia Portuguesa da História, realizada por Raquel Santos.

vários temas, nomeadamente vários estudos e ensaios sobre as relações históricas entre o nosso país e o sul de França²¹⁹.

O Instituto para a Alta Cultura (1936-1952), depois Instituto da Alta Cultura (1952-1976), foi um organismo que funcionou em Portugal, que fazia parte do Ministério da Educação Nacional. Tinha por missão “estimular com bolsas de estudo fora e dentro do país”²²⁰ a investigação científica em Portugal, mas também “criar centros de expansão da cultura portuguesa”²²¹, impulsionando, deste modo, as relações culturais entre os vários países europeus, tal como a expansão da língua portuguesa. No fundo, pretendia “promover, de modo geral, o intercâmbio intelectual, científico e cultural, individual ou coletivo, de professores, técnicos e artistas com os países e centros de cultura estrangeiros”²²². Ora, os jovens leitores recebiam uma bolsa que permitia algum desafogo de vida num país que não o seu. Dizia Joaquim Veríssimo Serrão que a bolsa permitia aos vários leitores comprar livros, ter tempo para uma vida dedicada à cultura, onde se podia conciliar a vida académica com algum tempo de lazer²²³. O governo português proporcionava, a quem não tivesse grande desafogo monetário, uns anos de vida essenciais para o alargamento de horizontes, mas também de crescimento intelectual através do intercâmbio com outras culturas. Todavia, para além de tudo isto, o leitor tinha de tomar o compromisso de fazer um doutoramento e apresentar as provas em Portugal num espaço de seis anos. Como era hábito seu, conseguiu Joaquim Veríssimo Serrão honrar este compromisso para com o Instituto da Alta Cultura. A 15 de junho de 1953, obteve o grau de *Docteur de l’Université de Toulouse*. Todavia, como a República Portuguesa não possuía legislação que reconhecesse os doutoramentos feitos no estrangeiro, Joaquim Veríssimo Serrão teve de elaborar outro doutoramento, esse em Portugal. E é por essa razão que, em abril de 1956, defende na Universidade de Coimbra a tese de doutoramento intitulada *O Reinado de D. António Prior do Crato (1580-1582)*²²⁴, onde obteve o grau com a classificação de 18 valores, trabalho esse de intensa

²¹⁹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Agradecimento. Em *Homenagem ao Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007, p. 27.

²²⁰ Decreto-Lei n.º 38680, de 17 de março | DRE. *Diário da República Eletrónico*. [acedido 9 fevereiro 2023] em <URL <https://dre.pt/>>

²²¹ IDEM - *Ibidem*.

²²² IDEM - *Ibidem*, p. 417.

²²³ Entrevista a Joaquim Veríssimo Serrão a propósito da Academia Portuguesa da História, realizada por Raquel Santos.

²²⁴ Vide SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *O Reinado de D. António Prior do Crato, Vol. I, (1580-1582)*. 2ª ed. Santarém: Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, 2021.

investigação, levada a cabo em arquivos e bibliotecas internacionais, que é ainda hoje reconhecido pela comunidade científica portuguesa como um contributo único e muito valioso sobre o reinado de D. António, o Prior do Crato.

Durante o seu leitorado em França, tal como já enunciamos anteriormente, Veríssimo Serrão contacta com os mais variados académicos franceses que se dedicavam a investigar a história portuguesa²²⁵, bem como ter acesso a locais de riqueza singular que lhe permitiram dar ao prelo várias obras baseadas em fontes de informação encerradas em arquivos estrangeiros. Este período em Toulouse é essencial para a formação intelectual de Joaquim Veríssimo Serrão - o homem que sai do sul de França, não é o mesmo jovem investigador que se licenciou em Coimbra. Através da influência do seu grande mestre Léon Bourdon, adquire uma metodologia de trabalho muito própria que o vai caracterizar para o resto da vida, deixando para trás “a cultura livresca”²²⁶ de Coimbra, que conduzia ao fraco recurso a arquivos. Joaquim Veríssimo Serrão começa a ter um hábito de extrema organização e programação da sua vida – aquilo a que ele vem a chamar, mais tarde - “sageza de vida”²²⁷.

Ainda com o estatuto de leitor, o jovem investigador escalabitano, em julho de 1958, é contactado pelo Secretário do Instituto da Alta Cultura, António de Medeiros-Gouvêa²²⁸ (1900-1972), convidando-o a participar no *IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros*, que teve lugar na cidade de Salvador. No dia 8 de agosto, integra a delegação presidida pelo Professor Marcello Caetano, da qual muitos ilustres portugueses faziam parte, como por exemplo, os Professores Vitorino Nemésio (1901-1978) e Manuel Lopes de Almeida (1900-1980) e, também, o Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, o Dr. Azeredo Perdigão (1896-1993)²²⁹.

²²⁵ De entre todos os académicos com quem Joaquim Veríssimo Serrão privou, para além do seu grande Mestre Léon Bourdon, destacam-se alguns – Professor Daniel Faucher, de Geografia Humana; o Professor Paul Ourliac (1911-1998), de História do Direito Meridional; o Professor Jacques Godechot (1907-1989), especialista da Revolução Francesa; o Professor Georges Bastide, de Filosofia; o Professor Jean Sermet (1907-2003), que lecionava geografia hispânica no seu relacionamento com Portugal; e o Professor Frédéric Mauro (1921-2001), que lecionava história do Atlântico.

²²⁶ Entrevista a Joaquim Veríssimo Serrão a propósito da Academia Portuguesa da História, realizada por Raquel Santos.

²²⁷ IDEM - *Ibidem*.

²²⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Marcello Caetano. Confidências no Exílio*. 7ª ed. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1985, p. 21.

²²⁹ IDEM - *Ibidem*, p. 23.

Joaquim Veríssimo Serrão já conhecera, num outro encontro, o então Reitor da Universidade de Lisboa, o Professo Marcello Caetano (1906-1980), que desempenhará na sua vida um papel marcante. Conhecia já o mestre de direito desde o ano de 1955, num encontro em Ciudad Rodrigo, quando o jovem leitor regressava a casa para passar a quadra natalícia com os seus. Marcello Caetano, sabendo que Joaquim Veríssimo Serrão seguia no comboio, não deixou de o querer felicitar pela atribuição que lhe fora cometida do Prémio Alexandre Herculano, no ano de 1954, pelo Secretariado Nacional de Informação²³⁰. Todavia, é na viagem ao Brasil que começou a sedimentar-se uma relação mais cordial e próxima entre os dois. Primeiro que tudo, importa dizer que o Reitor da Universidade de Lisboa via nos jovens investigadores e historiadores um enorme potencial para a desenvoltura de vários domínios científicos, nomeadamente, neste caso, o aprofundamento dos estudos luso-brasileiros. Queria, pois, “franquear as portas da Universidade a jovens leitores que o Instituto de Alta Cultura enviara para o estrangeiro e tinham cumprido com proveito a sua missão.”²³¹. Nesse seguimento, os trabalhos de investigação de Veríssimo Serrão vão ter sempre leitura atenta por parte do mestre de direito, aconselhando-o, muitas vezes, nos procedimentos a seguir e nas leituras a fazer. Neste colóquio, Joaquim Veríssimo Serrão proferiu duas comunicações, não ao acaso, elogiadas por Marcello Caetano. Uma intitulava-se “O Brasil e a Realeza de D. António, Prior do Crato” e a outra “Dois documentos para a história da Baía em 1634-1635”²³². Não ficando indiferente à brilhante prestação do jovem historiador, Marcello Caetano transmite-lhe o desejo de um dia o ver contratado pela Universidade cujos destinos dirigia²³³.

Para além da sua formação inicial e basilar nos meandros de Coimbra, instituição a que para sempre ficará ligado pelo espírito, e que recordará saudoso dos seus grandes mestres conimbricenses, é em Toulouse que Joaquim Veríssimo Serrão é absorvido pelo verdadeiro espírito da investigação histórica e pelo amor incondicional à cultura portuguesa. Veríssimo Serrão refere que a sua estadia em Toulouse, “robustecera a formação liberal que tinha adquirido nos bancos da Universidade de Coimbra”²³⁴. Como tal, a formação de “estrangeirado” vai contribuir, e muito, para Joaquim Veríssimo Serrão

²³⁰ OLIVEIRA, João Zambujo de – Joaquim Veríssimo Serrão e Marcello Caetano: uma relação de Amizade e Lealdade, p. 520.

²³¹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Marcello Caetano. Confidências no Exílio*, p. 21.

²³² IDEM - *Ibidem*, p. 23.

²³³ IDEM - *Ibidem*, p. 26.

²³⁴ IDEM - *Ibidem*, p. 34.

ser um investigador muito particular, que dotará a sua obra de um estilo muito peculiar e especial – torna-se, com efeito, um homem das fontes. Depois de dez anos de profunda aprendizagem, casado e onde lhe nascem os seus dois filhos, em dezembro de 1960, regressa a Portugal para tomar parte no corpo docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

*A crise académica tinha deixado sequelas no ambiente da Universidade, afastando ideologicamente as pessoas e abrindo o caminho a ambições encapotadas.*²³⁵

Não lhe sendo possível seguir uma carreira académica em Coimbra, onde tinha defendido o Doutoramento em dezembro de 1960, Joaquim Veríssimo Serrão, torna-se 1.º Assistente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tomando posse a 17 de Janeiro de 1961. Esta contratação teve a influência de dois docentes daquela instituição – o Professor Artur Moreira de Sá (1913-1989) e o Director da Faculdade de Letras, Professor Manuel Heleno (1894-1970). Foram-lhe atribuídas a regência das cadeiras de História Moderna e Contemporânea, de História da Antiguidade Oriental e de Numismática, para além de ficar com as aulas práticas de História dos Descobrimentos e de História do Brasil, estas últimas regidas pelo Professor Manuel Heleno, de quem se torna colaborador. Estava assim a secção de história a “impor-se como uma das mais qualificadas da Faculdade de Letras”²³⁶, palavras elogiosas do Professor Marcello Caetano ao agora Professor Joaquim Veríssimo Serrão, quando da sua tomada de posse. Fica assim a recair sob a sua orientação a especialização na História Moderna, domínio esse que vinha a desenvolver desde os tempos de Toulouse. O novo professor universitário, incumbido de tarefas dolorosas para um jovem em início de carreira, dava aos seus discentes doze horas de aulas teóricas e práticas. Era um tempo em que era pedido aos docentes a máxima colaboração para com as instituições a que estavam

²³⁵ IDEM - *Ibidem*, p. 30.

²³⁶ IDEM - *Ibidem*, p. 26.

ligados²³⁷. É também neste tempo que vai ter contacto com alguns investigadores da sua geração, seus colegas, como são os casos do Professor António de Oliveira Marques e do Professor Jorge Borges de Macedo.

À medida que o tempo avança, Veríssimo Serrão vai conciliando o dever da docência com a contínua investigação. Estavam então, naquele tempo, para abrir duas vagas de professor extraordinário de História. Marcello Caetano chama Veríssimo Serrão à Reitoria, questionando-o sobre a dissertação que iria apresentar para o concurso, dando-lhe vários conselhos a ter em conta na feitura da obra e no aprimoramento de algumas áreas do saber, que poderiam ser questionadas quando do exame prático²³⁸. Todavia, este concurso seria interrompido por um episódio que será o primeiro de alguns com que Joaquim Veríssimo Serrão terá de lidar – a crise académica de 1962. Os tempos que se viveram foram de uma enorme tensão, uma vez que havia o receio de que as forças policiais respondessem à desordem ou às manifestações com a mais repressiva violência. No dia 7 de abril de 1962, assiste-se a uma enorme manifestação de alunos na Alameda da Universidade, junto à escadaria da Faculdade de Letras, protestando “contra o forte dispositivo de segurança montado na alameda fronteira à Reitoria”²³⁹. Nesta manifestação acesa, os estudantes gritavam contra a proibição do Dia do Estudante. O jovem professor achou despropositado todo aquele aparato de segurança, uma vez que se chegassem a existir confrontos físicos, os danos causados, apesar de incertos, seriam certamente muito graves. No entanto, fora pedido a Joaquim Veríssimo Serrão, pelo Prof. Luís Lindley Cintra (1925-1991), que ao lado de outros professores²⁴⁰, auxiliasse na tarefa de tentar, acima de tudo, pacificar os alunos, impedindo-os de se aproximarem da polícia evitando um possível confronto. Veríssimo Serrão recorda estas horas como de grande provação, onde se impunha um valor maior, auxiliar os alunos, que depositavam nos professores a sua confiança. Foi graças a Joaquim Veríssimo Serrão e seus colegas, que aquele dia não se tornou “ porventura numa página de sangue nos anais da Universidade de Lisboa”²⁴¹.

²³⁷ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida, p. 17.

²³⁸ Vide SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Portugueses no Estudo de Salamanca (1250-1550). *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. Vol. III, (1962). Dissertação apresentada para o concurso ao lugar de Professor Extraordinário de História.

²³⁹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Marcello Caetano. Confidências no Exílio*, p. 28.

²⁴⁰ IDEM - *Ibidem*, p. 29. Joaquim Veríssimo Serrão descreve que estavam a seu lado, na tarefa de apaziguar a comunidade estudantil revoltada, outros professores, nomeadamente o Prof. A. H. de Oliveira Marques (1933-2007), a Prof.^a Maria de Lourdes Belchior (1923-1998), e o Prof. António Coimbra Martins (1927).

²⁴¹ IDEM - *Ibidem*, p. 30.

A posição que Joaquim Veríssimo Serrão tomou naquele dia acaba por vir a ter grandes consequências na sua carreira universitária²⁴². O dito concurso para professor extraordinário de História encontrava-se sem efeito, e a crise académica de 1962 tivera consequências a nível político, e também as suas repercussões no seio do corpo docente da Universidade de Lisboa, separando uns e outros, originando inimizades. Veja-se, a título de exemplo, que o Prof. Manuel Lopes de Almeida, à altura Ministro da Educação Nacional, adiou o dito concurso, levando a um corte de relações para com este por parte do Prof. Joaquim Veríssimo Serrão. Tenta resolver a questão do concurso junto do ex-Reitor Prof. Marcello Caetano, que nada consegue adiantar. A Professora Virgínia Rau (1907-1973), em substituição do Prof. Manuel Heleno, que, entretanto se jubilara, toma posse como Diretora da Faculdade de Letras, fazendo adiar, por mais um ano, o concurso. O certame resolve-se finalmente em dezembro de 1965, conseguindo, alfim, o jovem docente ascender ao lugar de Professor Extraordinário. Já empossado deste lugar, Veríssimo Serrão decide aumentar o seu *curriculum* para poder, porventura, ascender a uma das cátedras vacantes. Corria o ano de 1966 e celebrava-se o *IV centenário de António de Gouveia* e, tendo já dedicado alguns dos seus títulos a este humanista português, Veríssimo Serrão decide consagrar-lhe mais um trabalho, de conjunto, encontrando patronato num grande mestre que o honrava com a sua amizade e por quem tinha um grande culto pessoal – o Professor Guilherme Braga da Cruz (1916-1977)²⁴³, antigo Reitor da Universidade de Coimbra. Assim surge o estudo *António de Gouveia (1510-1566) e o Seu Tempo*²⁴⁴. No entanto, Joaquim Veríssimo Serrão sentia que a Professora Virgínia Rau lhe dificultava o acesso à cátedra que ele pretendia. Estava em jogo, na visão do historiador, um conjunto de dissidências políticas que seriam pouco favoráveis à sua promoção profissional²⁴⁵. Todavia, durante este impasse, chega-lhe um convite feito pelo Dr. José de Azeredo Perdigão, que o desafia a regressar a França para

²⁴² A posição de Joaquim Veríssimo Serrão neste Dia do Estudante custou-lhe doze anos de atraso na sua carreira docente. Veja-se Entrevista a Joaquim Veríssimo Serrão – Parte I [acedido 15 fevereiro 2023] em <URL <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-joaquim-verissimo-serrao-parte-i/>>.

²⁴³ Veja-se a homenagem que o Presidente da Academia da História fez a Guilherme Braga da Cruz: SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Guilherme Braga da Cruz. Em *História de Direito e Ciência Jurídica*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, 1977, p. 49-53.

²⁴⁴ Vide SERRÃO, Joaquim Veríssimo – António de Gouveia (1510-1566) e o Seu Tempo. *Boletim da Faculdade de Direito*. (1966).

²⁴⁵ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Marcello Caetano. Confidências no Exílio*, p. 28.

dirigir o Centro Cultural Português, em Paris, da Fundação Calouste Gulbenkian, que ele não tarda em aceitar ²⁴⁶.

O regresso a França

Vendo frustrado, no ano de 1967, o desejo de ascensão à cátedra, aceitei o convite do Dr. Azeredo Perdigão (...) ²⁴⁷

No ano de 1967, desgastado pelas inquietudes que a Faculdade de Letras lhe havia trazido, e também com a esperança de alargar horizontes, enriquecer o espírito e servir o País, Joaquim Veríssimo Serrão parte para França para fundar e dirigir o “Centro Cultural de Paris”²⁴⁸. A ida de Joaquim Veríssimo Serrão para França não deixa de se fazer sentir, com pesar, por Marcello Caetano, que já não era Reitor, mas sim um mestre e amigo, com quem Veríssimo Serrão se aconselhava regularmente. O antigo Reitor fica desgostoso de ver um promissor docente abandonar as funções para as quais o tinha conduzido. No entanto, tarefa difícil foi obter por parte da Faculdade de Letras de Lisboa o estatuto equivalente ao de bolseiro, que lhe permitisse, quando do seu regresso, retornar à vida de docência na instituição lisiponense. Para levar a efeito esse pedido, foi necessário recorrer ao Governo, com a ajuda do jornalista João Falcato, seu colega de Licenciatura, junto do Director Geral do Ensino Superior, Dr. João de Almeida, que resolveu o assunto, considerando a nova jornada de Veríssimo Serrão como uma missão de interesse nacional.

Durante os cinco anos que permanece em Paris, Joaquim Veríssimo Serrão, embora afastado da sua mais predileta atividade – a docência - leva a cabo uma profícua agenda cultural – conferências, colóquios, concertos, exposições bibliográficas, exposições de arte. Todavia, foi no plano editorial que mais se destacou, dando ao prelo

²⁴⁶ O Prof. Joaquim Veríssimo Serrão soubera, um pouco depois de aceitar o convite do Dr. Azeredo Perdigão, que o seu nome havia sido apontado pelo seu amigo Dr. Rúben Leitão (1920-1975), que foi o primeiro convidado pelo Presidente da Fundação, mas que recusara.

²⁴⁷ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida, p. 19.

²⁴⁸ RODRIGUES, Martinho Vicente – Editorial, p. 12.

mais de 60 publicações de livros e catálogos²⁴⁹, publicações essas que davam a conhecer, como dizia Horacio Santiago-Hotero, “mejor la cultura portuguesa y los nombres más ilustres de la misma”²⁵⁰. Para além de todas estas organizações, o Centro Cultural Português dava apoio a jovens investigadores, bolsheiros, e até mesmo exilados, que “buscavam uma especialização nas suas áreas científicas”²⁵¹. Foram anos de frutífero labor, onde Joaquim Veríssimo Serrão se esquecera dos desgostos sofridos na Faculdade de Letras de Lisboa, no entanto, com um misto de saudade pelo exercício da docência universitária que jamais trocava por outra vocação. Durante os quatro anos que permaneceu em França como Director do Centro Cultural Português, e apesar das responsabilidades que este cargo impunha, nunca deixou a investigação para trás, favorecido também, é certo, pelo fácil acesso aos arquivos e bibliotecas francesas. Durante esses anos, os arquivos e bibliotecas são um “laboratório indispensable de trabajo”²⁵² para Veríssimo Serrão, que tinha como máxima que a investigação era a pedra angular necessária ao ofício da docência - refere que é uma poderosa ferramenta de divulgação da cultura e da área científica que se pratica.

O facto de estar ausente de Portugal não significou que não estivesse próximo do que ia acontecendo no seu país. O tempo em que Joaquim Veríssimo Serrão esteve a dirigir o Centro Cultural de Paris coincidiu com algumas mudanças políticas em Portugal, nomeadamente a saída de Oliveira Salazar do Governo e a sua sucessão por parte de Marcello Caetano. No trato epistolar que manteve sempre com o mestre de Direito²⁵³, com quem já mantinha laços próximos, Joaquim Veríssimo Serrão mostra-se convicto no novo Governo encabeçado pelo antigo Reitor da Universidade de Lisboa. Dizia Veríssimo Serrão ter “uma esperança imensa de que o comando da nau recaia na única pessoa solidamente preparada – pela cultura, formação política e experiência internacional – para

²⁴⁹ Segundo Horacio Santiago-Hotero, as 60 publicações traduziram-se em - *Arquivos do Centro Cultural Português* (5 volumes), *Memórias e documentos para a história luso-francesa* (9 volumes), *Série Histórica Literária* (10 Volumes), *Poètes et prosateurs du Portugal* (6 Volumes), *Fontes Documentais Portuguesas* (3 Volumes), *Publications*, em colaboração com ‘Presses Universitaires de France’ (7 Volumes) e *Catálogos de Exposições* (10 Volumes).

²⁵⁰ SANTIAGO-OTERO, Horacio – *Biobibliografía de Joaquim Veríssimo Serrão*. Departamento de História Medieval, Centro de Estudios Históricos del C.S.I.C., 1986, p. 11.

²⁵¹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Páginas de uma Vida*, p. 19.

²⁵² SANTIAGO-OTERO, Horacio – *Biobibliografía de Joaquim Veríssimo Serrão*, p. 12.

²⁵³ Para um maior aprofundamento destes contactos, veja-se: OLIVEIRA, João Zambujo de – *Joaquim Veríssimo Serrão e Marcello Caetano: uma relação de Amizade e Lealdade*.

a conduzir a bom porto”²⁵⁴. Nesta epístola, onde estava para breve a tomada de posse do novo Presidente do Conselho, o Diretor do Centro faz como que uma confidência quanto àquilo que acreditava ser o melhor para o futuro da Nação Portuguesa. Refere ter esperança numa “grande abertura nos planos europeus e mundial”²⁵⁵, mas também de uma necessária “reforma de mentalidades (...) no domínio de áreas culturais”²⁵⁶. São essas esperanças que o fazem acreditar na pessoa de Marcello Caetano, pois dizia que o governo de Portugal necessitava de pessoas “arejadas de espírito e de boa vontade, pessoas dispostas a um diálogo construtivo e que tenham a aspiração – quase dever – de promover a saúde física, o progresso material e a elevação mental dos membros da grei”²⁵⁷. Acreditava, com efeito, numa futura liberalização do regime, progressiva e evolutiva, mas que não colocasse em causa todo o trabalho até aí alcançado.

Ao fim de quatro anos e meio “de um esforço pesado e que começava a ter repercussões”²⁵⁸ na sua saúde, tinha chegado o momento em que anunciava ao Dr. Azeredo Perdigão o seu desejo de cessar funções no Centro Cultural Português e de regressar a Lisboa. Entendia que cada homem que leva as suas tarefas com um grande sentido de missão, tem de ter a noção e a consciência de quando deve sair, uma vez que sabe quando atingira o seu apogeu. Defendia que tudo tinha um limite temporal, e que a permanência em certas posições apenas se traduzia em desgaste pessoal perante os outros. Dizia: “realizada a tarefa para que lhe foi exigido um esforço superior às suas capacidades, o homem deve ter a humildade bastante para se afastar da missão de comando em que procurou dar o melhor de si próprio”²⁵⁹. Regressa a Lisboa e, a 6 de abril de 1972, presta a lição para professor catedrático onde é aprovado por unanimidade. Através da presença de todos os seus colegas docentes catedráticos, o Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão apercebe-se que antigas divergências se haviam sarado – o Presidente do Conselho de Ministros logo o congratula pelo seu novo cargo e pelo seu tão desejado regresso a Portugal.

²⁵⁴ Carta de Joaquim Veríssimo Serrão a Marcello Caetano, a 24/09/1968, in ANTUNES, José Freire (Pref.) – *Cartas Particulares a Marcello Caetano*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985. Vol. 1, p. 395.

²⁵⁵ IDEM - *Ibidem*.

²⁵⁶ IDEM - *Ibidem*.

²⁵⁷ IDEM - *Ibidem*, p. 395-396.

²⁵⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Marcello Caetano. Confidências no Exílio*, p. 38.

²⁵⁹ IDEM - *Ibidem*.

Ao Serviço de um Ideal

*Quanto aos fins da Universidade fui bastante explícito (...)*²⁶⁰

Regressa então à vida de docente no ano lectivo de 1972/1973, sendo-lhe atribuída a cátedra de História dos Descobrimentos Portugueses. Fica também incumbido da regência de História da Cultura Portuguesa, consequência da sua nomeação para Director do Instituto Histórico Infante D. Henrique. Funda, em corolário desta nova actividade, com o Prof. Jorge Borges de Macedo (1921-1996), a Revista *Portugaliae Historica*, que se traduziu em dois volumes em 1973 e 1974, respetivamente.

No entanto, tudo parece indicar que Joaquim Veríssimo Serrão se começou a desiludir com algumas situações que o rodeavam. Sabido é que durante o Governo de Marcello Caetano houve uma tentativa de abrir o regime ou, se quisermos, liberalizá-lo. Essa abertura fez-se sentir em vários aspetos, nomeadamente com o regresso de presos políticos, por exemplo, e a sua reintegração na vida social do país. Faz-se sentir também, no início da década de 70, a tolerância do Governo a uma determinada oposição ao regime – veja-se o caso da ala liberal que passou a integrar o Parlamento português. Não podemos, no entanto, deixar de mencionar, mais uma vez, o Presidente do Conselho, pelo teor sincero de desabafo que Joaquim Veríssimo Serrão incutia nas suas cartas. O teor sincero com que explana, nas epístolas, as suas ideias convida a crer que os ligavam laços profundos de amizade. Acresce também o facto de Joaquim Veríssimo Serrão fazer transmitir uma profunda admiração pessoal pelo Professor Marcello Caetano. Em carta de 12 de outubro de 1972, agradecendo ao destinatário o envio do livro *Progresso em Paz*, Joaquim Veríssimo Serrão declara a sua profunda admiração pelo mestre: “Relendo agora as peças da colectânea, pude mais uma vez apreciar o rigor do conteúdo, nessas páginas de succulenta doutrina a que o espírito adere por osmose dupla do sentimento e da inteligência. Mas não admirei menos a elegância e a clareza do estilo, que fazem de Vossa Excelência um dos maiores pensadores do nosso tempo. A maneira como o Senhor Presidente domina a língua materna (dir-se-ia o cinzel do escultor clássico) não é apenas motivo de admiração mas também de espanto: como é, na verdade, possível exprimir conceitos por vezes difíceis e equacionar situações complexas, de forma tão meridiana e

²⁶⁰ IDEM - *Ibidem*, p. 64.

num português de tão belo quilate? Como se chega a tamanha perfeição no domínio do idioma escrito e oral? Confesso que não conheço nenhum escritor actual que o faça com a mestria do nosso Presidente do Conselho”²⁶¹. Ainda assim, em correspondência posterior, Joaquim Veríssimo Serrão mostra o seu desagrado pelo estado em que começavam a encontrar-se certas instituições em Portugal, com uma certa oposição interna e escondida que já se fazia sentir. Em carta de 2 de junho de 1973, diz Joaquim Veríssimo Serrão: “Quem está fora do xadrez político tem por vezes a impressão de que há manifesta carência de autoridade ou o receio de atacar de frente a terrível vaga que tudo ameaça subverter. O desânimo tem-se apoderado de muitos espíritos que começam a ver negro o futuro imediato. Dir-se-ia que forças ocultas ou aparentes já começaram a penetrar na fortaleza e que apenas resiste porque tem ainda defensores ardorosos. Mas o que pode ser grave é admitir que uma parte da guarnição já vendeu a alma ao Diabo ou está prestes a fazê-lo. Se a fortaleza for minada, a força interna acabará por ceder – nas universidades, liceus, repartições, oficinas, na chamada retaguarda. (...) a defesa do Ultramar torna o caso português mais complexo, na medida em que a sobrevivência dessas parcelas não é apenas um ponto de honra: é também o prolongamento da nossa vida nacional e do nosso destino histórico”²⁶².

A Universidade começava a ocupar um lugar cimeiro na vida e nas preocupações de Joaquim Veríssimo Serrão, quer por sentir, com efeito, que ser docente universitário era a sua vocação, quer por discordar ou desconfiar dos caminhos que o ensino universitário estava a tomar. Situação essa causada, em grande parte, pelas reformas que vinham a ser feitas pelo Ministério da Educação Nacional, encabeçado por José Veiga Simão (1929-2014). Em carta a Marcello Caetano, datada de 27 de julho de 1973, diz o historiador: “Não oculto a Vossa Excelência (...) que um grande número de universitários sente-se inquieto, perante o vento de «loucura» e de insensatez que varre actualmente o campo da Educação Nacional, e que encara o futuro com as mais graves apreensões. Como é possível que muitos «conselheiros» em matéria pedagógica sejam velhos adversários do Regime e que já deram provas bastantes do seu espírito desagregador? Como é possível que os novos programas de História nos liceus desdenhem da nossa formação portuguesa e procurem um internacionalismo da Cultura que não se integra nas nossas tradições e interesses? Como é possível, senão como deliberada ofensa à

²⁶¹ Carta de Joaquim Veríssimo Serrão a Marcello Caetano, a 12 de outubro de 1972, in ANTUNES, José Freire (Pref.) – *Cartas Particulares a Marcello Caetano*. Vol. 1, p. 397.

²⁶² IDEM - *Ibidem*, p. 398.

Universidade, que num país que conta 8 catedráticos de História, tenha sido confiada a organização das novas escolas a um antigo 1º assistente²⁶³ que há pouco publicou uma História de Portugal marcada por forte sentimento anti-português? Como é possível a inversão de valores que leva certos responsáveis a criticar publicamente os docentes da Universidade [a maioria dos quais cumpre dignamente o seu dever] (...)? Como é possível que uma vaga de bacharéis incompetentes (...) ande por esse País fora, quase impunemente, a contaminar milhares de jovens em cujos cérebros lançam as sementes dos partidarismo e da negação? Como foi possível chegar a tudo isto, com o desrespeito da autoridade e violando os mais altos valores do Estado e da convivência social?”²⁶⁴. Joaquim Veríssimo Serrão continua a enumerar críticas ao Ministério da Educação e aos opositores do regime. Todavia, estas opiniões do historiador são justificadas, pelo próprio, pela experiência que tivera em França, quando dirigia o Centro Cultural Português, durante a crise de Maio de 1968, onde estudantes da Universidade de Sorbonne e operários que se lhes juntaram se manifestaram em Paris, dando origem a um movimento e a consequentes tumultos bastante graves que puseram em causa o Governo do General de Gaulle. Ora, pelo teor das epístolas escritas por Veríssimo Serrão, parece-nos que viveu estes anos com um grande sentimento de pessimismo.

Depois dos consecutivos desabafos que fizera a Marcello Caetano, dando provas não só da sua lealdade ao Presidente do Conselho, mas também da sua visão para o país e para a Universidade, é convidado pelo Presidente do Conselho a dirigir-se ao Palácio de Queluz. O encontro dá-se a 30 de agosto de 1973, e Joaquim Veríssimo Serrão sabia que o Presidente do Conselho tinha alguma urgência em falar-lhe, embora não soubesse o assunto da conversa. A dada altura o Ministro da Educação, Veiga Simão, entrou em dissidências com o Reitor da Universidade de Lisboa, pelo que informou o Presidente do Conselho da necessidade de o substituir, indicando três nomes para a sua sucessão. Todavia, Marcello Caetano não aceitou os nomes propostos pelo Ministro, pois queria alguém da sua confiança a dirigir os destinos da Universidade de Lisboa. E, uma vez que já não eram poucas as provas de lealdade e de amizade que havia recebido de Veríssimo Serrão, convida o historiador escalabitano a aceitar o cargo de Reitor da Universidade de

²⁶³ Tudo leva a crer, embora não tenhamos nada que o diga explicitamente, que Joaquim Veríssimo Serrão se refere ao historiador A. H. de Oliveira Marques. Fazemos esta dedução pelo facto de ter deixado Portugal como primeiro-assistente e não mais ter regressado à docência universitária, e também pelo facto de em 1972 ter começado a publicar a sua História de Portugal.

²⁶⁴ Carta de Joaquim Veríssimo Serrão a Marcello Caetano, a 27 de julho de 1973, in ANTUNES, José Freire (Pref.) – *Cartas Particulares a Marcello Caetano*. Vol. 1, p. 400.

Lisboa. Deparando-se com tal proposta, incrédulo, tenta arranjar todas as desculpas para não aceitar o cargo. Justificava a sua reticência com “a sua lealdade para com o Reitor da Universidade de Lisboa, o Professor Fernando Barreira, que o tinha ajudado no avanço do seu concurso”²⁶⁵. Depois, convicto pela sua desvinculação partidária e convicção liberal, justificava o seu apoio à “política do Governo na exclusiva fidelidade pessoal a Marcello Caetano”²⁶⁶. Para além do mais, justificava-se através da sua antipatia pelo Ministro da Educação, alguém com quem dificilmente conseguiria colaborar. Joaquim Veríssimo Serrão formulara uma ideia de Universidade e da docência muito própria, completamente incompatível com a que era posta em prática por Veiga Simão. Defendia que se havia “que remar contra a tendência (...) de que só os filhos de gente rica estudavam, como se a inteligência não fosse tantas vezes privilégio dos humildes. Conceder a todos os jovens o benefício da instrução era um direito sagrado. Mas que só pela via do mérito, e sem ter em conta a origem de cada um, se deviam facultar os caminhos da justa promoção que a sociedade exige dos seus componente”²⁶⁷. A argumentação que formulou era a garantia das competências pelas quais tinha sido convidado.

Depois de tanta arguição, o Presidente do Conselho aceita as reticências por parte de Veríssimo Serrão, ficando, diz-nos o nosso autor, com “uma expressão de tristeza”²⁶⁸. Todavia, é prometida a Marcello Caetano uma resposta definitiva a 7 de setembro, quando acabasse a investigação que ia levar por diante no Arquivo da Universidade de Salamanca. Não conseguindo dar a Marcello Caetano o desgosto da não-aceitação do convite, a 7 de setembro, em Queluz, o historiador aceita ser empossado do cargo de Reitor da Universidade de Lisboa. Colocando de parte as discordâncias com o Ministro Veiga Simão, visita-o passados quatro dias, com o intuito de o informar das novas funções para as quais estava incumbido. Não deixou, porém, por respeito e admiração, de ir cumprimentar o seu antecessor, o Professor Fernando Barreira, “indigitado para uma alta função no departamento das relações culturais com o estrangeiro”²⁶⁹. Foi ainda cumprimentar o Professor Artur Torres Pereira (1924-2015), Vice-Reitor do antigo

²⁶⁵ OLIVEIRA, João Zambujo de – Joaquim Veríssimo Serrão e Marcello Caetano: uma relação de Amizade e Lealdade, p. 532.

²⁶⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Marcello Caetano. Confidências no Exílio*, p. 46.

²⁶⁷ IDEM - *Ibidem*, p. 46-47.

²⁶⁸ IDEM - *Ibidem*, p. 47.

²⁶⁹ IDEM - *Ibidem*, p. 51.

Reitor. Joaquim Veríssimo Serrão fazia questão que continuasse nas mesmas funções esperando a sua colaboração, pois considerava-o “um homem extremamente recto e generoso, com uma grande capacidade humana e um manifesto espírito de bem servir”²⁷⁰.

A 9 de novembro de 1973, em faustosa cerimónia na Aula Magna da Universidade, toma posse como Reitor. Cerimónia essa onde estiveram presentes grandes personalidades da vida académica e institucional, quer de Portugal continental, quer do Ultramar. Depois de ser empossado pelo seu Vice-Reitor, que em discurso identifica o papel social que deve desempenhar a Universidade, promete ao novo Reitor o seu “incondicional apoio e colaboração”²⁷¹. Neste seguimento, Joaquim Veríssimo Serrão profere um discurso que, por sinal, havia sido revisto pelo Presidente do Conselho²⁷². Nesse discurso, o novo Reitor estabelece e anuncia o seu ideal de Universidade e qual deveria ser o seu rumo daquela hora em diante. Refere que “servir não é apenas uma honra, torna-se uma obrigação para com aqueles que nos deram a sua confiança e que são modelos de dedicação à causa pública”²⁷³. Compreende a Universidade como algo que é transversal a tudo o resto, seja política, opiniões ou maneiras de estar. A Universidade deveria ser um local de convívio salutar, de uma aprendizagem fraternal no seio da comunidade, lugar de tolerância acima de todas as coisas. Uma instituição que recusava qualquer tipo de desestabilização que alguém pudesse suscitar – instituição que prepara as novas gerações para a vida. Relativamente à evolução do papel da universidade, diz ainda que “o esforço de renovação na escola tem sido, pois, admirável, o que nos obriga a viver os seus problemas e a acreditar cada vez mais nela, servindo no sentido mais nobre, com o vivo reconhecimento pelo que ela fez, pelo que ela vale, e por quantos ela forma. Não pode a Universidade (...) ser um campo de permanente divisão, onde o ideal

²⁷⁰ IDEM - *Ibidem*.

²⁷¹ Discursos de Tomada de Posse de Joaquim Veríssimo Serrão [acedido 10 fevereiro 2023] em <URL <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/tomada-de-posse-de-joaquim-verissimo-serrao/>>.

²⁷² Veja-se a carta que Joaquim Veríssimo Serrão escreveu a Marcello Caetano, a 4 de outubro de 1973: “Tenho o gosto de enviar a Vossa Excelência o texto do meu discurso de posse, que creio definitivo. A menos que Vossa Excelência entenda que certos passos merecem retoques, o que farei antes de 3.ª feira, 9, data da minha entrada em funções. Para evitar a consabida acusação de «ameaça» ou tendência repressiva, pareceu-me conveniente situar o discurso entre a boa-vontade e a firmeza. Quer dizer que aceito todas as sugestões que visem o prestígio da Universidade e a melhoria do seu funcionamento, mas não terei diálogo com os que apenas pretendem sabotar e destruir a instituição. O meu desejo é de que se crie na opinião pública a certeza de que o novo Reitor é um homem aberto mas que não admite que se brinque com coisas sérias. Talvez assim se possa recuperar a confiança de muitas famílias e bons alunos que andam à deriva neste oceano de terríveis equívocos. Assim o timoneiro consiga impor-se logo que surjam as primeiras e alterosas vagas, para conduzir a nau a bom porto. Que Deus me ajude a cumprir a pesada tarefa, já que não me faltará o generoso apoio do Senhor Presidente”. In ANTUNES, José Freire (Pref.) – *Cartas Particulares a Marcello Caetano*. Vol. 1, p. 401-402.

²⁷³ Discursos de Tomada de Posse de Joaquim Veríssimo Serrão.

de futuro se transforme para muitos jovens em descrença, e em que o clima de ódio substitua as relações de amizade ou de compreensão que devem unir as pessoas que a constituem”²⁷⁴. Logo o novo Reitor se mostrou disponível para receber qualquer aluno, qualquer docente ou funcionário que com ele quisesse falar ou resolver algum problema, apelando, ainda assim, ao respeito e à disciplina. O discurso de tomada de posse foi publicado por Joaquim Veríssimo Serrão e por Artur Torres Pereira no mesmo ano, intitulado-se *Amar a Universidade e Servir o País*²⁷⁵. Havia assim percorrido, o agora Reitor, o seu *Cursus Honorum Universitatis*.

O tempo de Joaquim Veríssimo Serrão como Reitor da mais prestigiada instituição académica de Lisboa tornou-se deveras promissor. Como não podia deixar de ser, foi caracterizado, desde os seus primórdios, de intensa actividade, dinamismo e esperança num futuro risonho. Todavia, não deixou por isso de ser um Reitorado tormentoso, caracterizado por alguma perturbação estudantil. A Universidade foi nesse tempo alfobre de propaganda comunista e de oposição ao regime, facto este que Joaquim Veríssimo Serrão tentou contrariar. Dando conhecimento destes tumultos ao Presidente do Conselho, informa-o ainda do precário estado em que se encontrava a Faculdade de Letras, escrevendo-lhe: “é também neste contexto que me permito fazer à consideração do Senhor Presidente uma proposta para que o governo da Faculdade de Letras seja confiado ao Prof. Borges de Macedo”²⁷⁶. No clima demagógico e cada vez mais precário que ali se observa, não vejo outra pessoa que tenha a necessária autoridade para se impor. Será uma pessoa às vezes difícil; mas é um Mestre que ama a sua função e um defensor dos bons princípios. Tirando-o nós do ostracismo em que voluntariamente se colocou, virá a ser um defensor digníssimo da causa da Universidade”²⁷⁷. Não deixou Veríssimo Serrão de querer apaziguar esses movimentos, pelo que tudo tentou fazer para acalmar a situação. Ia visitando as diversas faculdades, solicitando às várias direcções a devida colaboração, o que também era uma maneira de materializar a sua tentativa de

²⁷⁴ IDEM - *Ibidem*.

²⁷⁵ Vide SERRÃO, Joaquim Veríssimo; PEREIRA, Artur Torres – *Amar a Universidade e Servir o País*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1973. Ou veja-se o discurso em áudio na íntegra, nos Arquivos da RTP, disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/tomada-de-posse-de-joaquim-verissimo-serrao/>. [consult. em 15 de abril. 2021].

²⁷⁶ Acabou por ser entregue a direcção da Faculdade ao Professor Délio Nobre Santos. Veja-se o discurso de Joaquim Veríssimo Serrão na tomada de posse do novo Diretor da Faculdade de Letras, in Tomada de Posse de Délio Santos – RTP Arquivos. [acedido 11 fevereiro 2023] em <URL <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/tomada-de-posse-de-delio-santos/>>.

²⁷⁷ Carta de Joaquim Veríssimo Serrão a Marcello Caetano, a 24 de novembro de 1973, in ANTUNES, José Freire (Pref.) – *Cartas Particulares a Marcello Caetano*. Vol. 1, p. 403.

aproximação aos alunos. É durante esse tempo que estreita laços com um professor da Faculdade de Direito, que se virá a revelar um dos seus mais próximos amigos para o resto da vida – o Prof. Pedro Soares Martínez. Essa aproximação foi motivada pela eficiente colaboração e trabalho na Faculdade de Direito, cujo cargo de Diretor se encontrava vacante. Era a Pedro Soares Martínez que “cabia orientar a vida administrativa e pedagógica da escola”²⁷⁸, pelo que quase diariamente se dirigia à Reitoria a pedir a intervenção do Reitor junto do Ministério da Educação de maneira a solucionar os vários problemas que vinham surgindo. Acerca de Soares Martínez diz: “desde então guardei do seu convívio a imagem do colega fino, prestante e leal, que o foi nas horas difíceis do Reitorado e a partir de então”²⁷⁹. Na tentativa de solucionar os tumultos que os estudantes iam levando a cabo nas suas várias faculdades, o Reitor não deixaria de apelar ao convívio salutar e à união que devia fazer sentir-se entre todos os componentes da comunidade universitária.

Todavia, o Reitorado estava condenado, por umas ou por outras razões, a durar meio ano. Não deixou, com efeito, de ser um tempo profícuo, de um intercâmbio entre as várias Escolas muito acentuado, dando posse a novos Diretores. Tempo curto, mas complexo. Durante o seu “Reitorado tormentoso”²⁸⁰, como lhe chamou, e para além da imensa responsabilidade a que o cargo obrigava, Joaquim Veríssimo Serrão, para sua satisfação, continuava a lecionar duas vezes por semana, regendo as cadeiras de História dos Descobrimentos e de História da Cultura Portuguesa. “Será demais repetir que o dever dos professores é ensinar e o dos estudantes aprender, formando um só corpo e uma só alma?”²⁸¹ – é esta a máxima que Joaquim Veríssimo Serrão tentará incutir no espírito universitário, que se pretendia formar em torno de toda a complexa comunidade educativa. Naquele curto período de tempo, apesar de a instabilidade estudantil que se fazia sentir desde há muito, foram promovidos, pela Reitoria da Universidade, vários Doutoramentos *Honoris Causa*, múltiplas homenagens, como por exemplo ao Professor Marcello Caetano²⁸² e a Vitorino Nemésio – ações essas que o Reitor considerava serem de profundo convívio. É numa destas cerimónias, de Doutoramentos *Honoris Causa*, que o Reitor enumera também, mais uma vez, as suas convicções universitárias. Refere que o

²⁷⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Marcello Caetano. Confidências no Exílio*, p. 55.

²⁷⁹ IDEM - *Ibidem*.

²⁸⁰ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Páginas de uma Vida*, p. 22.

²⁸¹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Marcello Caetano. Confidências no Exílio*, p. 56.

²⁸² Vide CAETANO, Marcello – *Pela Universidade de Lisboa (1959-1962). Estudos e Orações*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1974

labor do universitário “não pode confundir-se com a mera ocupação de tempo ou com o emprego sem finalidade”²⁸³, referindo ainda que “o verdadeiro universitário é-o por vocação, porque o norteia o autêntico ideal da Ciência que pretende transmitir aos outros, com a força criadora que a Universidade desperta nos seus membros”²⁸⁴. Acaba, citando o antigo Reitor Marcello Caetano, por confessar aquilo que considerava ser a definição do docente universitário. Disse: “o professor é um estudante que ficou a sê-lo a vida inteira, para servir os outros estudantes que passam ou ficarão também. E tão fundo mergulham as raízes dessa árvore secular, e tão forte é o seu vínculo espiritual, que a Universidade vai continuando a sua marcha, corrigindo-se e adaptando-se, mas sempre fiel ao lema que justifica a sua existência (...) preparar homens pela inteligência e pelo carácter para o amanhã que velozmente se aproxima”²⁸⁵.

Continuando em fervoroso dinamismo e proatividade no desempenho das suas funções, no dia 18 de abril, é chamado por Marcello Caetano ao Palácio de São Bento, onde lhe é anunciada a intenção do Presidente do Conselho de fazer remodelações no Governo. Disse-lhe, portanto, que tinha intenção de o indigitar como Ministro da Educação Nacional. O Presidente do Conselho insistia “no aprumo e autoridade”²⁸⁶ com que Veríssimo Serrão desempenhara as suas funções de Reitor, credenciais essas que entendia serem cruciais para um novo ministro, estabelecendo uma relação de amizade, lealdade e confiança com o restante Governo. Ficou perplexo com o convite que acabara de lhe ser feito, pois o Reitor da Universidade de Lisboa considerou-se sempre um homem sem vocação para a política, que colocava a docência e a historiografia acima de tudo na sua vida profissional. Por outro lado, o clima estudantil era muito instável, avizinhavam-se tempos muito difíceis, e aquele que dirigira a grande instituição académica da capital da metrópole sabia bem o que o esperava – “Como seria possível fazer vingar princípios éticos num ambiente permeável à dissolução das estruturas, como já sucedia na Universidade?”²⁸⁷. Joaquim Veríssimo Serrão vive naquele dia um momento que lhe irá deixar profundas marcas no espírito, principalmente pela confiança que o Presidente do

²⁸³ Excerto do discurso do historiador Joaquim Veríssimo Serrão, durante a cerimónia de Doutoramento *Honoris Causa* pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [acedido 10 fevereiro 2023] em <URL <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/discurso-de-joaquim-verissimo-serrao/>>. Nesta cerimónia foram recipiendários os Doutores Marcel Bataillon, Pierre Birot, Dâmaso Alonso, Erwin Rosenthal e José de Azeredo Perdigão.

²⁸⁴ IDEM - *Ibidem*.

²⁸⁵ IDEM - *Ibidem*.

²⁸⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Marcello Caetano. Confidências no Exílio*, p. 69.

²⁸⁷ IDEM - *Ibidem*.

Conselho depositara na sua pessoa. Registrará: “pela confiança em mim depositada, eu senti estar a viver junto de Marcello Caetano um momento único na vida”²⁸⁸. Ora, pela fidelidade e amizade que sentia para com o Presidente do Conselho e por saber que lhe daria um grande desgosto se não aceitasse, Veríssimo Serrão aceita o convite, ficando agendado o anúncio da remodelação governamental para dia 29 de abril. No fim daquele encontro ficou agendada a cerimónia de posse, que teria lugar no dia 2 de maio de 1974. Por conselho de Joaquim Veríssimo Serrão, seria o Prof. Artur Torres Pereira que o iria substituir na Reitoria da Universidade de Lisboa. Avizinhava-se curto o mandato como Reitor, todavia, não seria pela nova indigitação, mas sim pelo golpe militar, que deflagra em Lisboa na madrugada de 25 de Abril do mesmo ano.

Um Golpe na Universidade

*O que todos desejam, consoante o grau de ambições de cada um, é pura e simplesmente o Poder*²⁸⁹

No alvorecer do dia 25 de Abril de 1974 eclode uma revolução militar na Capital que deixa o País em sobressalto. Depressa o Reitor Joaquim Veríssimo Serrão é informado do sucedido, embora ainda não se soubessem bem os contornos e o propósito da mesma. Pensando que, talvez, os acontecimentos decorressem à semelhança do dia 16 de Março, o Reitor dirigiu-se bem cedo, como de costume, para o seu posto de trabalho. No entanto, era dia da sua aula de História da Cultura Portuguesa e foi nesse momento que se apercebeu que algo estranho se passaria, quer pelo ambiente sentido na Faculdade de Letras, quer pela ausência de quase todos os alunos. Depressa começam a chegar a si os vários pedidos de instruções por parte dos diversos diretores das faculdades, mas como não conseguia contactar o Ministro da Educação, não conseguiu dar instrução alguma. Joaquim Veríssimo Serrão não deixa de salientar o nome de três homens que, desde a primeira hora, estiveram com ele na Reitoria, e cuja lealdade para consigo muito o marcou – os professores Artur Torres Pereira, Pedro Soares Martínez, Albano Pereira Júnior e

²⁸⁸ IDEM - *Ibidem*, p. 71.

²⁸⁹ IDEM - *Ibidem*, p. 75.

Délio Nobre Santos²⁹⁰. Vislumbrando o deserto em que se havia tornado o *Campus* Universitário, depressa Veríssimo Serrão ordenou que se encerrassem as várias faculdades. Entretanto, estes docentes universitários iam-se tornando apreensivos quanto à desenvoltura dos acontecimentos. Ao fim da tarde, sabia já o Reitor que a revolução não tinha retorno calculando que, rapidamente, as suas consequências se iriam abater por toda a parte.

Uma vez que se iam escutando as notícias pela rádio, depressa se soube que o Professor Marcello Caetano se havia rendido às tropas no Quartel do Carmo – a revolução saíra, com efeito, vitoriosa. Pouco depois, começa a violenta tormenta revolucionária, em que várias ameaças são feitas à Reitoria e à pessoa do seu Reitor. Narra o Reitor:

“Da parte do Ministério da Educação vinham ordens para se aguardar o evoluir da situação. Pouco depois ouviu-se a voz de um agitador a anunciar para a manhã seguinte a tomada da Reitoria como «cidadela da repressão». Houve outro que ameaçou o Reitor na sua integridade física, considerando-o responsável pela falta de liberdade que durante anos se fizera sentir na Universidade. Pouco antes das 17 horas, a minha posição e a do Vice-Reitor Torres Pereira estavam assentes: entregar no Ministério os nossos pedidos de exoneração, dando por finda a comissão de serviço que nos ligava à Reitoria. Havia somente que aguardar a indicação da autoridade legal que nos devia substituir nos cargos. Convencidos um e outro da queda do Governo, sentíamos o iminente derruir da obra de dignificação da Universidade em que nos tínhamos empenhado. Era um voltar de página com as nossas consciências tranquilas”.²⁹¹

Neste seguimento, assiste na televisão, com profunda mágoa, à rendição daquele que fora para si mais do que um mestre, um amigo, aquele que era agora considerado, por

²⁹⁰ Sobre estes colegas refere Joaquim Veríssimo Serrão: “Entre tantos exemplos de dedicação com que contei na passagem pela Reitoria, devo salientar o nome daqueles três colegas que foram sempre de uma lealdade a toda a prova e tiveram, não obstante as injustas críticas que sobre eles lançou a contestação estudantil, uma actuação modelar no desejo de bem servirem a Universidade de Lisboa”, in IDEM - *Ibidem*, p. 73.

²⁹¹ IDEM - *Ibidem*, p. 73-74.

muitos dos seus pares, *persona non grata*²⁹² – “réu de todos os crimes”²⁹³. Joaquim Veríssimo Serrão assistiu a todo aquele dia com grande emoção, tristeza e repúdio, naturalmente, porque via o desmoronar de toda uma realidade de que, quer queiramos quer não, era parte integrante. Sobre o drama que vivera naquele dia, deixou escrito: “uma revolução que não traz consigo, desde o seu eclodir, uma mensagem de tolerância, por mais tentadoras que sejam as suas promessas fica logo condenada no tribunal da consciência. (...) Vindo ao de cima com tantos enganos e contradições, o 25 de Abril jamais poderá resistir ao juízo implacável da história”²⁹⁴. O seu papel enquanto Reitor tinha sido muito promissor, nomeadamente por ter trazido alguma acalmia à Universidade de Lisboa, valorizando-a, através do dinamismo com que fez brotar várias atividades académicas. Fica, no entanto, por se saber que prestação teria tido a desempenhar as funções para as quais já estava incumbido – a de Ministro da Educação Nacional. Sobre a hipótese de vir a ser Ministro, confessará mais tarde a Marcello Caetano:

“Nunca senti a ambição política, talvez por amar demasiado o ensino e a investigação. Mas não oculto que por esse tempo, cheio de garra e querendo ser útil, sonhei algumas vezes na obra portentosa que se poderia levar a efeito em Portugal para animar as letras, as ciências e as artes. Tinha boas ligações em França, mesmo ao nível governamental, e julgava poder servir o nosso País num domínio para que entendia estar preparado. Vencendo mil dificuldades e oposições, cheguei sempre tarde na vida aos grandes objectivos: a Paris, à cátedra, à Reitoria! Mesmo assim, tenho a vaidade de pensar que se tivesse regressado mais cedo à Universidade, quero eu dizer pelos anos de 1969 ou 1970, talvez a pudesse em grande parte salvar do descalabro a que depois chegou. (...) Recordo hoje tudo isso na lembrança do nosso encontro de 18 de Abril de 1974, quando o Senhor Professor confiou em mim para o exercício de uma missão ingrata, mas que haveria de ser cumprida”.²⁹⁵

²⁹² Sobre este desgosto viria a escrever Joaquim Veríssimo Serrão: “De regresso a casa, assisti emocionado ao degradante espectáculo da rendição de Marcello Caetano, que em doses massivas a televisão ofereceu ao País. Com gritos de histeria colectiva, bracejando e pondo-se nos bicos dos pés para ser apanhada pelas câmaras, a multidão ululante reclamava a cabeça do estadista que durante cinco anos servira com competência e dedicação os interesses do povo português. De emudecer a garganta era o vozear estridente dos que pediam o castigo máximo para Marcello Caetano, réu de todos os crimes, incluindo o que na realidade cometera, de ter sido um governante honesto, amigo do bem público, e zeloso da integridade do corpo físico e moral da Nação Portuguesa”, in IDEM - *Ibidem*, p. 74.

²⁹³ IDEM - *Ibidem*.

²⁹⁴ IDEM - *Ibidem*, p. 75.

²⁹⁵ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980)*. Venda Nova: Bertrand Editora, 1994, p. 147.

Por conseguinte, no dia 29 de abril, pelo Decreto-Lei n.º 1 da Junta de Salvação Nacional, que demitia os Reitores e os Vice-Reitores das universidades, dá por terminada a sua passagem pelo cargo que, a nível institucional, de maior importância ocupou. Ainda assim, no dia 26, Joaquim Veríssimo Serrão, que se havia encontrado com o Ministro Veiga Simão, disse-lhe que não queria continuar a desempenhar as funções de Reitor da Universidade, pois o compromisso que assumira fora com o Presidente do Conselho pelo que, estando este fora de cena, pela lealdade que lhe prestava, não queria compactuar com o novo poder instalado. O encontro, no entanto, agudizou-se pelo motivo de o ministro criticar Marcello Caetano, pelo que Joaquim Veríssimo Serrão lhe vira as costas, cortando com ele relações – começa aí a laboriosa defesa que irá levar a cabo a favor do destituído mestre de Direito. Mas o pior ainda estava por vir: para além de afastado das funções de Reitor, é também afastado do seu grande propósito de vida, a docência. Sobre isso viria a relatar: “não se torna fácil esquecer as violações de dignidade humana a que o país então assistiu, vendo demitir, suspender ou afastar pessoas que tinham obtido os cargos pela via do mérito e na observância das leis. Nuns casos por ressentimento pessoal, noutros pela via pura do roubo”²⁹⁶. Joaquim Veríssimo Serrão, que para além de Reitor integrava o corpo docente da Faculdade de Letras, descreve com mágoa e revolta a atuação da revolucionária Faculdade de Letras, que é por demais sabido ter sido dura nos processos de saneamento. Relata Veríssimo Serrão:

“Pois na Faculdade de Letras, a cujo corpo docente eu pertencia desde 1961, assembleias selvagens decidiram de mão levantada afastar do ensino os catedráticos de História – Prof. Jorge Borges de Macedo, eu próprio e o prof. Extraordinário Eduardo Borges Nunes – e os dois da secção de Filosofia, o Prof. Délio Nobre Santos, último director da Faculdade, e o Prof. Francisco da Gama Caeiro. Por culpas de Ordem política ou incompetência no ensino? Apenas para que as duas secções ficassem à mercê de novos docentes, na sua maioria sem obra nem títulos, mas que se revestiam de um de fresca data e de alto gabarito: o de terem um passado antifascista!”²⁹⁷.

É então no dia 24 de maio que recebe um ofício, assinado pelo seu antigo colega, Lindley Cintra, informando-o da sua expulsão da Faculdade de Letras, decisão tomada nas Reuniões Gerais de Alunos. Uns docentes tiveram de partir para o exílio, outros, como

²⁹⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Marcello Caetano. Confidências no Exílio*, p. 77.

²⁹⁷ IDEM - *Ibidem*, p. 77-78.

Veríssimo Serrão, estiveram privados durante cinco anos de exercer a docência na Universidade onde tinham feito carreira²⁹⁸.

Fiel aos seus princípios, Joaquim Veríssimo Serrão não abandona aqueles em que em si confiavam, como por exemplo o caso do Professor Marcello Caetano, de quem, em Portugal, guardará memória “quase como um informal lugar-tenente”²⁹⁹, dedicando-lhe a sua amizade desde que partira para o exílio até à sua morte. Dava-se por findo todo um tempo, iniciando-se outro que, para o nosso professor e muitos outros que partilhavam com ele o ideal de vida, não viria a ser nada fácil. Refere: “O drama que se seguiu não era apenas meu, mas o de muitos milhares de portugueses que se viram despojados das funções que exerciam pelo mérito e a antiguidade. A História isenta e que busca a pureza da verdade haverá um dia de pôr a claro o desrespeito pelas leis que se viveu em Portugal na fase posterior ao 25 de Abril”³⁰⁰.

A vida de Joaquim Veríssimo Serrão não mais será a mesma. Estaria, tal qual muitos dos seus colegas, cinco anos afastado da Universidade de Lisboa, mas importa reter, à parte destas mágoas e desgostos por que passou, que foi um homem que conseguiu ‘virar a página’. Adaptou-se a um tempo novo, com novos paradigmas sociais e institucionais. Manteve-se fiel aos seus princípios humanos e de espírito, não traíndo, não renegando ninguém, procurando ser sempre leal à veracidade dos acontecimentos por que passara, apesar de saber que essa defesa, muitas das vezes, poderia lançar sobre si “cóleras e impropérios, porque diz verdades para muitos difíceis de ouvir e impossíveis de contestar”³⁰¹.

²⁹⁸ Os saneamentos universitários ocorreram em todas as Escolas da Universidade de Lisboa, nomeadamente na Faculdade de Letras. A Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa foi, no entanto, o caso mais expressivo no que a esse processo diz respeito. Veja-se: MELLO, Gonçalo Sampaio e – VI. A Revolução (1974-1977). Em *A Faculdade de Direito de Lisboa no seu Centenário. Volume I - A Instituição*. Lisboa: Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 2013. Vol. I.

²⁹⁹ BRAVO, Tomás Pinto – Joaquim Veríssimo Serrão (1925–2020): Evocação de Uma Vida e de Uma Obra, p. 291.

³⁰⁰ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida, p. 23.

³⁰¹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Marcello Caetano. Confidências no Exílio*, p. 15.

“Um voltar de página”

(...) *Esforcei-me para não deixar abater o ânimo na hora do desconsolo, para não dizer da revoltante injustiça que sobre a minha pessoa e a de outros colegas da Universidade se abateu.*³⁰²

Saneado pelo novo regime, impedido assim de exercer as funções de docente, Joaquim Veríssimo Serrão refugia-se na investigação. Procura, nesse seguimento, encontrar conforto nos seus livros, aproveitando para dar ao prelo, por exemplo, o terceiro volume da sua *Historiografia Portuguesa*. Preocupado com o seu futuro incerto, chega a ir a Toulouse retomar contactos “para a hipótese de a aposentação compulsiva”³⁰³ o poder atingir. Em carta a Marcello Caetano, menciona: “nada ficou decidido quanto à minha instalação em França, pois não me apresentei como pedinte (conheço bem a xenofobia francesa), mas como alguém disposto a colaborar com aquela Universidade na situação de professor visitante”³⁰⁴. Foi-lhe proposto, ainda assim, o cargo de professor associado na Universidade de Montpellier, instituição que o homenageia nesse ano com um doutoramento *Honoris Causa*, mas a sua decisão de aceitação estava dependente do Ministério da Educação – o historiador saneado tinha pedido que lhe atribuissem o estatuto de investigador para poder manter-se em Portugal e poder dedicar-se a terminar algumas das suas obras, como por exemplo, os restantes volumes da sua obra sobre o Prior do Crato. É nesta altura que começa também a pensar na feitura da sua *História de Portugal*, “concebida com amor a Portugal, mostrando a grandeza da Nação que fomos – como e porque fomos – para se extrair da obra a lição que o presente impõe”³⁰⁵, mas também com o intuito de “erguer uma obra de conjunto sobre a evolução histórica da Nação Portuguesa”³⁰⁶. De salientar é ainda o facto de, no estado em que se encontrava a Faculdade, estar fora de questão retornar a ela, caso fosse obrigado. Deve ser ainda ressalvado que Joaquim Veríssimo Serrão continuou a receber o seu salário de funcionário público – era um professor assistente da Faculdade de Letras, seu amigo, que lho fazia chegar³⁰⁷. Neste ano de 1975, através do trato epistolar intenso que começa a

³⁰² SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida, p. 22.

³⁰³ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980)*, p. 23.

³⁰⁴ IDEM - *Ibidem*.

³⁰⁵ IDEM - *Ibidem*, p. 55.

³⁰⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Verbo, 1976. Vol. I, p. 9.

³⁰⁷ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980)*, p. 26.

cultivar em paridade com o Professor Marcello Caetano, Joaquim Veríssimo Serrão vai debatendo-se com o estado de pré-guerra civil que se fazia sentir em Portugal. É nessas cartas que nega, convicto, o carácter fascista que se atribuía ao regime deposto. Escreveu: “dá-me pois vontade de sorrir quando ouço a mentira constantemente repetida de ser «fascista» o regime. Se o fosse realmente, não teria soçobrado de maneira tão ingénua, pois usando as medidas ao seu dispor ter-se-ia batido e, sem dúvida, ganho a batalha da revolução”³⁰⁸. São estas as confidências de alguém que se sentia também revoltado com o estado em que se encontrava a sua vida.

No pós-revolução, por várias vezes Joaquim Veríssimo Serrão teve a oportunidade de se integrar no novo regime ainda em sedimentação. Logo no ano de 1976, apesar de saneado e afastado da Universidade, chega a ser convidado para Secretário de Estado da Cultura³⁰⁹, cargo que recusa de imediato pela fidelidade que cultivava ao Professor Marcello Caetano. Em entrevista ao jornal *O Mirante*, a 17 de Março de 2004 declara: “fui convidado para secretário de Estado da Cultura. Na altura pensei: sou muito amigo do professor Marcelo Caetano, ele está no Brasil... Se desse um pulo do 24 para o 26 de Abril o que é que se pensaria. Uma das qualidades fundamentais do homem é a lealdade e a fidelidade, sobretudo nas horas graves. Estar ao lado daqueles que vencem é muito fácil. O que é de facto nobre é estarmos ao lado dos vencidos”³¹⁰. Depois, já em 1980, é convidado a integrar, pelo círculo de Santarém, a lista de deputados à Assembleia da República, pela Aliança Democrática, encabeçada por Francisco Sá Carneiro e Diogo Freitas do Amaral, convite que recusa de pronto, pelas mesmas razões enunciadas anteriormente. Ainda assim, em correspondência com Marcello Caetano, Veríssimo Serrão deposita alguma esperança nesta aliança política e na capacidade de liderança de Sá Carneiro³¹¹. Nesse mesma altura, é também convidado a integrar a Comissão Nacional da candidatura do General António Soares Carneiro à Presidência da República que, embora recusando, dá o seu nome para a Comissão de Apoio, demonstrando a sua intenção de voto neste candidato³¹².

³⁰⁸ IDEM - *Ibidem*, p. 30.

³⁰⁹ Apesar de a única fonte por nós conhecida que refere este convite ser apenas a notícia do jornal *O Mirante*, tudo convida a crer que o convite venha no seguimento da formação do primeiro, ou segundo, governo constitucional, encabeçado pelo Dr. Mário Soares em nome do Partido Socialista, que congregava outras forças políticas, nomeadamente as que se alinhavam mais à direita.

³¹⁰ Pasta da Educação “roubada” pela revolução. *O MIRANTE | Pasta da Educação “roubada” pela revolução*.

³¹¹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980)*, p. 472.

³¹² IDEM - *Ibidem*.

É, no entanto, na Academia Portuguesa da História que irá empenhar todas as suas forças e, com efeito, ‘virar a página’. Era já académico desde 1960³¹³, altura em que regressara de França. E é neste contexto que Joaquim Veríssimo Serrão é eleito sexto presidente da Academia Portuguesa da História³¹⁴, sucedendo ao Pe. Silva Rego. Vai ser um cargo que irá exercer até 2006, num período ininterrupto de 31 anos³¹⁵. Sobre o seu começo na Academia, relata o novo Presidente a Marcello Caetano: “tenho vários projectos para acordar aquela casa, embora receie que, pondo-a a trabalhar depressa, acabe por prejudicar uma academia que ainda não se habituou ao ritmo. (...) Tudo isto é a morfina com que vou tentando esquecer o sofrimento íntimo, trabalhando com frenesim para dar um sentido ao tempo em que me é dado viver”³¹⁶. Os tempos em que a Academia se viu presidida por este mestre, foram tempos de fervoroso dinamismo e, pode até dizer-se, de uma profunda regeneração da instituição que se encontrava um pouco parada – lembre-se que esteve para ser extinta pela ocasião do conturbado período que se viveu em 1975 e nacionalizada em 1976³¹⁷; para além do facto de à data ter muito poucos académicos.³¹⁸ Logo o novo Presidente se preocupou em fazer da Academia do Palácio da Rosa, por um lado, um instrumento de defesa e divulgação da Cultura e da História Portuguesa, por outro lado, um local de bom convívio entre académicos e colegas, executado através da tolerância e do respeito entre todos.

Embora as novas funções na Academia e o tempo que dedicava à investigação o mantivessem ocupado, consternado ainda com a situação que vivia ausenta-se várias vezes do país, indo a Toulouse e a Biarritz, para se “libertar do ambiente de tensão que se vive em Portugal”³¹⁹. Essa tenção aligeira-se a 25 de Novembro de 1975, acontecimento

³¹³Veja-se a Ficha Académica de Joaquim Veríssimo Serrão, presente no arquivo da Academia Portuguesa da História, que refere que foi admitido a 13 de julho de 1960.

³¹⁴Fizeram parte da primeira equipa de Joaquim Veríssimo Serrão os académicos Fernando Castelo Branco, Eduardo Brasão, Damião Peres, Alberto Iria, António Brásio e Machado de Faria.

³¹⁵Para uma melhor compreensão do papel desempenhado por Joaquim Veríssimo Serrão durante 31 anos como Presidente da Academia Portuguesa da História, veja-se VEIGA, Carlos Margaça – Joaquim Veríssimo Serrão, Sexto Presidente da Academia Portuguesa da História (1975-2006).

³¹⁶SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980)*, p. 32.

³¹⁷Escreveu Veríssimo Serrão a Marcello Caetano, a propósito do seu labor na Academia: “Muito já se conseguiu. Fazemos sessões ordinárias com a presença de 25 a 30 académicos (o que nunca se viu no Palácio da Rosa) (...). O meu interesse aponta para os jornais darem notícias das actividades académicas, a fim de a opinião pública tomar conhecimento do que fazemos em prol da História. Temos assim calado as vozes que aconselham a nacionalização da Academia (como é o caso do Doutor Oliveira Marques) e dos que a pretendem atingir por ser «uma instituição do passado» (os socialistas navegam nesse mar de descrédito). Abrimos de par em par as portas da Academia Portuguesa da História, para que as pessoas ajuízem do valor das comunicações que apresentamos e dos objetivos nacionais que a Academia pretende cumprir”, in IDEM - *Ibidem*, p. 75.

³¹⁸SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Agradecimento, p. 34-35.

³¹⁹SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980)*, p. 37.

sobre o qual Joaquim Veríssimo Serrão se pronuncia de maneira pessimista. Sublinhou: “os acontecimentos da semana passada [25 de Novembro], encheram muita gente de coragem, mas eu não partilho desse optimismo. Receio que a terapêutica em curso não vá por diante e que dentro de um ou dois meses ocorra um novo golpe e de maior violência”³²⁰.

O seu percurso enquanto Presidente da Academia não foi sempre linear, pelo que demonstrou, por várias vezes, a intenção de sair. Logo no ano de 1977 pensa passar a pasta ao embaixador Eduardo Brasão, mas é por conselho de Marcello Caetano que não o faz³²¹. Na Academia, também se vai deparar com vários problemas sob a sua liderança, nomeadamente a questão do espaço. A Academia estava sediada no Palácio da Rosa, que não tinha as condições necessárias para levar a cabo todos os projetos e atividades que tinha em mente. No entanto, por várias vezes Joaquim Veríssimo Serrão fez pedidos à Câmara Municipal de Lisboa visando a aquisição de uma nova sede para a Academia. O Presidente Pedro Santana Lopes doou as novas instalações que ainda hoje prevalecem, com uma biblioteca de 150 mil livros, acessíveis a quem os queira consultar³²².

Foi durante este período longo que Joaquim Veríssimo Serrão consagrou muito do seu tempo à investigação, dando ao prelo várias obras de prestigiado valor, ainda hoje referências nas suas temáticas. É no ano de 1977 que começa a publicar a sua *História de Portugal*, que inicialmente tinha planos de sair só em três volumes³²³, mas que acabaram por ser dezoito, publicando-se o último em 2010³²⁴. Em todo o seu percurso académico, por várias vezes, Joaquim Veríssimo Serrão entrou em conflito com alguns colegas ou

³²⁰ IDEM - *Ibidem*, p. 45.

³²¹ Responde-lhe Marcello Caetano, a 4 de janeiro de 1977: “Quanto à Academia de História preocupa-me muito a ideia da sua substituição. O Dr. Veríssimo Serrão é um homem sério e trabalhador, capaz de prestigiar uma instituição que até hoje não cumpriu a sua missão, justamente por ter servido de feira de vaidades e objecto de interesses mesquinhos. A sua saída fará reverter-la ao que foi, depois de tão esperançoso ensaio”, in IDEM - *Ibidem*, p. 73.

³²² Entrevista a Joaquim Veríssimo Serrão a propósito da Academia Portuguesa da História, realizada por Raquel Santos. [consult. em 15 de Abril. 2021].

³²³ Vide SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Reflexão para uma «História de Portugal». Em *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa: Classe de Letras*. Lisboa, 1977. Vol. XVIII.

³²⁴ Joaquim Veríssimo Serrão publicou, com efeito, 18 volumes da sua *História de Portugal*. No entanto, existe sempre a dúvida de estaria a preparar o 19.º volume – por ora, ninguém tem conseguido responder a essa questão. No entanto, Frei Henrique Pinto Rema tem no seu Arquivo Pessoal uma cópia de uma carta remetida a Joaquim Veríssimo Serrão, a 8 de julho de 2008, por ocasião dos 83 anos de idade do mestre santareno: “(...) estou a saudá-lo cordialmente, formulando votos ao céu para lhe dar mais uns aninhos de vida, a fim de poder ainda terminar alguns projectos, como será o da sua monumental *HISTÓRIA DE PORTUGAL*, que há pouco manifestou o desejo de levar até ao 25 de Abril de 1974”. Veja-se *carta de Henrique Pinto Rema a Joaquim Veríssimo Serrão*, 8 de julho de 2008, no Arquivo da Província Portuguesa da Ordem dos Franciscanos.

outro tipo de pares. A sua *História de Portugal* foi alvo de variadas críticas que levou também a discussões litigiosas em praça pública. Uma dessas querelas foi uma crítica que o Prof. Joaquim Romero de Magalhães (1942-2018) fez à sua *História de Portugal*, acusando-o de muitas coisas, nomeadamente falta de método, de rigor histórico e até de deturpação dos factos reais. Joaquim Veríssimo Serrão responde a essa crítica com a publicação de um opúsculo intitulado *Resposta a um Pseudo-Crítico da História de Portugal*³²⁵. Neste opúsculo, Veríssimo Serrão explica os motivos daquela publicação, contraria as críticas que lhe foram feitas discutindo uma por uma. No fim, em jeito de anexo, publica também a vária correspondência trocada pelos dois, onde sobressai o tom desagradável e pejorativo do Prof. Romero Magalhães. O tom do opúsculo é, sem dúvida nenhuma, muito aceso e transmite a surpresa do historiador escalabitano, ao ver-se criticado por alguém que um dia havia ajudado.

Durante os trinta anos em que esteve à frente dos destinos da Academia Portuguesa da História, o Presidente percorreu o país e o estrangeiro, em conferências, colóquios e intercâmbios com outras Academias. Deslocou-se dezenas de vezes à América Latina, mas também a muitos países europeus. Era, para além da Academia Portuguesa da História, sócio efetivo da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia de Marinha, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da Académie du Monde Latin, de Paris, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Letras, da Academia Nacional de la Historia da Venezuela, da Academia de la História y Geografía del Uruguay, e ainda de outras instituições. Frei Henrique Pinto Rema, OFM, que embora conhecesse Joaquim Veríssimo Serrão desde há muito, depois de várias tentativas por parte do Presidente, é eleito académico da Academia da História, em 1992. No entanto, já em 1996, é convidado pelo Presidente da Academia para integrar a sua equipa na qualidade de Secretário-geral, que acabou por aceitar. Desempenha esse cargo durante cinco anos e, embora já acompanhasse o dinamismo da Academia desde 1992, é durante esse tempo que vai ser testemunha viva, quer dos dotes de grande conferencista e comunicador que caracterizavam o historiador escalabitano, quer do dinamismo com que ele fazia bulir a Academia Portuguesa da História³²⁶. Acompanha-o regularmente,

³²⁵ Vide SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Resposta a um Pseudo-Crítico da História de Portugal*. Lisboa: [Edição de autor], 1980

³²⁶ São várias as evidências que apontam que, por várias vezes, quis Joaquim Veríssimo Serrão deixar o cargo de Presidente da Academia. Anteriormente evidenciámos as confidências que fez a Marcello Caetano sobre essa intenção. Mais tarde, Frei Pinto Rema também testemunha esse episódio, em 1998: “No dia 9 de dezembro de 1998 fui reeleito Secretário-Geral da Academia Portuguesa da História e por unanimidade.

quer em Portugal, quer no Estrangeiro³²⁷ – esse testemunho, o Pe. Pinto Rema deixa-o por escrito, nas suas memórias. São minuciosos os detalhes do seu caminho conjunto com o seu grande amigo Joaquim Veríssimo Serrão³²⁸.

Ainda no ano de 1977 começava a pensar-se em fundar uma universidade privada. A ideia original foi de Henrique Martins de Carvalho e de Clemente Rogeiro, que convidaram Joaquim Veríssimo Serrão para assumir uma embrionária Reitoria – que ele recusou por não acreditar no projeto. Nessa mesma altura, é também aliciado para integrar o CDS-PP – que recusa; é também convidado pelo general Kaulza de Arriaga para integrar as hostes de um novo partido, que também recusará, afirmando: “o homem político morreu em mim com a revolução (...) e que só penso realizar-me na investigação histórica que é hoje um dos poucos ideais da minha vida”³²⁹. Ainda nesse ano, a propósito do falecimento de um grande amigo e mestre³³⁰, o Prof. Guilherme Braga da Cruz, Joaquim Veríssimo Serrão faz que como uma confissão política. Escreve a Marcello Caetano:

“Há mais de 25 anos que eu conhecia o Professor Guilherme Braga da Cruz. Não nos ligava a mesma ideologia, pois nunca fui monárquico nem salazarista, embora hoje reconheça a grandeza do governante (...). Também não me atraiu a ideia da restauração da coroa, preso que estive a um republicanismo de matriz liberal que guardei até aos meados da década de 60, quando me convenci que sem executivos fortes não há governação possível no mundo que emergiu da Segunda Guerra Mundial. Pois Braga da Cruz teve

Eu já esperava, pois não aparecera lista concorrente e os quatro ou cinco contestatários não vieram à votação e nem mandaram procuração. O Presidente Serrão ainda tentou ser substituído pelo Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida, Vice-Presidente, mas este não aceitou a proposta”, in REMA, Henrique Pinto – *Os Caminhos de Deus e os Caminhos do Homem: Memórias de Henrique Pinto Rema*, OFM. (Inédito), 2020, p. 644.

³²⁷ Segundo depoimento que nos foi feito por Frei Henrique Pinto Rema, em dezembro de 2022, o qual à data conta 96 anos, Joaquim Veríssimo Serrão falava diversas línguas estrangeiras (espanhol, francês, inglês e italiano) tão bem ou quase tão bem quanto falava a sua língua materna. Era, com efeito, um poliglota.

³²⁸ Vide REMA, Henrique Pinto – *Os Caminhos de Deus e os Caminhos do Homem: Memórias de Henrique Pinto Rema*, OFM. O volume é parte integrante do Arquivo Pessoal do autor, e está acessível no Arquivo da Província Portuguesa da Ordem dos Franciscos, no Seminário da Luz, onde foi por nós consultado. Veja-se, a título de exemplo: “O Prof. J. V. Serrão brilhou do começo ao fim nas suas múltiplas e ricas intervenções, sempre em espanhol”, p. 625; ou: “Pronunciou o discurso de fundo, durante mais duma hora, o Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, no final largamente aplaudido e de pé”, p. 641-642.

³²⁹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980)*, p. 83.

³³⁰ Acerca das relações estabelecidas entre Joaquim Veríssimo Serrão e Guilherme Braga da Cruz, repare-se que o historiador escalabitano consagrou seis textos ao antigo Reitor de Coimbra, veja-se: MELLO, Gonçalo Sampaio e – *Guilherme Braga da Cruz: Introdução ao estudo da sua biografia*, p. 919. Vejam-se também as várias referências dedicadas a Joaquim Veríssimo Serrão, ao longo desta obra.

sempre o dom de colocar a amizade e a cultura acima das convicções partidárias. Ele conhecia o meu arregaço «marcelismo» e respeitava a opção que eu havia feito”³³¹.

Não tardaria, porém, a chegar a hora de Joaquim Veríssimo Serrão se reencontrar, de novo com a docência universitária. Pelo que, também no ano de 1977, participa na fundação da Universidade Livre, onde vai desempenhar a função de Diretor do Departamento de História, e onde pôde contar “com o apoio docente de um grupo de mestres que haviam sido objecto de saneamento político”³³². Dada a ainda recente lembrança do prestígio que tivera enquanto Reitor da Universidade de Lisboa, é convidado para assumir a Reitoria desta nova universidade, bem como a direção do ano propedêutico³³³. Recusa a Reitoria, que acaba por ser oferecida ao Prof. Adelino da Palma Carlos. A Universidade Livre era então um estabelecimento de ensino privado, de grande qualidade educativa, que permitia a formação de muitos estudantes que não tivessem a hipótese de ingressar no ensino público. Estava sediada no antigo edifício das Companhias Reunidas do Gás. Veríssimo Serrão já havia confessado a falta que sentia das aulas e dos seus alunos, tendo referido: “a investigação só por si não basta para me realizar no plano criador”³³⁴. Todavia, a sua fundação traduziu-se em alguns protestos por parte de alguns alunos pelo facto de albergar no seu corpo docente, e nos órgãos de diretivos, professores que tinham um passado ligado ao anterior regime. Os Professores Gonçalves de Proença, Adriano Moreira, Joaquim Veríssimo Serrão e Gonçalves Rodrigues estavam na mira dos protestos³³⁵. O lançamento da sua *História de Portugal*, coincidiu com o tempo em que era docente na Universidade Livre, pelo que os seus alunos foram os primeiros a usufruir dos resultados da sua profunda investigação. Dedicava vários dias a esta Universidade, lecionando três aulas por semana.

Passados poucos anos, em julho de 1979, ainda docente na Universidade Livre, é nomeado pelo Reitor da Universidade de Lisboa, Prof. Raul Miguel Rosado Fernandes, para integrar o júri dos concursos de catedráticos da Faculdade de Letras. Passados cinco anos de ausência, logo se confrontou com antigos colegas como foi o caso do prof.

³³¹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980), p. 84.

³³² SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida, p. 24.

³³³ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980)*, p. 137.

³³⁴ IDEM - *Ibidem*.

³³⁵ DAMÁSIO, Manuel de Almeida – *Contributos para a história do ensino superior em Portugal: o caso “Universidade Livre” e a evolução do ensino superior privado após o 25 de Abril*. 2007. doctoralThesis, p. 258.

Lindley Cintra, com quem recusou falar, por ter sido ele a assinar o seu decreto de expulsão da Faculdade³³⁶. Assoberbado pelas aulas na Universidade Livre, pelos concursos da Faculdade de Letras e pelas funções de Presidente da Academia Portuguesa da História, voltava assim Veríssimo Serrão a ocupar, com afinco, os seus dias. No entanto, o historiador é convidado pelo Reitor da Universidade de Lisboa a regressar como docente à Faculdade de Letras, uma vez que continuava a receber o seu vencimento por parte da Reitoria, evitando assim eventuais críticas de que era pago e não trabalhava. Ainda assim, Veríssimo Serrão sentia-se motivado, mas reticente quanto a esse regresso. Escreveu a Marcello Caetano:

“Já expliquei as razões porque devo voltar à Faculdade de Letras, não por gosto, mas pela necessidade de reconstruir a secção que foi seriamente abalada com a invasão de muitos pseudo-docentes. Na decisão imperam também as razões de ética, pois quem recebe um vencimento deve merece-lo pelo trabalho que presta. Eu sei que o ambiente não é ainda pacífico por causa das correntes ideológicas (...). Mas se as pessoas responsáveis não derem luta, quando voltamos a ter uma Universidade composta por verdadeiros universitários e não por carreiristas políticos e outras celebridades que a revolução trouxe ao de cima?”³³⁷.

O antigo Reitor volta à sua antiga Escola, onde sente “um vazio de alunos nas aulas dos mestres reintegrados, além da coacção psicológica que contra o seu regresso se manifestava em editais e cartazes”³³⁸. No ano lectivo de 1979-1980, rege um pequeno seminário intitulado “Áreas regionais Portuguesas”, mas, o ambiente de tolerância a que estava habituado não se fazia sentir. Neste seguimento, é convidado para uma reunião, em Santarém, com vista à criação de uma Universidade do Ribatejo, projeto que não o convencera, mas que pelo fervor de santareno bairrista que o caracterizava, não podia deixar de apoiar. Já em 1980, é chamado ao Ministério da Educação, onde o ministro Prof. Vítor Crespo o convida a presidir à comissão instaladora do Instituto Politécnico de Santarém. Joaquim Veríssimo Serrão sonhara com um estabelecimento de ensino na sua terra - Santarém - que permitisse aos jovens escalabitanos que se não podiam deslocar para Coimbra ou Lisboa, ter uma formação superior – um projecto que fosse “embrião de

³³⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980)*, p. 326.

³³⁷ IDEM - *Ibidem*, p. 352.

³³⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Páginas de uma Vida*, p. 25.

uma Universidade do Ribatejo”³³⁹. Com o objetivo de servir a sua terra, depressa começa a imaginar como se desenvolveria o instituto. A este propósito refere:

“o antigo colégio de Jesuítas, depois seminário e agora o Paço diocesano, possui excelentes condições para a instalação de um curso de Humanidades. Por seu turno, a Escola de regentes agrícolas e a Estação Zootécnica Nacional abrem boas perspectivas ao ensino da Veterinária e da Agronomia. Também o complexo Andaluz constitui um bom início para instalar uma Escola Superior de Educação. Respondi ao Ministro que acedia desde que o cargo não tivesse conotações políticas, pois apenas pretendo ser útil à minha terra”³⁴⁰.

Como não podia deixar de ser, o historiador escalabitano trabalhou para a concretização dos seus objetivos com vista à implementação do ensino universitário na sua cidade. Para além de estar desgastado pela vida e agitação social de Lisboa, esta nova tarefa que lhe fora incumbida inebriou-lhe o espírito de saudades da sua terra, pelo que transmitiu a Marcello Caetano a vontade de se instalar em Santarém. Instalando-se, esperaria passar o resto do seu tempo útil a dirigir a futura Universidade do Ribatejo. Entre março de 1980 e julho de 1984, viverá intensamente para a concretização desse sonho; todavia, divergências que mantinha com o Ministro da Educação da altura, o Prof. José Augusto Seabra, levaram a que fosse exonerado de cargo de dirigente do Instituto, dando por findo um sonho de um Instituto Universitário, à semelhança do que tinha acontecido em Braga, Aveiro e Covilhã. Por esta altura, Joaquim Veríssimo Serrão manda fazer a sua casa no Salmeirim, em Santarém, onde tinha a sua vasta biblioteca cujas portas abria aos seus alunos; as suas famosas fichas; e onde passava grande parte do seu tempo dedicado à redação das suas obras³⁴¹.

Foi neste período cronológico, mais concretamente em 1980, que se deu outra efeméride negativamente muito marcante para o historiador santareno – a morte do seu leal e devotado amigo Marcello Caetano. Joaquim Veríssimo Serrão aprofundara o seu convívio e amizade com o antigo Presidente do Conselho quando da sua partida para o

³³⁹ IDEM - *Ibidem*.

³⁴⁰ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980)*, p. 445.

³⁴¹ RODRIGUES, Martinho Vicente – Editorial, p. 12.

exílio³⁴². Em Portugal, procurou sempre defender o seu nome, mas é depois da sua morte que vai empenhar-se também na defesa póstuma do bom nome do antigo estadista, quer na publicação de livros³⁴³, quer em conferências, quer em artigos de Jornal, quer metendo-se em discussões e escaramuças para defender o mestre que morrera em Terras de Vera Cruz³⁴⁴.

No ano de 1985, à medida que ia publicando vasta obra, colaborou com a Universidade Lusíada, dirigindo o departamento de História, mas o seu regresso à Faculdade de Letras não tardaria – acontece definitivamente em outubro de 1985. Pode dizer-se que foi a última fase na carreira universitária de Joaquim Veríssimo Serrão. Permaneceu na Faculdade de Letras até à hora do seu jubileu, entregando-se “com toda a força da alma”³⁴⁵ àquilo que mais gostava, ensinando na licenciatura e nos estudos pós-graduados. Nesse período, voltou a si a regência de algumas cadeiras, como História dos Descobrimentos Portugueses, História do Brasil, Numismática, História Moderna de Portugal e Introdução à História. Pode dizer-se que a ingratidão dos homens maltratou e deixou para trás, muitas vezes, grandes figuras da nossa história recente, mas “a ironia da história é com frequência a justiça da história, conquanto que aos indivíduos seja concedida a graça de viverem o tempo necessário para serem corrigidos os enganos e reparados os erros”³⁴⁶. No caso de Joaquim Veríssimo Serrão, a Faculdade de Letras,

³⁴² Para se perceber, em jeito de síntese, as relações mantidas entre Joaquim Veríssimo Serrão e Marcello Caetano antes e, sobretudo, depois do 25 de Abril, veja-se OLIVEIRA, João Zambujo de – Joaquim Veríssimo Serrão e Marcello Caetano: uma relação de Amizade e Lealdade.

³⁴³ Joaquim Veríssimo Serrão consagrou várias obras à memória de Marcello Caetano, como *Marcello Caetano: Confidências no Exílio, Correspondência com Marcello Caetano 1974-1980*, e ainda *Marcello Caetano no Exílio: Estudos, Conferências, Comunicações*.

³⁴⁴ São incontáveis os textos por Joaquim Veríssimo Serrão publicados que se destinaram a defender o nome de Marcello Caetano e a sua ação de Estadista. Veja-se, a título de exemplo, um artigo que escreveu no jornal *O Diabo*, a 16 de março de 2004, dando resposta a Marcelo Rebelo de Sousa, que havia comparado o regime presidido por Marcello Caetano a uma «Maçã Podre»: “(...) talvez lhe objectasse que um referendo ou plesbício nos dias 20 ou 21 de Abril teria dado a vitória, com um mínimo de 80 por cento de votos, à Política encarnada pelo Presidente Marcello Caetano. Um regime transformado em «maçã podre»? O povo autentico ter-lhe-ia dado a resposta (...)! Pelas razões acima expostas, não tenho qualquer desejo de encetar uma polémica com o Prof. Dr. Rebelo de Sousa, embora não me furte a ela se vier, infelizmente a acontecer. Digo apenas que não se deve brincar com um marco da nossa História que trouxe ao de cima mortes, prisões, saneamentos, perseguições e outras injustiças. Nem o Professor necessita de utilizar a linguagem dos tribunos, quando Deus o privilegiou com excepcionais dotes de inteligência, a par da honradez do sangue paterno de que muito se deve orgulhar. Aceite, pois, este desabafo sem *rancune*, mas com a integridade do carácter de que também não abduco”, in SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Com a História não se brinca!. *O Diabo*. (2004), p. 24.

³⁴⁵ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida, p. 27.

³⁴⁶ SANTOS, Fernando Seabra – Palavras Finais. Em *Homenagem ao Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão*. Lisboa: Editorial Verbo/Universidade de Coimbra, 2007, p. 45.

apesar de tarde, reconheceu-lhe o devido valor enquanto figura ímpar da historiografia portuguesa, homenageando-o quando do seu jubileu universitário.

Apesar de nunca mais pretender participar em atos políticos, no ano de 1995, Joaquim Veríssimo Serrão apoia a candidatura do Professor Aníbal Cavaco Silva à Presidência da República. Não tentou embora vínculos partidários nem militância política, por gostar pessoalmente da figura e personalidade do antigo Primeiro-Ministro Cavaco Silva, Joaquim Veríssimo Serrão, a convite do próprio, assume o papel de mandatário da candidatura em Santarém³⁴⁷.

A Escola Veríssimo Serrão

*Tudo fiz para interessar os mestres e assistentes no estudo intensivo da história*³⁴⁸

No decorrer do tempo em que Joaquim Veríssimo Serrão deu aulas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, uma das coisas que mais o cativaram foi a criação de Mestrados. Esses Mestrados foram em História Moderna de Portugal, em Descobrimientos e Expansão Portuguesa, em História e Literatura Brasileiras e em História da Idade Média, os três primeiros da sua inteira responsabilidade. No entanto, a criação desses cursos pós-graduados possibilitou um contacto muito mais estreito entre mestre e discípulos, ou seja, por ser uma especialização numa área específica, requeria uma orientação muito mais presente do mestre orientador, provocando, muitas vezes, para além dos laços académicos, relações de profundo respeito, tolerância e amizade. A respeito disso, diz-nos Veríssimo Serrão nas “Páginas de Uma Vida”³⁴⁹: “O contacto anual, com 15 a 20 alunos de cada mestrado, constituiu para mim uma experiência viva e enriquecedora. Além de descobrir em muitos deles uma verdadeira aptidão para a pesquisa histórica, tornou-se possível abrir-lhes muitos horizontes do passado (...). Cada

³⁴⁷ Informação comprovada pela existência, no inventário de cariz patrimonial do Arquivo Pessoal Joaquim Veríssimo Serrão, de caixas relativas a este assunto. Veja-se também: “Pasta da Educação “roubada” pela revolução”. *O MIRANTE*.

³⁴⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida, p. 33.

³⁴⁹ IDEM - *Ibidem*.

seminário tornou-se uma fonte de enriquecimento para mim, pela documentação revelada pelos mestrados pelas conclusões a que já haviam chegado no acesso a bibliotecas e arquivos. Guardo de muitos deles uma lembrança grata, com a acrescida circunstância de que alguns, que obtiveram o grau de Mestre em acto público, vieram depois a publicar as suas dissertações. E, tendo-se-me dirigido a solicitar um prefácio para as obras, decerto que reconheceram que o antigo professor não se negava a satisfazer-lhes o justo anseio.”³⁵⁰

Até 1995, ano da jubilação de Joaquim Veríssimo Serrão, foram tempos de colaboração intensa. Já depois de graduados, os jovens investigadores continuavam a pedir o auxílio do seu mestre, mesmo em casos de doutoramentos e pela sua vida académica fora³⁵¹. Ao longo do seu tempo de docência, Joaquim Veríssimo Serrão, orientou cerca de uma centena de dissertações e teses, quer de Licenciatura, quer de Mestrado e Doutoramento³⁵². Foi um Mestre que sempre incutiu aos seus alunos a paixão pela investigação. Muitos deles, influenciados pelo gosto particular do Prof. Veríssimo Serrão pela História Local, história essa que considerava “células do organismo português”³⁵³, deram contributos muito significativos para a história de Santarém.

³⁵⁰ IDEM - *Ibidem*, p. 28.

³⁵¹ Na obra *Joaquim Veríssimo Serrão - Meio Século ao Serviço da História (1947-2000)*, o insigne historiador fez menção a muitos daqueles que podemos considerar como seus discípulos. Vários deles ascenderam na academia, lecionando em diversas universidades, outros consagram a sua vida à investigação e à história. Foram eles, a título de exemplo, a Professora Doutora Maria Manuela Mendonça, a Professora Doutora Maria de Fátima Reis, o Professor Doutor Martinho Vicente Rodrigues, a Professora Doutora Maria Rosalina da Ponte Delgado, o Professor Doutor Joaquim Candeias da Silva, a Professora Doutora Maria Manuela Sobral Blanco Velêz, e muitos outros que se fizeram discípulos de um mestre que se revela intemporal.

³⁵² Vide “VII – Orientação científica em dissertações de Licenciatura. Mestrado. Doutoramento.” In *Joaquim Veríssimo Serrão – Meio Século ao Serviço da História (1947-2000)*, Lisboa, Edições Colibri, 2000, p. 186-197.

³⁵³ *Apud* RODRIGUES, Martinho Vicente – Editorial, p. 14.

Uma Obra. Um Legado.

*Assim procurei viver e como pecador confesso que o fiz sempre buscando o caminho do bem (...)*³⁵⁴

Não pode referir-se Joaquim Veríssimo Serrão sem se mencionar a sua *Opera Omnia* que se traduz em meio milhar de publicações. Sendo o professor Veríssimo Serrão um lente de vocação, as suas obras – nas suas palavras – nada mais foram do que “um complemento das tarefas do ensino”³⁵⁵. Apesar de se ter especializado, se assim o podemos dizer, em história moderna, o historiador santareno foi sempre um apreciador nato do Geral, dizia que agia perante a História de Portugal como um médico de medicina geral, que tem de conhecer de tudo um pouco para curar o doente³⁵⁶. No entanto, reduzir todo o seu legado ao seu *Opus Magnum*, a *História de Portugal*, é desprezar um manancial de historiografia, inovadora, feita de raiz. A modo de *exempla*, enunciaremos apenas alguns títulos que mais se destacaram – que provam que o distinto professor nunca se deixou “fossilizar numa época”³⁵⁷. Vejam-se *A Historiografia Portuguesa* (1972-1974), *Damião de Góis, o Historiador* (1975), *Relações Históricas entre Portugal e França* (1975), *Herculano e a Consciência do Liberalismo Português* (1977), a biografia *O Marquês de Pombal: O Homem, O Diplomata e o Estadista* (1982), uma *História das Universidades* (1983), *D. Manuel II (1889-1932). O Rei e o Homem à luz da História* (1991), *A Génese e o Destino de Portugal*³⁵⁸ (1992), *O Tempo dos Filipes em Portugal e no Brasil: 1580–1668* (1994), *A Misericórdia de Lisboa: Quinhentos Anos de História* (1998). Redigiu vários artigos para obras de conjunto e diversos elogios aos seus mestres e pares, proferiu inúmeras conferências e discursos, escreveu prefácios para obras dos seus discípulos - é impossível nomear aqui todos os escritos de Joaquim Veríssimo Serrão, por isso apenas nomeamos alguns a título de exemplo. Joaquim Veríssimo Serrão, nas suas atividades de investigador e docente, apanha já o alvor da tecnologia. No entanto,

³⁵⁴ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida, p. 35.

³⁵⁵ IDEM - *Ibidem*, p. 30.

³⁵⁶ Entrevista a Joaquim Veríssimo Serrão – Parte I.

³⁵⁷ BRAVO, Tomás Pinto – Joaquim Veríssimo Serrão (1925–2020): Evocação de Uma Vida e de Uma Obra, p. 293.

³⁵⁸ Vide SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *A Essência e o Destino de Portugal*. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1992 - Coletânea de várias conferências que Joaquim Veríssimo Serrão foi fazendo ao longo do tempo, editada pela Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

por ser um conservador (no conceito epistemológico da palavra), mantém-se sempre fiel ao papel, à caneta e à máquina de escrever – considerava-se, com efeito, um homem fiel ao papel³⁵⁹.

Ao longo do tempo também fora reconhecido, a Joaquim Veríssimo Serrão, o seu trabalho e valor. Foi várias vezes galardoado em Portugal, mas também no estrangeiro. Foi condecorado por várias instituições, no Brasil, em Itália, na Venezuela e também em Espanha. Recebeu vários prémios nacionais, mas recebeu também um prémio estrangeiro bastante peculiar – o Prémio Príncipe das Astúrias em Ciências Sociais, concedido, em Oviedo, por D. Filipe de Bourbon, na altura Príncipe das Astúrias, hoje Rei de Espanha. Foi também Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Paul Valéry, de Montpellier, em 1974, pela Universidade Complutense de Madrid, em 1995, e pelo Instituto Politécnico de Santarém, em 2011. Recebeu ainda, no ano de 2006, a Medalha Honorífica da Universidade de Coimbra. Estes prémios e condecorações que foi recebendo ao longo da vida não só se devem ao seu notável desempenho enquanto homem de letras, mas também ao homem que cumpriu fielmente o seu dever³⁶⁰.

O legado deste *grand seigneur*, para além do significativo contributo historiográfico que nos deixou, e para além do espírito modelar que possuía, exemplo salutar para os que com a sua memória se querem formar, também é muito significativo em Santarém. A ligação à terra que o viu nascer não se traduziu apenas nas inúmeras publicações que à sua história consagrou. No dia 9 de novembro de 2009, Joaquim Veríssimo Serrão doou ao seu Município quase tudo o que foi acumulando ao longo dos anos – uma biblioteca com cerca de 30 mil livros, e o seu arquivo pessoal, traduzido em 327 caixas³⁶¹, mas também as suas medalhas, condecorações, retratos, a sua secretária

³⁵⁹ No decurso de uma entrevista que Joaquim Veríssimo Serrão deu ao *Mirante*, a 17 de março de 2004, o *Jornal* havia de noticiar: “os métodos e as ferramentas de trabalho continuam a ser as mesmas que utilizava há cinquenta anos. Lápis, papel, máquina de escrever. As novas possibilidades oferecidas pela tecnologia da informação não são exploradas nem o atraem, apesar da insistência dos filhos. O recurso ao fax é o limite, até à data. De computadores e internet apenas conhece a sua existência. Sem lhes dar qualquer uso. Mas, ressalva, “não sou adversário das novas tecnologias”. A justificação para o abandono a que as vota aponta para “o peso da idade”. “Prefiro auxiliar-me das ferramentas que são as minhas desde sempre: o lápis, o papel, a máquina de escrever. Sou um homem fiel ao papel”. Desde os seus tempos de estudante de Coimbra, onde se formou”. Um historiador avesso às novas tecnologias. *O MIRANTE | Um historiador avesso às novas tecnologias*. [acedido 26 fevereiro 2023] em <URL <https://omirante.pt/semanario/2004-03-18/entrevista/2004-03-17-um-historiador-avesso-as-novas-tecnologias>>.

³⁶⁰ Para verificar todos os prémios, homenagens e condecorações, veja-se SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Meio Século ao Serviço da Universidade e da História (1947-2000)*. Lisboa: Edições Colibri, 2000, p. 43-45.

³⁶¹ Joaquim Veríssimo Serrão doou apenas 272 caixas de um total de 327 caixas. As restantes vieram a ser doadas pelos seus descendentes, já depois do seu falecimento.

peçoal, as máquinas de escrever onde talhou tantas das suas obras e outro tipo de mobiliário. Criava-se assim o *Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão (CIJVS)*, que tem como grande missão, não só a gestão e preservação do legado do seu patrono, mas também o incentivo à publicação e à investigação científica em múltiplas áreas do saber.

No que concerne à vida familiar do Professor Joaquim Veríssimo Serrão, conseguiu transmitir aos seus filhos a paixão pela docência e pela investigação. A Professora Doutora Adriana Veríssimo Serrão é hoje Professora Associada de Filosofia, e o Professor Doutor Vítor Serrão é Professor Catedrático de História de Arte, ambos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O Professor Veríssimo Serrão, depois da sua última lição em 1995, continuou a trabalhar arduamente – de maneira a manter-se ativo e de boa energia. Mas, uns anos mais tarde, quando se agravou o seu estado de saúde, e encontrando-se mais debilitado, passou a viver nas Residências Assistidas Valle dos Reis, onde continuou, de acordo com as suas possibilidades, a ler (atividade vital para o professor) e a trabalhar.

No entanto, uns anos mais tarde, já quando um homem tem missão cumprida neste mundo e deixa para trás todo um legado físico e espiritual, adormeceu para o sono eterno, aos 95 anos de idade, no dia 31 de julho de 2020. Padeceu para a eternidade, como sempre quis, na sua terra muito amada. As suas exéquias foram celebradas pelo Bispo de Santarém, D. José Traquina, na igreja da Piedade, cumprindo assim aquilo que deixara determinado. Veja-se o relato da celebração exequial vivido por Frei Pinto Rema, que nunca o abandonou, nem na hora da despedida:

“O Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, durante muitos anos Presidente da Academia Portuguesa da História e a seguir seu Presidente de Honra, faleceu em Santarém no final de Julho de 2020, depois de quatro a cinco anos de vida vegetativa, ele que possuía uma inteligência rara e produzira uma obra histórica excepcional, que lhe mereceram ter solenes exéquias na igreja de Piedade de Santarém às 10h00 do dia 3 de Agosto, presididas pelo Bispo de Santarém, D. José Traquina, e dois concelebrantes, o Prior e o P. Fr. Henrique Pinto Rema, OFM, que tivera o privilégio de o acompanhar a muitos e variados congressos nacionais e internacionais em Portugal, na Espanha e na América Latina. (...) A igreja encheu-se de familiares e sobretudo de académicos, e não tantos por causa da pandemia COVID-19, a exigir restrições. A rica cerimónia prolongou-se por mais de uma hora, e no

final acompanhámos o féretro ao enorme cemitério, onde ficou depositado em JAZIGO DE JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO E FAMÍLIA”³⁶².

Epítome de um Historiador

A participação ativa de Joaquim Veríssimo Serrão no meio académico português marca não só as humanidades e as letras, mas todas as Instituições do saber com que mantém relações. Para além da complexidade que caracteriza o percurso do século XX, é também um tempo marcado pela emergência de um grande fulgor intelectual na academia portuguesa. O Instituto da Alta Cultura, alfobre de académicos de elevada estatura, contribuiu em muito para a formação intelectual de vários letrados portugueses. Tal como Joaquim Veríssimo Serrão, diversos foram os seus contemporâneos que se formaram e sobressaíram graças à experiência proporcionada pela Alta Cultura. Vejam-se, a título de exemplo, Eduardo Lourenço, José Vitorino de Pina Martins, Guilherme Braga da Cruz, Orlando Ribeiro, e muitos outros que deram o seu contributo à sociedade e que se consideram hoje, inquestionavelmente, vultos da Cultura Portuguesa. Joaquim Veríssimo Serrão foi um homem com uma vida muito preenchida a todos os níveis. Teve várias experiências que moldaram o seu carácter e fortaleceram o seu espírito. Ao longo do seu percurso terreno, o mestre regeu-se por alguns pilares de ideal de vida, essenciais para o caracterizar – o que ele definia como a fidelidade aos valores do espírito. Respeitante a essa norma de vida, veio a dizer:

“Sinto hoje poder afirmar que três condições se tornam fundamentais para o que considero ser a razão do nosso destino. A primeira brota da inteligência e tem o nome de «carácter», forjando-se na aliança do espírito com a ética, no respeito pelos princípios que enobrecem a condição humana. São eles, nas horas boas ou amargas da vida, a lealdade como escola de salutar convívio e a gratidão para com todos aqueles a quem devemos o que somos. A segunda condição chama-se «humildade» e nasce dos recônditos da alma, devendo traduzir-se na modéstia e honradez que estão na essência dos nossos actos. Mas não importa menos o valor do «trabalho», como um dom posto à disposição dos homens, porque nada cai do Céu sem a nossa pureza de intenções e o labor constante, quantas vezes mergulhado no sacrifício. Assim procurei viver e como pecador confesso que o fiz sempre buscando o

³⁶² REMA, Henrique Pinto – Os Caminhos de Deus e os Caminhos do Homem: Memórias de Henrique Pinto Rema, OFM, p. 947-948.

caminho do bem, com um grande fervor em Deus, amando os amigos e não odiando os inimigos, imerso na grande paixão que sempre tive por Santarém, meu berço natal e meu refúgio no outono da vida a que cheguei”³⁶³

Para além de um método patricio de conhecer os autores portugueses e não só, recordemos as milhares fichas de leitura, que o autor dizia ser “um monumento que um velho apresenta aos mais novos como estímulo para aquilo que eles podem fazer”³⁶⁴; o nosso historiador era também muito conservador na metodologia de fazer a história. Embora formado nos meandros da *Escola dos Annales*, grande admirador de Lucien Febvre (1878-1956), foi sempre muito factual e respeitador das fontes. Nem sempre a sua historiografia foi bem vista pelos seus pares, que criticavam o seu sentimento patriótico – críticas às quais Joaquim Veríssimo Serrão, com propriedade, sempre respondeu justificando o seu estilo narrativo, e a sua fundamentação em fontes. No entanto, é incontestável a sua autoridade historiográfica. Todos os que com ele contactaram e privaram elogiam, acima de tudo, o seu poder de oratória e de grande conferencista. Basta ouvir e saborear alguns dos seus discursos para comprovar a eloquência, o amor a Portugal, a arte de bem falar que o caracterizavam³⁶⁵. Viveu sempre um patriotismo que ia muito além disso – tinha uma visão ecuménica de Portugalidade – uma visão de lusofonia como um todo, relacionado também pelo facto de Veríssimo Serrão ser, indubitavelmente, um artífice da língua portuguesa - cultivou sempre a língua portuguesa com um grande *esprit de finesse*. Na História de Portugal fascinava-o, com efeito, “verificar as constantes que marcam a personalidade do organismo nacional”³⁶⁶. Depois, pautara-se sempre por uma ideia muito complexa de Universidade, entidade a que esteve ligado toda a sua vida. Ser universitário era para si uma vocação, que permitia não só a formação científica dos seus alunos, mas também a formação do seu espírito através do

³⁶³ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida, p. 34-35.

³⁶⁴ Entrevista a Joaquim Veríssimo Serrão a propósito da Academia Portuguesa da História, realizada por Raquel Santos.

³⁶⁵ Os Arquivos da RTP disponibilizam o áudio de alguns discursos de Joaquim Veríssimo Serrão: é o caso de intervenções enquanto Reitor da Universidade de Lisboa, mas também enquanto Presidente da Academia Portuguesa da História, a exemplo o seu discurso, na Academia das Ciências de Lisboa, por ocasião das Comemorações do 8º Centenário da Fundação de Portugal. Veja-se Comemorações do 8º Centenário da Fundação de Portugal [acedido 15 fevereiro 2023] em <URL <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/comemoracoes-do-8o-centenario-da-fundacao-de-portugal/>>.

³⁶⁶ Entrevista a Joaquim Veríssimo Serrão – Parte I.

convívio salutar de toda a comunidade universitária – no fundo, entendia a Universidade como uma via para a aristocratização³⁶⁷.

Ao longo da história vários foram os homens que se destacaram *Inter Pares*, que, pelas suas capacidades físicas, morais ou intelectuais, se afastaram dos restantes, assumindo muitas das vezes cargos de protagonismo. *Aristos* que em grego quer dizer excelente e *Kratos* que significa poder, dão origem ao vocábulo que encerra a noção de Aristocracia³⁶⁸. Se Aristocrata é aquele que pelos valores do espírito, pela erudição, pelo mérito, pelo talento atinge a excelência do contexto da sociedade em que vive, tornando-se um dos seus maiores, então Joaquim Veríssimo Serrão foi um verdadeiro aristocrata, um português que se tornou ilustre pela obra que eternizou. No que diz respeito à dimensão intelectual do nosso autor, este não se destaca apenas no tempo em que viveu, destaca-se também na sua dimensão. A *História de Portugal* da autoria de Joaquim Veríssimo Serrão fá-lo ganhar protagonismo em toda a historiografia portuguesa com quase oito séculos de história. O autor de uma das mais completas Histórias de Portugal destaca-se na história pátria diante de outros que cultivaram obras da mesma envergadura – isto é, obras de um só autor. Foram os casos de João de Barros (c. 1496-1570), Frei Bernardo de Brito (1569-1617), Damião de Lemos Faria e Castro (1715-1789), Alexandre Herculano (1810-1877), Anselmo Braamcamp Freire (1849-1921), Fortunato de Almeida (1869-1933), Damião Peres (1889-1976). A *História de Portugal* de Joaquim Veríssimo Serrão foi no seu tempo uma inovação extraordinária na historiografia portuguesa. É a primeira obra que, para além de ser escrita por um só autor, se revela metodologicamente rigorosa, oferecendo uma visão de conjunto da história da Nação Portuguesa.

A exemplo de Anselmo Braamcamp Freire, seu conterrâneo, que quase um século antes se preocupou em deixar à cidade de Santarém a sua casa e o seu recheio – os quais iriam transformar-se em biblioteca pública ao serviço dos escalabitanos – também

³⁶⁷ Para além das muitas referências a Joaquim Veríssimo Serrão que a obra *Guilherme Braga da Cruz – Introdução ao Estudo da Sua Biografia* contém, e que não nos cabe aqui explanar, fazemos menção a uma ideia presente numa carta de Guilherme Braga da Cruz, ideia essa que era partilhada por Joaquim Veríssimo Serrão. “(...) a Universidade não pode deixar de ser uma via de aristocratização (no são sentido da palavra), embora democraticamente acessível a todos os que tenham capacidade para a frequentar.” – p. 1041. Vide “Apêndice IV – 23. Sobre a Reforma do Sistema Educativo: Carta a João Pedro Miller Guerra, Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa (1971)” in MELLO, Gonçalo Sampaio e – *Guilherme Braga da Cruz: Introdução ao estudo da sua biografia*.

³⁶⁸ Vide MELLO, Gonçalo Sampaio e – *Introdução à Teoria da Nobreza*. Em *Vultos & Perfis*. Silveira: Bookbuilders, 2019, p. 15-23.

Joaquim Veríssimo Serrão se preocupou em preservar o seu legado, deixando-o ao mesmo município, o que possibilitou a existência de um Centro de Investigação impulsionador do labor ao serviço da cultura e da ciência. Pode dizer-se, neste caso, que a divisa de Braamcamp Freire, que o nosso historiador admirava, pode servir, também, de epitáfio a Joaquim Veríssimo Serrão - *Labor Vincit Aerumnas*.

4. Organização e Representação da Informação – Macroestrutura para um Quadro de Classificação

Para a eficaz organização e representação da informação que compõe o Arquivo Pessoal Joaquim Veríssimo Serrão, é necessário ter em conta todos os aspetos e informações que com ele se relacionem. Como já mencionado anteriormente, materializamos a organização e representação dessa informação através da proposta de uma macroestrutura para um quadro de classificação de tipo facetado. A macroestrutura para o quadro de classificação é elaborada principalmente através do estudo biográfico do Professor Joaquim Veríssimo Serrão, conciliado também com um género de inventário de natureza patrimonial que nos foi facultado pelo Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, entidade que gere e guarda o arquivo.

Antes de apresentar a macroestrutura do quadro de classificação, importa, porém, mencionar algumas advertências prévias. Primeiro que tudo, explicitar a razão de elaborar o quadro de classificação através do estudo biográfico. Ora, o estudo biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão, embora feito, aliás, como dito anteriormente, de maneira algo sucinta, uma vez que não foi possível aceder às fontes de informação encerradas no seu arquivo, permite-nos esboçar a sua vida em facetas. São, neste contexto, essas facetas que vão compor as classes de topo do quadro de classificação e, conseqüentemente, aplicadas ao tratamento do arquivo. No entanto, importa também ressaltar que esse inventário de natureza patrimonial reflete apenas a listagem do número de caixas que compõem o arquivo, identificando cada uma delas com o título que lhe foi dado pelo seu produtor. A análise deste documento permite-nos, por um lado, respeitar e perceber a relevância, por assunto, que a informação tinha para o seu produtor, comprovando também a pertinência das secções que propomos. Mas, por outro lado, torna-se também bastante limitativo e algo redutor porque uma parte significativa das caixas vem identificada de forma genérica, como por exemplo “correspondência”, “correspondência pessoal”, “correio pessoal”, ou “documentação diversa”. Em termos quantitativos, estas designações que denominamos ‘genéricas’ representam 136 de um total de 327 caixas. No que respeita a esta tipologia documental bastante representada no arquivo que é a correspondência, conseguimos saber uma parte mínima dos seus remetentes, porque alguns foram identificados pelo produtor nas caixas; outros cujo nome conhecemos, embora não

venham mencionados, é nossa certeza que se tenham correspondido com Joaquim Veríssimo Serrão e que o mesmo trato epistolar integre as ditas caixas sem identificação específica – e isso sabemos-lo através do estudo biográfico. Todavia, muitos dos correspondentes de Veríssimo Serrão ficam por identificar, pela razão de não conhecermos efetivamente as fontes de informação. Somente as relações estabelecidas entre Joaquim Veríssimo Serrão através da correspondência dariam diversos estudos maiores, como teses de doutoramento, de natureza distinta, designadamente de âmbito historiográfico, de Organização do Conhecimento (OC) e de Organização e Representação da Informação (ORI).

É ainda de destacar que, como esta estrutura foi elaborada com recurso ao inventário de cariz patrimonial, alguns dos nomes que atribuímos aos níveis justificam-se por isso mesmo, pelo que esses nomes vêm assinalados a itálico, tanto no esquema, como no quadro. Também deve ser ressaltado o facto de todos os itens desta macroestrutura virem identificados por ordem alfabética, para facilitar a sua organização, servindo também uma lógica. Neste contexto, apresentamos a macroestrutura para um futuro quadro de classificação que, por ser elaborado sobretudo ao nível da(s) classe(s) de topo, embora contenha algumas exceções, representa uma macroestrutura de classificação da informação do arquivo pessoal Joaquim Veríssimo Serrão que não identifica muitos dos grupos de documentos que existirão em cada secção, ou subsecção.

Esquema 1 - Macroestrutura para o Quadro de Classificação

SC – Correspondência Pessoal

- Série - Correspondência com Artur Teodóro de Matos
- Série - Correspondência com Carlos Antero Ferreira
- Série - Correspondência com Dário de Castro Alves
- Série - Correspondência com Francisco da Gama Caeiro
- Série - Correspondência com Guilherme Braga da Cruz
- Série - Correspondência com Henrique Medina
- Série - Correspondência com Henrique Pinto Rema, OFM
- Série - Correspondência com Isaiás Rosa Pereira, Cónego

Série - Correspondência com José Carro Hotero
Série - Correspondência com José Vitorino de Pina Martins
Série – Correspondência com Josué Montelo
Série - Correspondência com Léon Bourdon
Série - Correspondência com Luís Vianna Filho
Série - Correspondência com Manuel Fernando Ayres Guedes da Silva
Série - Correspondência com Marcello José Alves das Neves Caetano
Série - Correspondência com Manuel Fraga Iribarne
Série - Correspondência com Maria Manuela Sobral Blanco Velez
Série - Correspondência com Maria Júdice e José Manuel Nogueira
Série – Correspondência com Mário Chicó
Série - Correspondência com Nuno Santos Pinheiro
Série - Correspondência com Pedro Calmon Moniz de Bittencourt
Série - Correspondência com Pedro Soares Martínez
Série - Correspondência com Vamireh Chacon

SC – Correspondente em Periódicos

SC – Docente

SSC – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

SSC – Universidade Livre

SSC – Universidade Lusíada

SC – Estudante

SSC – Liceu de Santarém/Liceu Sá da Bandeira

SSC – Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

SSC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Série - *Correspondência*

SC – Historiador

SSC – *Conferências*

SSC – *Congressos*

SSC – Originais [Éditos e Inéditos]

SSC – Investigação

Série – *Fichas de Leitura*

Série – Apontamentos

Série – *Cópias de Documentos*

Série – *Agendas de Marcello Caetano*

Série – *Documentos Originais*

SC – Leitor em Toulouse

Série – *Correspondência*

SC - Mandatário Candidatura de Aníbal Cavaco Silva à Presidência da República

SC - Membro de Academias e Agremiações

SC – Prémios e Condecorações

SC – Presidente da Academia Portuguesa da História

SC – Presidente da Comissão Instaladora do Politécnico de Santarém

SC – Presidente do Centro Cultural Português em Paris

Série - *Correspondência*

SC – Reitor da Universidade de Lisboa

SC – Vida Familiar

Quadro 1 – Quadro Classificação do Arquivo Pessoal Joaquim Veríssimo Serrão

Nível	Descrição	Código de Referência
Secção - SC	Correspondência Pessoal	PT/CIJVS/APJVS/CPE
Série	Correspondência com Artur Teodoro de Matos	PT/CIJVS/APJVS/CPE/ATM
Série	Correspondência com Carlos Antero Ferreira	PT/CIJVS/APJVS/CPE/CAF
Série	Correspondência com Dário de Castro Alves	PT/CIJVS/APJVS/CPE/DCA
Série	Correspondência com Francisco da Gama Caeiro	PT/CIJVS/APJVS/CPE/FGC
Série	Correspondência com Guilherme Braga da Cruz	PT/CIJVS/APJVS/CPE/GBC
Série	Correspondência com Henrique Medina	PT/CIJVS/APJVS/CPE/HME
Série	Correspondência com Henrique Pinto Rema, OFM	PT/CIJVS/APJVS/CPE/HPR
Série	Correspondência com Isaias Rosa Pereira, Cónego	PT/CIJVS/APJVS/CPE/IRP
Série	Correspondência com José Carro Hotero	PT/CIJVS/APJVS/CPE/JCH
Série	Correspondência com José Vitorino de Pina Martins	PT/CIJVS/APJVS/CPE/JPM
Série	Correspondência com Josué Montelo	PT/CIJVS/APJVS/CPE/JMO
Série	Correspondência com Léon Bourdon	PT/CIJVS/APJVS/CPE/LBO
Série	Correspondência com Luís Vianna Filho	PT/CIJVS/APJVS/CPE/LVF
Série	Correspondência com Manuel Fernando Ayres Guedes da Silva	PT/CIJVS/APJVS/CPE/MFG
Série	Correspondência com Marcello José Alves das Neves Caetano	PT/CIJVS/APJVS/CPE/MJC
Série	Correspondência com Manuel Fraga Iribarne	PT/CIJVS/APJVS/CPE/MFI
Série	Correspondência com Maria Manuela Sobral Blanco Velez	PT/CIJVS/APJVS/CPE/MMV
Série	Correspondência com Maria Júdice e José Manuel Nogueira	PT/CIJVS/APJVS/CPE/MJN
Série	Correspondência com Mário Chicó	PT/CIJVS/APJVS/CPE/MCH
Série	Correspondência com Nuno Santos Pinheiro	PT/CIJVS/APJVS/CPE/NSP
Série	Correspondência com Pedro Calmon Moniz de Bittencourt	PT/CIJVS/APJVS/CPE/PCB
Série	Correspondência com Pedro Soares Martínez	PT/CIJVS/APJVS/CPE/PSM
Série	Correspondência com Vamireh Chacon	PT/CIJVS/APJVS/CPE/VCH

Secção - SC	Correspondente em Periódicos	PT/CIJVS/APJVS/CPE
Secção - SC	Docente	PT/CIJVS/APJVS/DOC
Subsecção - SSC	Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa	PT/CIJVS/APJVS/DOC/FLL
Subsecção - SSC	Universidade Livre	PT/CIJVS/APJVS/DOC/ULI
Subsecção - SSC	Universidade Lusíada	PT/CIJVS/APJVS/DOC/ULU
Secção - SC	Estudante	PT/CIJVS/APJVS/EST
Subsecção - SSC	Liceu de Santarém/Liceu Sá da Bandeira	PT/CIJVS/APJVS/EST/LSB
Subsecção - SSC	Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra	PT/CIJVS/APJVS/EST/FDC
Subsecção - SSC	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra	PT/CIJVS/APJVS/EST/FLC
Série	<i>Correspondência</i>	PT/CIJVS/APJVS/EST/FLC/COR
Secção - SC	Historiador	PT/CIJVS/APJVS/HIS
Subsecção - SSC	<i>Conferências</i>	PT/CIJVS/APJVS/HIS/COF
Subsecção - SSC	<i>Congressos</i>	PT/CIJVS/APJVS/HIS/COM
Subsecção - SSC	Originais [Éditos e Inéditos]	PT/CIJVS/APJVS/HIS/ORI
Subsecção - SSC	Investigação	PT/CIJVS/APJVS/HIS/INV
Série	<i>Fichas de Leitura</i>	PT/CIJVS/APJVS/HIS/INV/FLE
Série	Apontamentos	PT/CIJVS/APJVS/HIS/INV/APO
Série	<i>Cópias de documentos</i>	PT/CIJVS/APJVS/HIS/INV/CDO
Série	<i>Agendas de Marcello Caetano</i>	PT/CIJVS/APJVS/HIS/INV/AMC
Série	<i>Documentos Originais</i>	PT/CIJVS/APJVS/HIS/INV/DOR
Secção - SC	Leitor em Toulouse	PT/CIJVS/APJVS/LTO
Série	<i>Correspondência</i>	PT/CIJVS/APJVS/LTO/COR
Secção - SC	Mandatário da Candidatura de Aníbal Cavaco Silva à Presidência da República	PT/CIJVS/APJVS/CCS
Secção - SC	Membro de Academias e Agremiações	PT/CIJVS/APJVS/MAA
Secção - SC	Prémios e Condecorações	PT/CIJVS/APJVS/F/PRC
Secção - SC	Presidente da Academia Portuguesa da História	PT/CIJVS/APJVS/AHP
Secção - SC	Presidente da Comissão Instaladora do Politécnico de Santarém	PT/CIJVS/APJVS/IPS
Secção - SC	Presidente do Centro Cultural Português em Paris	PT/CIJVS/APJVS/PCC
Série	<i>Correspondência</i>	PT/CIJVS/APJVS/PCC/COR
Secção - SC	Reitor da Universidade de Lisboa	PT/CIJVS/APJVS/RUL
Secção - SC	Vida Familiar	PT/CIJVS/APJVS/FAM

Na elaboração deste quadro de classificação foram identificadas catorze classes distintas na macroestrutura deste arquivo, que adiante, uma a uma, passaremos a explicitar e a justificar. Importa, antes de mais, explicitar o quadro de classificação de uma forma prévia. Como é observável, o quadro de classificação feito em jeito de tabela, correspondendo ao Quadro 1, é composto por três colunas verticais. A primeira coluna corresponde ao «Nível» e identifica o nível de cada item, ou seja, se é secção, subsecção ou série. A segunda coluna identificada como «Descrição» identifica o título das várias secções, subsecções ou séries. A terceira coluna, talvez um pouco mais hipotética, representa o código de referência atribuído a cada secção, subsecção ou série. Importa, no entanto, explicitar o código de referência, começando por referir que foi por nós criado através de uma determinada lógica. Tem uma base que é transversal a todos os códigos de referência, que é a seguinte: «PT/CIJVS/APJVS». PT identifica o país, Portugal; CIJVS representa a entidade de custódia do arquivo, ou seja, o Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão; APJVS identifica o arquivo, ou seja, *Arquivo Pessoal Joaquim Veríssimo Serrão*, bem como o tipo de Arquivo. Neste seguimento, o código cresce ao nível da secção, acrescentando as três primeiras letras do nome da secção, o que fica, no caso da primeira, algo como PT/CIJVS/APJVS/CPE, correspondendo à secção ‘Correspondência Pessoal’. No que respeita às subsecções que estão dentro das secções – fazem parte delas – vamos acrescentar ao código de referência da secção as três primeiras letras do nome da subsecção. Veja-se, por exemplo, a secção ‘Docente’ que tem três subsecções. Veja-se o caso da primeira, que se denomina ‘Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa’: PT/CIJVS/APJVS/DOC/FLL. No que respeita às séries, o código de referência vem no seguimento do código da subsecção, ou secção no caso de não existir subsecção, começa por se acrescentar, também, as três primeiras letras do nome da série. No caso da secção ‘Historiador’, que tem uma subsecção denominada ‘Investigação’, cujo código é PT/CIJVS/APJVS/HIS/INV, uma das suas séries, ‘Fichas de Leitura’, o código de referência fica PT/CIJVS/APJVS/HIS/INV/FLE. Somente no futuro serão utilizados os números, apenas para os documentos. Seguindo o exemplo anterior, quando se classificarem as milhares fichas de leituras, a cada uma corresponderá um número, algo como PT/CIJVS/APJVS/HIS/INV/FLE/001, e assim sucessivamente.

No que respeita às secções propriamente ditas, passamos a explicitar cada uma delas. A primeira secção identificada no quadro de classificação denominámo-la como

“Correspondência Pessoal”. A correspondência trata-se, efetivamente, de um grupo documental normalmente definido na organização dos arquivos como uma ‘série’ de documentação. Todavia, uma vez que a correspondência representa grande parte das fontes de informação encerradas no arquivo, cujos alguns correspondentes foram também, à semelhança de Joaquim Veríssimo Serrão, grandes vultos do nosso país, faz todo o sentido, em termos práticos, criar uma secção só para esta documentação. Trata-se, com efeito, de correspondência pessoal. Esta secção que não deixa, por sinal, de ser também uma grande faceta do produtor deste arquivo, uma vez que foi durante toda a vida um grande cultor do trato epistolar – representando-a, muito significativamente, na criação do seu arquivo pessoal. Esta secção divide-se, portanto, em várias ‘séries’, e a cada uma corresponde (hipoteticamente) o nome da pessoa que se correspondeu com Joaquim Veríssimo Serrão, que vêm dispostas por ordem alfabética do primeiro nome. No quadro de classificação identificamos algumas “séries” representativas de correspondência trocada entre o produtor e a outra pessoa, nomeamos somente alguns nomes com os quais o produtor se correspondeu, uma vez que não tivemos acesso à documentação. A avaliar pela dimensão do número de caixas, existe uma panóplia de nomes a acrescentar ao quadro de classificação. Neste seguimento, identificamos as séries com o nome completo do outro correspondente, como por exemplo **“Correspondência com Marcello José Alves das Neves Caetano”**³⁶⁹, **“Correspondência com Pedro Soares Martínez”**, **“Correspondência com Manuel Fernando Ayres Guedes da Silva”** e **“Correspondência com Pedro Calmon Moniz de Bittencourt”**. O estudo biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão permite-nos identificar muitas mais pessoas com quem se correspondeu. Ainda assim, como também não era nosso propósito descer ao pormenor total das séries, e não o fizemos nas outras secções, apenas o exemplificamos, como é o caso de **“Correspondência com Guilherme Braga da Cruz”**³⁷⁰ e

³⁶⁹ Embora no quadro de classificação não façamos distinção entre correspondentes, não é demais salientar que a correspondência trocada entre Joaquim Veríssimo Serrão e Marcello Caetano tem um peso simbólico que a destaca das outras, quer pelas circunstâncias em que foi produzida, quer pela importância que o próprio produtor lhe dava pela própria individualidade que era Marcello Caetano.

³⁷⁰ No caso particular de Guilherme Braga da Cruz, não só sabemos que se correspondeu com Veríssimo Serrão através do estudo biográfico por nós efetuado, mas também porque o arquivo pessoal de Guilherme Braga da Cruz, à guarda do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, integra 145 cartas remetidas para o produtor deste arquivo sob a pena de Joaquim Veríssimo Serrão. Veja-se “Arquivo Guilherme Braga da Cruz” em: PAPIR - Plataforma de Arquivos Pessoais e de Instituições Religiosas. [acedido 4 fevereiro 2023] em <URL <https://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/arquivos/index.php/informationobject/browse?page=1&collection=91217&query=Joaquim+Ver%C3%ADssimo+Serr%C3%A3o&topLod=0&sq0=Joaquim+Ver%C3%ADssimo+Serr%C3%A3o&sort=relevance&sortDir=desc>>.

“**Correspondência com Henrique Pinto Rema, OFM**”³⁷¹. No entanto, deve ser ressalvado que, quando, de facto, o arquivo for explorado, e se puder conhecer toda a sua essência, esta secção poderá sofrer alterações, podendo estas séries acima identificadas descer ao nível da subsérie, caso se verifique a existência de outro tipo de correspondência não pessoal, e que não se insira em nenhuma das outras secções.

A segunda secção diz respeito a “**Correspondente em Periódicos**”. Verifica-se pertinente a criação desta secção pelo facto de Joaquim Veríssimo Serrão ter colaborado em diversos jornais, quer em Santarém, quer em Lisboa, ou noutros cuja participação não é por nós conhecida. Esta secção é bastante ilustrativa deste aspeto que tem que ver com a colaboração de Joaquim Veríssimo Serrão em vários periódicos, não só na qualidade de historiador, mas sim também na qualidade de cidadão que lutava pelas suas causas. Exemplo disso são as dezenas de artigos que escreveu a defender o nome de Marcello Caetano, ou então quando interveio civicamente escrevendo em Jornais a propósito de questões de património histórico, como chegou a fazer em Santarém. Sabemos que colaborou em múltiplos jornais, ainda assim o inventário dá-nos a indicação da sua colaboração no Jornal *O Dia* e no *Correio do Ribatejo*.

Seguimos, por conseguinte, para a terceira secção que, por não queremos distinguir uma documentação da outra por grau de importância, dizemos apenas que se trata de uma secção que representa documentação de uma actividade que era muito cara a Joaquim Veríssimo Serrão, que era a de ser docente universitário, profissão que amava e à qual se dedicou profundamente. Essa secção identificamo-la como “**Docente**”. Esta secção é essencial na organização do arquivo porque, de facto, ser docente universitário era, teoricamente, a profissão de Joaquim Veríssimo Serrão. Foi o facto de ser professor universitário que depois o conduziu a outras atividades ou funções. No entanto, esta secção divide-se em três subsecções: a primeira “**Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa**”, a segunda “**Universidade Livre**”, a terceira “**Universidade Lusíada**”. A primeira subsecção diz respeito à documentação produzida num contexto universitário, neste caso relacionada com o tempo em que foi docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Importa, todavia, referir que esta subsecção está também dividida em três períodos cronológicos distintos. O primeiro período diz respeito ao

³⁷¹ No que respeita ao caso do Frei Henrique Pinto Rema, explorando o seu arquivo pessoal à guarda do Arquivo da Província Portuguesa da Ordem dos Franciscanos, também nos deparamos com várias epístolas remetidas por Joaquim Veríssimo Serrão ao frade franciscano, assim como cópias de cartas enviadas por Frei Pinto Rema a Joaquim Veríssimo Serrão.

ingresso de Joaquim Veríssimo Serrão como docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que decorre entre 1961 e 1967, sendo interrompido pela ida do professor para Paris. O segundo momento diz respeito ao regresso a Portugal e consequente regresso à Faculdade de Letras, como Professor Catedrático, que tem uma delimitação cronológica que vai de 1972 a 1974, interrompido pela revolução abrilina. Por fim, o terceiro e último período diz respeito ao regresso de Veríssimo Serrão à Faculdade de Letras, que vai de 1985 a 1995, terminando com a sua jubilação. Serve esta subsecção para abarcar a documentação que diz respeito à docência do seu produtor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde terá lugar, por exemplo, documentação relativa aos vários concursos de carreira universitária, orientações de alunos e consequentes orientações de dissertações de mestrado e teses de doutoramento, que vêm referidas no inventário. As restantes subsecções dizem respeito ao tempo em que foi docente, quer na Universidade Livre, quer na Universidade Lusíada,

A quarta secção, por seu turno vem identificada como **“Estudante”**, seguindo-se três subsecções, que correspondem a momentos distintos da sua formação, com uma sucessão cronológica. A primeira subsecção vem identificada como “Liceu de Santarém/Liceu Sá da Bandeira”, servindo para englobar todas as fontes de informação que dizem respeito ao tempo em que foi estudante em Santarém, quando da sua formação primária e liceal. Por conseguinte, a segunda subsecção identificámo-la como **“Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra”**. Esta subsecção e a seguinte mostram-se também essenciais porque, de facto, o percurso universitário, quer de Licenciatura, quer de Doutoramento, engloba um contexto próprio e único na vida do produtor do arquivo. Aquela subsecção identificámo-la como **“Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra”**, porque primeiramente Joaquim Veríssimo Serrão ingressou no curso de Direito da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, e por essa razão esta subsecção diz respeito a todas as fontes de informação que digam respeito a esse período que, embora breve, foi marcante na vida do seu produtor. A terceira subsecção identificámo-la, por conseguinte, como **“Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra”**. Esta subsecção, por seu turno, engloba dois períodos cronológicos distintos, o da Licenciatura em Ciências Histórico-filosóficas e o período de Doutoramento na mesma Faculdade. Existe um período cronológico que separa estes dois acontecimentos em que Veríssimo Serrão esteve fora do país, que diz respeito a outra secção. Importa referir ainda que, esta subsecção engloba somente fontes de informação de carácter

académico, deixando de fora qualquer tipo de documentação decorrente do processo de investigação, que será integrada noutra secção. De destacar é a existência de uma série denominada “Correspondência”, a sua existência justifica-se pela sua identificação no inventário.

No que respeita, neste seguimento, à quinta secção, esta é talvez aquela que engloba, pelo seu carácter abrangente, maior quantidade de documentação. Diz respeito à documentação produzida por Joaquim Veríssimo Serrão enquanto historiador, um ofício que pratica, de facto, durante toda a sua vida. Seguindo a lógica da denominação das secções, esta coube-lhe o nome de “**Historiador**”. Esta secção diz respeito a toda a documentação, seja ela de que tipo for, que é consequência da função de investigador desenvolvida por Joaquim Veríssimo Serrão. Ou seja, tudo o que fez e produziu que se relacione com essa sua faceta de investigador da história. E por ser uma secção tão vasta, é necessária a sua divisão em várias subsecções. Identificámos algumas secções, o que não quer dizer que com o consequente desenrolar do tratamento arquivístico da documentação não seja necessário acrescentar ou rever alguma, consoante as fontes de informação que surgirem. A primeira subsecção por nós identificada é “**Conferências**”, uma vez que são por demais sabidos os dotes de grande conferencista e palestrante do professor Joaquim Veríssimo Serrão. Portanto, nesta subsecção, caberá documentação de todo o tipo que tenha que ver com conferências, palestras e discursos feitos pelo produtor do arquivo, eventualmente os textos que preparou para essas ocasiões, que não-de ser muito significativos dentro da documentação. Esta subsecção é bastante evidente no inventário, uma vez que existem algumas caixas de documentos com esse tipo de documentação e cuja identificação para eles remete. Como é o caso, por exemplo de “Minhas Conferências, Palestras e Orações – 1978 a 1998” ou “Conferências Valladolid e Cordoba (Cabra) – 1995”, o que comprova a pertinência da existência desta subsecção. De seguida, existe uma outra que denominámos “**Congressos**”. Mais uma vez, o estudo biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão indica a sua participação, e até organização, numa miríade de congressos, jornadas e encontros académicos, quer em Portugal, quer no estrangeiro. O inventário de documentação também nos comprova a existência efetiva de documentação que se insere nesta subsecção, com algumas caixas identificadas como tal. É o caso de “Congresso Hispano – Português – Salamanca – outubro de 1992”, ou “V Congresso Academias – Santiago do Chile – 1996”, ou “Congresso sobre Vasco da Gama – Paris”, ou até mesmo “Jornadas de História – Lourinhã – 1993”. Estas duas subsecções,

pela lógica, deveriam juntar-se numa só, pela razão de estarem intrinsecamente ligadas. No entanto, a separação deve-se ao respeito da divisão apontada no inventário. A terceira secção é intitulada como **“Originais [Éditos e Inéditos]”**, que diz respeito a todo o tipo originais de trabalhos, obras ou artigos, quer sejam éditos ou inéditos. São também encontradas no inventário evidências a originais de trabalhos publicados e por publicar. Surge então, depois, uma subsecção que denominámos **“Investigação”**. Neste grupo cabem todas as fontes de informação que tenham que ver com processos de investigação, ou seja, tudo o que seja parte integrante do processo de investigação, nas suas várias fases. O resultado desse processo de investigação tem lugar, como aliás mencionado, noutras subsecções. Por se tratar de uma subsecção bastante abrangente também, e tendo em conta também o inventário, identificámos aqui algumas séries que sabemos existirem, pela importância que tiveram para Joaquim Veríssimo Serrão, como é o caso de “Fichas de Leitura”, que o produtor dizia serem às dezenas de milhar, “Apontamentos”, “Cópias de Documentos”, ou seja, fotocópias de documentação, e “Documentos Originais”, estes últimos eventualmente adquiridos pelo produtor do arquivo, que sabemos existirem, pela menção que lhes faz o inventário. Existe ainda uma série que diz respeito às agendas pessoais de Marcello Caetano, identificadas como “Agendas de Marcello Caetano”, legadas a Joaquim Veríssimo Serrão, não como herança, mas como objeto de estudo. O inventário faz-lhes menção, daí a sua presença nesta estrutura. Se estivéssemos diante de um sistema de informação, estas agendas identificar-se-iam num subsistema de informação. É, com efeito, uma subsecção à qual poderão ser acrescentadas mais séries, consoante as fontes de informação que possam existir e que não conhecemos.

Seguindo, portanto, para a sexta secção, identificámo-la como **“Leitor em Toulouse”**. Esta secção diz então respeito ao período cronológico de dez anos em que Joaquim Veríssimo Serrão foi Leitor em Toulouse. Através do estudo biográfico do produtor reconhece-se que esta foi uma fase complexa, longa e muito marcante na vida do historiador. Embora não saibamos as tipologias documentais que compõem este conjunto de documentos, sabemos que o próprio inventário já atrás citado evidencia significativamente a presença de documentação relativa a este período – um total de sete caixas, com a denominação de “Leitorado em Toulouse”. Para além disso, é evidenciada a presença de correspondência relacionada com o leitorado, por isso existe uma série identificada como “correspondência”. Ainda assim, no momento em que se conheçam os documentos, esta série só se mantém nesta secção se, de facto, se tratar de

correspondência relativa ao leitorado, ou seja, institucional, se se tratar de correspondência pessoal trocada nesse tempo, terá lugar na secção criada para esse efeito.

A sétima secção denominámo-la como “**Mandatário da Candidatura de Aníbal Cavaco Silva à Presidência da República**”. Nesta cabe a documentação produzida no contexto em que Joaquim Veríssimo Serrão foi mandatário, por Santarém, à candidatura de Aníbal Cavaco Silva ao mais alto cargo da Nação Portuguesa. A documentação relativa a esta secção está vincada no inventário, com uma caixa, identificada como “Cavaco Silva Presidente da República”.

A oitava secção, que denominámos “**Membro de Academias e Agremiações**”, diz respeito à produção de documentos no contexto de membro das várias academias e instituições, quer em Portugal, quer no estrangeiro. Por exemplo, um caso mais peculiar prende-se com o facto de Joaquim Veríssimo Serrão ser académico da Academia Portuguesa da História muito antes de se tornar seu Presidente. Portanto, toda a documentação que diga respeito ou se relacione com esta academia entre 1960, data em que foi admitido, e a data em que deixou de ser académico, ou seja, quando morreu. Portanto, nesta secção cabe toda a documentação que diz respeito a Joaquim Veríssimo Serrão como académico, e não como Presidente. Também aqui cabe a documentação relacionada com as outras academias de outros países de que era académico.

A nona secção diz respeito a “**Prémios e Condecorações**”. Pelo reconhecimento nacional e internacional enquanto homem da cultura e historiador, várias vezes foi Joaquim Veríssimo Serrão agraciado e premiado pelos seus dotes intelectuais, literários, e de seriedade científica. Porém, integrando todos os prémios e condecorações que lhe foram atribuídos, cabem também os de mérito cívico. Serve, portanto, esta secção para albergar todos os documentos correspondentes a esses prémios e condecorações, como é também o caso de Doutoramentos *Honoris Causa* com que foi agraciado.

No que respeita à décima secção, esta identifica uma das características mais marcantes de Joaquim Veríssimo Serrão, que foi a de ser Presidente da Academia Portuguesa da História, função que desempenhou proactivamente durante trinta e um anos, compreendendo esta secção um período cronológico que decorre entre 1975 e 2006. Esta secção, respeitando a regra que temos vindo a utilizar, denominámo-la “**Presidente da Academia Portuguesa da História**”. Todavia, apesar de este ser o cargo que talvez desempenhou por mais tempo, a presença de documentação relativa a ele não é muito

expressiva no inventário, sendo cerca de duas caixas. Certo é que poderá existir mais documentação, mas essa pouca expressão documental poderá ser justificada pela existência de bastante documentação relativa a Joaquim Veríssimo Serrão como Presidente da Academia, integrada no seu processo de académico, correspondendo na sua maioria, segundo informações da instituição, a documentação de cariz institucional, integrando, com efeito, o arquivo da Academia Portuguesa da História³⁷².

A seguinte secção, a décima primeira, diz respeito a uma outra faceta do produtor do arquivo, talvez menos conhecida que as anteriores, mas não menos importante, que foi a de ser Presidente da Comissão Instaladora do Politécnico de Santarém. Por isso mesmo, identificámo-la como **“Presidente da Comissão Instaladora do Politécnico de Santarém”**. É uma secção não muito extensa, que agrega documentação relativa a este cargo num período cronológico compreendido entre 1980 e 1984. Não nos é possível saber que grupos de documentos integram esta secção. Apenas sabemos, porque o inventário evidencia que existe documentação relativa à sua exoneração do cargo.

A décima segunda secção, por seu turno, diz respeito ao período em que Joaquim Veríssimo Serrão assumiu a presidência do Centro Cultural de Paris da Fundação Calouste Gulbenkian, durante cinco anos, cuja secção nomeámos **“Presidente do Centro Cultural de Paris”**. A existência desta secção tem toda a pertinência porque o tempo em que Joaquim Veríssimo Serrão desempenhou esta função é também ele um período muito peculiar, dentro de um contexto próprio, a que o produtor da documentação se dedicou com afincos e pertinácia. Foi também uma das funções que fizeram parte do percurso de vida de Joaquim Veríssimo Serrão que mais o marcaram, quer pelo prestígio da própria instituição, quer pelo trabalho que pôde desenvolver em prol da história e da cultura portuguesas. No entanto, é necessário acentuar e ressaltar que o inventário de natureza patrimonial faz menção a algumas caixas relativas a correspondência neste período específico, identificadas pelo próprio como correspondência em Paris, de vários períodos cronológicos. O quadro de classificação faz, porém, menção a esta eventual série de documentação que é “correspondência”, inserida dentro desta secção. A sua inserção faz-se, por agora, nesta secção. No entanto, como não sabemos de que tipo de

³⁷² Fica a nota de que também não nos foi possível aceder ao Processo de Académico do Professor Joaquim Veríssimo Serrão, pelo que só nos foi dado acesso à sua ficha de académico. Essa inacessibilidade do Processo prende-se com o facto de a morte do Professor Joaquim Veríssimo Serrão ser bastante recente. Ainda assim, forneceram-nos a informação de que era um processo extenso, com muita documentação de cariz formal e institucional, inerente ao cargo de Presidente da Academia Portuguesa da História.

correspondência se trata – se for correspondência institucional, que lhe fora dirigida na qualidade de Presidente, relacionada com o Centro Cultural Português, pois faz todo o sentido que se mantenha integrada nesta secção, mas tratando-se de correspondência de carácter pessoal, cuja relação com o Centro Cultural de Paris seja meramente simbólica, pois essa correspondência terá lugar noutra secção já atrás explicada. O peso desta função faz-se assinalar, principalmente, através do estudo biográfico, mas também o comprova o inventário que, para além da dita correspondência, faz menção a outras caixas de documentação relativas a este cargo específico, que ele denomina como “Centro Cultural Português - Paris”, também elas datadas cronologicamente.

Seguimos então para a próxima secção, a décima terceira, que denominámos “**Reitor da Universidade de Lisboa**”. A esta secção diz respeito a atividade relacionada com a Reitoria da Universidade de Lisboa enquanto o produtor do arquivo desempenhou as funções de Reitor. É este um tempo, por um lado bastante marcante, por outro conturbado na vida do produtor do arquivo. Esta secção abarca a documentação de um período relativamente curto, compreendido entre os anos de 1973 e 1974. Recorrendo ao inventário, encontramos duas caixas de documentação relativa a esta secção, pelo que uma delas vem identificada cronologicamente até agosto de 1974. Certo é que essa data leva-nos a deduzir que, uma vez que Veríssimo Serrão foi Reitor até 25 de Abril de 1974, existirá também documentação que diga respeito ao processo de saneamento de que o produtor do arquivo foi alvo.

Chegando então à última secção, esta identificada como “**Vida Familiar**”, serve para agregar alguma documentação do foro da vida privada do produtor do arquivo. São, na sua maioria, fontes de informação que são produzidas em contexto familiar, as quais, salvaguardando a confidencialidade e respeito pela vida privada do produtor, não nos é permitido fazer-lhe menção. Todavia, apesar da designação da secção, não constituem documentos em que possamos inferir a existência de um arquivo familiar.

O quadro de classificação que apresentamos nesta investigação nada mais é do que uma proposta. Proposta essa que se revela incompleta, que precisa de ser completada e confirmada através do confronto dos documentos do arquivo pessoal. Embora este quadro pretenda representar a macroestrutura de classificação do arquivo pessoal Joaquim Veríssimo Serrão, mais não poderíamos fazer pela simples questão de não nos ser possível explorar, documento a documento, o próprio arquivo. Por esta razão, a estrutura apresentada, embora criada através do estudo biográfico, o que era o nosso objetivo,

poderá ser sempre alvo de acrescentos ou correções à medida que se conheçam as fontes de informação.

Conclusão

A investigação por ora apresentada tinha como grande objetivo estudar, através de uma abordagem sistémica, a organização do Arquivo Pessoal Joaquim Veríssimo Serrão e propor, para a representação eficaz da informação, um quadro de classificação. Por conseguinte, o primeiro objetivo específico prendia-se com elaborar uma revisão da literatura sobre o conceito de arquivo pessoal, mas também sobre eventuais especificidades em arquivos pessoais de historiadores; como segundo objetivo específico tínhamos o intuito de elaborar um estudo biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão; como terceiro objetivo específico cabia-nos, pois, explorar o inventário do arquivo, procurando ali identificar os documentos que integram o arquivo pessoal Joaquim veríssimo Serrão; por último, era nosso objetivo específico elaborar um quadro de classificação com base no estudo biográfico.

Ora, no que respeita à revisão de literatura, que corresponde ao primeiro capítulo, dela conseguimos retirar o panorama geral teórico do que se tem vindo a dizer, epistemologicamente falando, sobre arquivos pessoais. Dentro das várias teorias da arquivística que sobre este tema se debruçam, quer sejam *escolas* nacionais ou estrangeiras, há, no entanto, um aspeto que se revela transversal a todas – a relação do produtor do arquivo com o meio social que o envolveu. O adjetivo «pessoal» assume, pois, neste conceção, uma condicionante única – os documentos têm de ser, com efeito, pessoais. Têm de dizer respeito a uma pessoa, mesmo que seja apenas pelo facto de terem sido produzidos pelo mesmo indivíduo. No que respeita às definições de arquivo pessoal, há teorias que apontam para a relação que deve existir entre os documentos, ou seja, que os documentos devem estar, por inerência, ligados entre si; outras destacam o importante vínculo que deve existir entre os documentos e o seu produtor, para a existência de um arquivo pessoal; outras teorias ou definições apontam ainda a salutar organicidade que deve existir no próprio arquivo, referindo-se a um arquivo pessoal como uma estrutura orgânica, o que não deixa de estar ligada a outras teorias, porque para existir organicidade, os documentos têm de estar ligados entre si e, para isso, tem de existir o tal vínculo entre o documento e o produtor. Existem, no entanto, alguns problemas relacionados com os arquivos pessoais. Primeiro que tudo vale apontar a comum confusão que se faz entre arquivos pessoais e arquivos de família – a distinção entre estes dois conceitos é fundamental – quantas vezes são identificados arquivos pessoais que, na verdade, são de família? É esta uma questão muito pertinente. Depois existe o problema dos conceitos.

Existem muitos termos, ou conceitos, que se tendem a confundir com arquivos pessoais. Destaque merece a confusão permanente na tradição portuguesa de confundir arquivos pessoais com espólios. Urge definir bem esta questão, e retirar do vocabulário dos profissionais e cientistas da informação o termo ‘espólio’ - a investigação em arquivos pessoais tem apontado bem para este problema. Ora, no fundo, a revisão de literatura permite-nos fazer a ponte ente a teoria e depois o caso concreto do nosso estudo. Sobressai, pois, que as fontes de informação são resultado da vida e obra de um determinado indivíduo e das várias funções sociais que desempenhou ao longo da vida. As fontes de informação são reflexo, com efeito, das interações que o indivíduo manteve com o meio social que o envolveu. O que bem faz lembrar o provérbio árabe em boa hora lembrado por um dos autores analisados – “o homem é mais filho do seu tempo do que dos próprios pais”, e é esta a máxima que deve ser sempre tida em conta na teorização de arquivos pessoais.

Cabe também frisar, que a segunda parte da revisão da literatura que se foca em arquivos pessoais de historiadores foi para nós bastante reveladora. Uma vez que o nosso objeto de estudo é um arquivo pessoal de um historiador, foi essencial, no entanto, procurar certas especificidades que revelam a influência que essa ‘categoria’ tem na criação dos arquivos, ou seja, a influência que o ser historiador tem na produção de arquivos pessoais. Primeiro que tudo, devemos destacar que averiguámos, dentro do cenário nacional de arquivos pessoais, que uma parte muito significativa dos seus produtores foram historiadores, podendo não o ter sido no que respeita à definição tradicional de historiador, mas foram investigadores na área da história e suas ramificações. Também fizemos a reflexão de que existirão muitos mais arquivos pessoais, nomeadamente de historiadores, encerrados em instituições privadas, e cuja existência nos é desconhecida. Depois, importa ressaltar, que o historiador tem uma sensibilidade mais apurada no que respeita ao passado que já foi presente, ao presente que será passado, e ao futuro que será presente e, conseqüentemente, passado. Ou seja, determinado indivíduo que estuda a história é sensível à necessidade da preservação de fontes de informação que um dia servirão para estudar o seu atual presente, bem como à preservação a memória. Depois, tendo em conta também o caso particular do produtor do arquivo que estudamos, há pela parte de muitos homens e historiadores - especialmente quando viveram tão intensamente como foi o caso de Joaquim Veríssimo Serrão - uma consciência de que o papel que desempenharam num determinado tempo teve o seu grau

de importância, e que a preservação de registos documentais desse tempo e dessas funções é, ou seria, importante para um dia traçar o perfil histórico dessas situações. No entanto, não era nossa intenção estudar este tema em profundidade, apenas o quisemos introduzir, revelando a sua pertinência para o estudo dos arquivos pessoais. Por outras palavras, este subcapítulo pretende sensibilizar a comunidade científica para a influência que a profissão, ou funções podem ter na informação por si acumulada – aspeto este que não deixa de estar ligado à questão da interação do indivíduo com o meio social.

Neste seguimento, de maneira a responder ao segundo objetivo específico por nós proposto, partimos para a elaboração do estudo biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão. Antes disso, no entanto, tivemos de dedicar algum espaço deste trabalho à contextualização deste estudo biográfico, o que fizemos através dos métodos utilizados para o concretizar. Foi então nesse seguimento que teorizámos o método de investigação documental, importante por questões de heurística e de hermenêutica, mas também importante por estar intrinsecamente ligado ao outro método utilizado – o método biográfico. Por conseguinte, a teorização do método biográfico adverte-nos para algumas condicionantes que podem surgir, e que surgiram, na elaboração do estudo biográfico. Dentro da complexa abordagem que é possível fazer deste método, destacam-se alguns aspetos preponderantes. É o caso do grau de subjetividade que lhe está inerente, por se tratar, com efeito, do estudo de um indivíduo. Como tal, ao indivíduo estão ligadas muitas questões que dizem respeito, por exemplo, às motivações que o levam a determinadas ações, ou a sua psique. Aspetos estes que, para o investigador, se revelam muito subjetivos, mas ao mesmo tempo atrativos e desafiantes. Pois, a certa altura o investigador desenvolve uma ‘relação’ com o sujeito que estuda, a vida de um começa a ter efeito na vida do outro, e este é outro aspeto pelo qual o método é considerado tão subjetivo. Para além disto, o método biográfico consciencializa-nos, à semelhança da revisão da literatura, para a influência que o contexto social tem na vida do biografado, não se pode perceber um sem o outro. Compreendendo estas questões, elaboramos mais solidamente o estudo biográfico.

Não existe, ainda, uma biografia de fundo dedicada a Joaquim Veríssimo Serrão, nem tão pouco outros estudos biográficos que definam a sua vida em plenitude. Certo é, também, que as fontes de informação encerradas no seu arquivo não estão ainda acessíveis, facto motivado pelo recente desaparecimento físico de Joaquim Veríssimo Serrão. Será principalmente através dessas fontes de informação que um dia se poderá

elaborar um estudo biográfico mais completo e consistente sobre Joaquim Veríssimo Serrão. O que existe são, para além de registos autobiográficos publicados, outros registos biográficos, leves, formulados muitas das vezes em jeito de homenagens a Joaquim Veríssimo Serrão, que se limitam a traçar os pontos gerais da sua vida, sobejamente conhecidos por todos nós - o que não tornou a tarefa fácil. Estudos esses que não deixam de ser importantes, pois significam um começo de um campo ainda por desbravar que é a vida deste vulto da cultura portuguesa. Joaquim Veríssimo Serrão foi, de facto, um homem de muitos predicados. Desde muito cedo que se dedica à história e à cultura portuguesa. A sua vida caracteriza-se por ter sido dinâmica e complexa, pois o historiador escalabitano vai desempenhar cargos de grande importância da vida da sociedade portuguesa. Para além de docente universitário e historiador, foi Reitor da Universidade Lisboa num período muito conturbado da vida política nacional. É no desempenho dessas funções que estabelece uma relação de amizade com Marcello Caetano, mestre que tem um significado preponderante na sua vida – despertando em Joaquim Veríssimo Serrão, quiçá, uma vocação política que, a existir, nunca se chega a concretizar. A Academia Portuguesa da História vai ser uma das suas grandes paixões, instituição à qual, *pro bono*, dedica 31 anos da sua vida. A Academia proporcionou-lhe também percorrer o mundo, principalmente estreitando relações culturais entre Portugal e a América Latina, mas também com outros países europeus, nomeadamente a Espanha. O banho de cultura francesa que levou, principalmente, enquanto leitor, mas também como Presidente do Centro de Cultura Portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian, deixara-lhe profundas marcas no espírito, moldando não só o seu carácter, mas também a sua abordagem historiográfica, isto é, o seu modo de *fazer história*.

Santarém, sua terra natal, teve sempre um papel central na vida do historiador que nunca esqueceu as suas raízes. Joaquim Veríssimo Serrão deixa para as gerações vindouras um legado enorme, quer pelo exemplo modelar enquanto homem, quer pela obra que deixou eternizada, e que faz dela uma marca da historiografia portuguesa.

Com o intuito de respondermos à questão de partida, formulámos então uma proposta de quadro de classificação, maioritariamente definido ao nível da sua macroestrutura (classes de 1.º e 2.º nível). Relembre-se então a pergunta de partida: *a partir do percurso de vida de Joaquim Veríssimo Serrão, como poderá ser organizado e representado o seu arquivo pessoal?* Ora, o estudo biográfico de Joaquim Veríssimo Serrão permite-nos reconstruir a sua vida multifacetada em diferentes etapas e de maneira

bastante clara. A clareza com que se consegue reconstituir a sua vida é perceptível pelas várias funções, cargos e atividades que desempenhou. Vejamos: foi estudante em Santarém e em Coimbra; Leitor em Toulouse; Presidente do Centro Cultural Português, em Paris, da Fundação Calouste Gulbenkian; foi docente universitário; foi historiador; foi Reitor da Universidade de Lisboa; Presidente da Academia Portuguesa da História; Presidente da Comissão Instaladora do Politécnico de Santarém; foi um homem com uma forte intervenção cívica e cultural; e, para além do mais, foi um homem de família. São estas as grandes facetas, se assim lhe quisermos chamar, em que se divide a vida de Joaquim Veríssimo Serrão. Por conseguinte, para a elaboração do quadro de classificação, estas facetas são transformadas em secções arquivísticas, e algumas delas subdivididas quando assim as informações que temos o impõem. Portanto, através do percurso de vida de Joaquim Veríssimo Serrão conseguimos definir a macroestrutura do seu arquivo, que permite definir a organização e representação da informação que o integra. Ou seja, é através desta macroestrutura - que se reflete no quadro de classificação - que é possível organizar e representar as fontes de informação, agrupando-as, neste caso, por cada uma das facetas, que correspondem às respetivas secções arquivísticas. A informação que diz respeito à investigação histórica tem lugar na secção de “Historiador”, a documentação que diz respeito à Reitoria da Universidade de Lisboa tem lugar na secção “Reitor da Universidade de Lisboa”, e assim sucessivamente. Há, no entanto, somente uma secção que foge um pouco a esta lógica - ainda assim, em nosso ver, é mais do que justificável a sua existência. É o caso da secção correspondente à correspondência pessoal, o que não deixa também de ser uma ‘faceta’ de Joaquim Veríssimo Serrão, uma vez que na sua vida foi sempre um grande cultor do trato epistolar. Todavia, esta secção reflete a ordem original do arquivo, isto é, a ordem com que a documentação chega ao Centro de Documentação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão. Como é observável neste estudo, a produção de fontes de informação tem sempre um contexto próprio, pelo que estas secções são reflexo de cada contexto em que foi produzida a documentação que nelas terá lugar. Portanto, a utilização do método biográfico, que se traduz no estudo biográfico, necessário para a organização e representação da informação é, tendo em conta o caso concreto do arquivo pessoal de Joaquim Veríssimo Serrão, a maneira mais eficiente, eficaz e, arriscamos dizer, mais correta para a organização de arquivos pessoais.

Depois de respondida a pergunta de partida inicialmente formulada para guiar toda a linha da investigação, urge, pois, identificar as investigações a que este estudo poderá

dar impulso. Primeiro que tudo, deve dizer-se que esta dissertação poderá ser a base da futura organização e tratamento arquivístico do Arquivo Pessoal Joaquim Veríssimo Serrão. Apelamos, pois, ao Centro de Investigação que tenha em conta este nosso pequeno contributo para quando chegar a altura de o fazer. Neste seguimento, em nosso ver, será também importante aprofundar a temática dos arquivos pessoais de historiadores. Através de uma investigação mais profunda, poderá ser relevante procurar, de facto, identificar especificidades que este tipo de arquivos possa ter, e que faça com que se destaque dos outros, e assuma no panorama dos arquivos pessoais um papel de destaque ou que se aproxime do destaque alcançado pelos arquivos literários. Partindo do caso de três ou quatro arquivos pessoais de historiadores, e procurando em todos eles especificidades e características comuns, motivadas pelo facto de serem historiadores, comparando-os entre si, daria um estudo revelador para esta temática. O estudo biográfico por nós formulado é ainda incipiente, tendo sido elaborado apenas com o objetivo de conhecer, em traços gerais, a vida de Joaquim Veríssimo Serrão para podermos elaborar o esquema de organização e representação do seu arquivo pessoal. No entanto, não deixa também de ser um pequeno impulso para se estudar, um dia, profundamente, e através das fontes de informação do seu arquivo, a vida complexa deste mestre escalabitano.

Referências Bibliográficas

- ABRANTES, Pedro – De como escrevemos a vida e a vida se inscreve em nós: um estudo da socialização através da análise de autobiografias. *Educação & Sociedade*. Vol. 35, n.o 126 (2014), p. 111–127.
- ANTUNES, José Freire (Pref.) – *Cartas Particulares a Marcello Caetano*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985. vol. 1.
- ARQUIVO NACIONAL (BRAZIL) (ed.) – *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Casa Civil, Presidência da República, Arquivo Nacional, 2005.
- AVELAR, Alexandre de Sá – *A biografia como escrita da História: possibilidades, limites, tensões*. *Dimensões*. N.º 24 (2010).
- BARATA, Maria do Rosário Themudo; FARINHA, António Dias; MENDONÇA, Manuela; GARCEZ, Margarida – Introdução Biográfica. Em *Amar, Sentir e Viver a História: Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*. Lisboa: Edições Colibri, 1995. Vol. I, p. XVI-XIX.
- BELLOTO, Heloísa Liberalli – *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1991.
- BNP - *Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea - Espólios* [acedido 3 novembro 2022] em <URL <https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolios.html>>.
- BOWEN, Glenn – Document Analysis as a Qualitative Research Method. *Qualitative Research Journal*. Vol. 9 (2009), p. 27–40.
- BRAVO, Tomás Pinto – Joaquim Veríssimo Serrão (1925–2020): Evocação de Uma Vida e de Uma Obra. *Brotéria*. Vol. 191–4 (2020), p. 288-295.
- CAETANO, Marcello – *Pela Universidade de Lisboa (1959-1962). Estudos e Orações*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1974.
- CARREÑO ALVARADO, Gloria Celia – *Los archivos privados como fuente de información para la historia*. México: Universidad Nacional Autónoma de México Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación, 2021.
- CARVALHO, Sofia Alexandre Costa de – *O Arquivo Pessoal como construção auto/biográfica: a (re)construção da narrativa de vida do Arquivo pessoal Godofredo Ferreira*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2018.
- Comemorações do 80 Centenário da Fundação de Portugal [acedido 15 fevereiro 2023] em <URL <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/comemoracoes-do-80-centenario-da-fundacao-de-portugal/>>.
- CONDE, Idalina – Problemas e virtudes na defesa da biografia (1993).

- COUTINHO, Clara Pereira – *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. 2a ed. Coimbra: Edições Almedina, 2020.
- CUNHA, Murilo Bastos da – *Para saber mais : fontes de informação em ciência e tecnologia*. Brasília: Briquet de Lemos/ Livros, 2001.
- DAMÁSIO, Manuel de Almeida – *Contributos para a história do ensino superior em Portugal: o caso “Universidade Livre” e a evolução do ensino superior privado após o 25 de Abril*. 2007. doctoralThesis.
- Decreto-Lei n.º 38680, de 17 de março | DRE. Diário da República Eletrónico [acedido 9 fevereiro 2023] em <URL <https://dre.pt/>>.
- DIABO, Jornal O. – Será sempre lembrado pelos portugueses. Em Jornal *O DIABO*. 2020 [acedido 24 janeiro 2023] em <URL <https://jornaldiabo.com/destaque/sera-sempre-lebrado-pelos-portugueses/>>.
- DÍAZ RODRÍGUEZ, María del Rosario – Entre bibliotecas y archivos: Los transgresores archivos personales. *Bibliotecas. Anales de investigación*. Vol. 4, n.º 0 (2021).
- Dicionário de Historiadores Portugueses: da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo* [acedido 9 fevereiro 2023] em <URL https://dichp.bnportugal.gov.pt/historiadores/historiadores_verissimo_serrao.htm>.
- Discursos de Tomada de Posse de Joaquim Veríssimo Serrão [acedido 10 fevereiro 2023] em <URL <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/tomada-de-posse-de-joaquim-verissimo-serrao/>>.
- Entrevista a Joaquim Veríssimo Serrão – Parte I [acedido 15 fevereiro 2023] em <URL <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-joaquim-verissimo-serrao-parte-i/>>.
- Entrevista a Joaquim Veríssimo Serrão a propósito da Academia Portuguesa da História, realizada por Raquel Santos. [acedido 9 fevereiro 2023] em <URL <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/academia-portuguesa-de-historia/>>.
- EVANS, Mary – Auto/biography as a Research Method. Em *Research Methods for English Studies*. Edimburgh: Edimburgh University Press, 2005, p. 31–46.
- Excerto do discurso do historiador Joaquim Veríssimo Serrão, durante a cerimónia de Doutoramento Honoris Causa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [acedido 10 fevereiro 2023] em <URL <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/discurso-de-joaquim-verissimo-serrao/>>.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça – *Dicionário do Livro: Da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Almedina, 2008.
- FERRÃO, Nuno Sotto Mayor – O percurso vivencial e a obra historiográfica de Joaquim Veríssimo Serrão. *Mátria XXI*. N.º Número Especial Evocativo em Memória do

- Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Herança Cultural e Património Científico (2021), p. 142–165.
- FERRAROTTI, Franco – *Sobre a autonomia do método biográfico* (Dossier «Biografia e Património»), (1991).
- HOBBS, Catherine – The Character of Personal Archives: Reflections on the Value of Records of Individuals. *Archivaria*. (2001), p. 126–135.
- HOWELL, Martha C.; PREVENIER, Walter – *From reliable sources: an introduction to historical methods*. Ithaca, N.Y: Cornell University Press, 2001.
- LECHNER, Elsa; ABRANTES, Pedro – La investigación (auto)biográfica en Portugal: un mapeo y dos estudios. Em *Revista Mexicana de Investigación Educativa*. Consejo Mexicano de Investigación Educativa, 2014. Vol. 19, pp. 859–883 [acedido 28 dezembro 2021] em <URL <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/33258>>.
- MACEDO, Jorge Borges de – Joaquim Veríssimo Serrão. Em *Joaquim Veríssimo Serrão. Uma Presença, Uma Obra, Um Historiador*. Lisboa: Edições Colibri, 1995, p. 7-16.
- MASTROPIERRO, Maria del Carmen – *Los Archivos Privados: Análisis y Gestión*. Buenos Aires: Alfagrama Ediciones, 2006.
- MEDEIROS, Emerson Augusto de; AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira – O método (auto) biográfico e de histórias de vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da pesquisa em educação. *Revista Tempos e Espaços em Educação*. Vol. 11, n.o 27 (2018), p. 149–166.
- MELLO, Gonçalo Sampaio e – *Guilherme Braga da Cruz: Introdução ao estudo da sua biografia*. Lisboa: AAFDL Editora, 2018.
- MELLO, Gonçalo Sampaio e – Introdução à Teoria da Nobreza. Em *Vultos & Perfis*. Silveira: Bookbuilders, 2019, p. 15-23.
- MELLO, Gonçalo Sampaio e – VI. A Revolução (1974-1977). Em *A Faculdade de Direito de Lisboa no seu Centenário*. Volume I - A Instituição. Lisboa: Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 2013. Vol. I.
- MELLO, Gonçalo Sampaio e – *Vultos & Perfis*. Silveira: Bookbuilders, 2019.
- MENDES, Ludgero – Parabéns Professor Joaquim Veríssimo Serrão!. *Correio do Ribatejo*. 2020 [acedido 9 fevereiro 2023] em <URL <https://correiodoribatejo.pt/parabens-professor-joaquim-verissimo-serrao/>>.
- MENDES, Ludgero – Prof. Veríssimo Serrão – O Príncipe dos Afectos!. *Correio do Ribatejo*. 2020 [acedido 14 fevereiro 2023] em <URL <https://correiodoribatejo.pt/prof-verissimo-serrao-o-principe-dos-afectos/>>.

- MENDONÇA, Manuela – D. Joaquim Veríssimo Serrão. *IACOBVS - Revista de Estudios Jacobeos y Medievales*. n.o 23–24 (2008).
- MENEZES, Ulpiano Bezerra de – Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público. *Estudos Históricas*. Vol. 11, n.o 21 (1998), p. 89-103.
- MIRANDA, Zeny Duarte de – *Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho: estudo arquivístico e catálogo informatizado* (2000).
- MORÁN MARTÍN, Remedios – España y Portugal. Vivencias históricas. Crónica y ecos de Joaquim Veríssimo Serrão en Asturias. *Mátria XXI*. n.o Número Especial Evocativo em Memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão. Herança Cultural e Património Científico. (2021), p. 44–67.
- MOREIRA, Teresa Lopes – A colaboração de Joaquim Veríssimo Serrão na imprensa regional ribatejana. *Mátria XXI*. Número Especial Evocativo em Memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Herança Cultural e Património Científico (2021), p. 121–139.
- MOREIRA, Teresa Lopes – O estudante universitário Joaquim Veríssimo Serrão. *Correio do Ribatejo*. 2020 [acedido 9 fevereiro 2023] em <URL <https://correiodoribatejo.pt/o-estudante-universitario-joaquim-verissimo-serrao/>>.
- OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges de – *Arquivos pessoais, arquivos de memória e o processo de indexação* (2009).
- OLIVEIRA, João Zambujo de – Joaquim Veríssimo Serrão e Marcello Caetano: uma relação de Amizade e Lealdade. *Mátria XXI*. Nº. 11 (2022), p. 515–562.
- PAPIR - Plataforma de Arquivos Pessoais e de Instituições Religiosas [acedido 4 fevereiro 2023] em <URL <https://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/arquivos/index.php/informationobject/browse?page=1&collection=91217&query=Joaquim+Ver%C3%ADssimo+Serr%C3%A3o&topLod=0&sq0=Joaquim+Ver%C3%ADssimo+Serr%C3%A3o&sort=relevance&sortDir=desc>>.
- Pasta da Educação “roubada” pela revolução. *O Mirante* - Pasta da Educação “roubada” pela revolução. .
- PEARCE-MOSES, Richard – *A glossary of archival and records terminology*. Chicago: Society of American Archivists, 2005.
- PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal: identificação e valorização*. Universidade de Évora, 2018. doctoralThesis.
- Processo respeitante ao recurso interposto pelo Dr. Joaquim Veríssimo Serrão, referente ao concurso para terceiro-conservador do Arquivo Histórico do Ministério da Finanças - Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq [acedido 9 fevereiro 2023] em <URL <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=8098527>>.

- PROTÁSIO, Daniel Estudante – Dois mestres da historiografia portuguesa: o visconde de Santarém (1791-1856) e Joaquim Veríssimo Serrão (1925-2020). *Mátria XXI*. Número Especial Evocativo em Memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Herança Cultural e Património Científico (2021), p. 113–120.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 3ª. ed. Lisboa: Gradiva, 2003.
- RAMOS, Margarida Maria Ortigão; GARCIA, Maria Madalena; PEREIRA, Maria Olinda Alves; LOMELIN, Maria Paula; NASCIMENTO, Paulo Coelho – *Dicionário de terminologia arquivística*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993.
- REIS, Maria de Fátima – Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão na História de Santarém. A minha homenagem no 95.º Aniversário. *Mátria XXI*. Número Especial Evocativo em Memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Herança Cultural e Património Científico (2021), p. 39–42.
- REMA, Henrique Pinto – *Os Caminhos de Deus e os Caminhos do Homem: Memórias de Henrique Pinto Rema, OFM*. (Inédito), 2020.
- RIBEIRO, Renato Janine – Memórias de Si, ou.... Estudos Históricos. Vol. 11, n.º 21 (1998), p. 35–42.
- RODRIGUES, Martinho Vicente – Editorial. Em *Mátria XXI - Revista do Centro de Investigação Prof. Doutor Veríssimo Serrão*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém, 2012. (I).
- ROUCHOU, JoËlle Rache; TRAVANCAS, Isabel Siqueira; HEYMANN, Luciana Quillet – *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Editora FGV, 2014.
- SAINT-GEORGES, Pierre – Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económicos, social e político. Em *Práticas e Métodos de Investigação*. Lisboa: Gradiva, p. 15–47.
- SANTIAGO-OTERO, Horacio – *Biobibliografía de Joaquim Veríssimo Serrão*. Departamento de História Medieval, Centro de Estudios Históricos del C.S.I.C., 1986.
- SANTOS, Fernando Seabra – Palavras Finais. Em *Homenagem ao Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão*. Lisboa: Editorial Verbo/Universidade de Coimbra, 2007.
- SCHÜTZ, Karla Simone Willemann – Mais que trajetórias: formas renovadas de pensar os arquivos pessoais. *Escrita da História*. (2015), p. 238–245.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *A Essência e o Destino de Portugal*. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1992.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *A História Mestra da Vida. Correio do Ribatejo*. (1946).

- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Agradecimento. Em *Homenagem ao Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – António de Gouveia (1510-1566) e o Seu Tempo. *Boletim da Faculdade de Direito*. (1966).
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Com a História não se brinca!. *O Diabo*. (2004).
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Correspondência com Marcello Caetano (1974-1980)*. Venda Nova: Bertrand Editora, 1994.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Guilherme Braga da Cruz. Em *História de Direito e Ciência Jurídica*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, 1977, p. 49-53.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*. 3ª. ed. Lisboa: Editorial Verbo, 1976. vol. I.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História e Conhecimento Histórico*. 2ª. ed. Santarém: Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, 2022.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Marcello Caetano. Confidências no Exílio*. 7ª. ed. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1985.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Meio Século ao Serviço da Universidade e da História (1947-2000)*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *O Reinado de D. António Prior do Crato, Vol. I, (1580-1582)*. 2ª ed. Santarém: Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, 2021.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Páginas de uma Vida. Em *Meio Século ao Serviço da Universidade e da História (1947-2000)*. Lisboa: Edições Colibri, 2000, p. 7-35.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Portugal: Um Destino Histórico. Em *A Essência e o Destino de Portugal*. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1992, p. 11-15.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Portugueses no Estudo de Salamanca (1250-1550). *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. Vol. III (1962).
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Reflexão para uma «História de Portugal». Em *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa: Classe de Letras*. Lisboa, 1977. Vol. XVIII.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Resposta a um Pseudo-Crítico da História de Portugal*. Lisboa: [Edição de autor], 1980.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo; PEREIRA, Artur Torres – *Amar a Universidade e Servir o País*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1973.

- SERRÃO, Joaquim Veríssimo; REIS, Maria de Fátima (coord.) – *Páginas da História de Santarém*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2008.
- SILVA, Armando Barreiros Malheiro da – Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*. Vol. III (2004), p. 55–84.
- SILVA, Carlos Guardado – Investigação Documental. Em *Manual de Investigação Qualitativa: conceção, análise e aplicações*. Lisboa: PACTOR, 2021, p. 103–123.
- SILVA, Carlos Guardado da – O lugar dos ‘Arquivos Pessoais’ na Arquivística Internacional. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Vol. 33, n.o 2 (2020), p. 95–108.
- SILVA, Paulo Marques – *A PIDE e os seus informadores. O caso de Inácio*. Coimbra: Palimage, 2019.
- TELO, António José – SEERÃO, Joaquim Veríssimo. Em *Dicionário de História do Estado Novo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996. Vol. II, p. 902.
- Tomada de Posse de Délio Santos – *RTP Arquivos* [acedido 11 fevereiro 2023] em <URL <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/tomada-de-posse-de-delio-santos/>>.
- Um historiador avesso às novas tecnologias. *O Mirante - Um historiador avesso às novas tecnologias*. [acedido 26 fevereiro 2023] em <URL <https://omirante.pt/semanario/2004-03-18/entrevista/2004-03-17-um-historiador-avesso-as-novas-tecnologias>>.
- VEIGA, Carlos Margaça – Joaquim Veríssimo Serrão, Sexto Presidente da Academia Portuguesa da História (1975-2006). Em *Os Presidentes da Academia Portuguesa da História (1937-2006)*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2021, p. 171–192.
- VEIGA, Carlos Margaça – SERRÃO, Joaquim Veríssimo. Em *Dicionário de Historiadores Portugueses: Da Academia Real das Ciências ao Final do Estado Novo* [acedidoem <URL file:///C:/Users/Jo%C3%A3o%20Z.%20Oliveira/Zotero/storage/TXPU2CFP/historiadores_verissimo_serrao.html>.
- WEHLING, Arno – Joaquim Veríssimo Serrão e a História luso-Brasileira. *Mátria XXI*. Número Especial Evocativo em Memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Herança Cultural e Património Científico (2021), p. 103–111.
- YIN, Robert K. – *Estudos de caso: planeamento e métodos*. 4a ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.